

www.autoresespiritascassicos.com

Ernesto Bozzano

A Alma nos Animais

Título do original italiano:
Animali e Manifestazioni Metapsichici

Incluindo Apêndice com
Relação de obras de Ernesto Bozzano

Perceptions Psychiques et animaux
1905



Giotto
Sermão aos pássaros



Conteúdo resumido

A literatura registra, ainda que de forma esparsa, diversos casos de fenômenos paranormais envolvendo animais de espécies variadas – em especial cães, cavalos e gatos –, cujas aparições *post-mortem* provocaram espanto e perplexidade.

Nesta obra Ernesto Bozzano apresenta mais de uma centena de casos de fenômenos supranormais, classificando-os conforme o tipo de fenômeno, e baseia-se em uma fundamentação científica para demonstrar a sobrevivência da psique animal em relação à morte do corpo físico, assim como ocorre nos seres humanos.

A sua pesquisa é estruturada em duas grandes diretrizes: a capacidade de clarividência de alguns animais em manifestações de seres desencarnados e os casos de aparição *post-mortem* de fantasmas de animais, percebida por seres humanos e mesmo por animais vivos.

Sumário

Razões para ler Ernesto Bozzano	5
Introdução	
As manifestações metapsíquicas e os animais	8
Primeira categoria	
Alucinações telepáticas em que o animal é o agente	11
Segunda categoria	
Alucinações telepáticas em que o animal é o percipiente	45
Terceira categoria	
Animal e homem percebem alucinações telepáticas coletivamente	49
Quarta categoria	
Visões de Espíritos ocorridas sem coincidência telepática e percebidas por homens e por animais	63
Quinta categoria	
Animais e pressentimentos de morte	86
Primeiro subgrupo	
Manifestações de morte percebidas coletivamente por homens e por animais	87
Segundo subgrupo	
Aparições de animais sob a forma premonitório-simbólica.....	90
Terceiro subgrupo	
Pressentimentos de morte em que animais são percipientes	92
Sexta categoria	
Animais e fenômenos de assombração	100
Primeiro subgrupo	
Animais que percebem coletivamente com o homem as manifestações de assombração	100
Segundo subgrupo	
Aparições de animais em locais assombrados	113

Razões para ler Ernesto Bozzano

“Todos os seres da criação são filhos do Pai e irmãos do homem... Deus quer que auxiliemos aos animais, se necessitarem de ajuda.

Toda criatura em desamparo tem o mesmo direito à proteção”.

Francisco de Assis

Um homem experimenta a solidão mesmo junto de outras pessoas – não há tristeza maior que a desses solitários –, mas quem desfruta a companhia de um animal de estimação jamais se sentirá só. Um cão alegre e diverte as crianças e se torna o esteio moral de idosos esquecidos pelos seus. Não é menos fascinante a companhia de um gato. Esses felinos são capazes de exprimir sentimentos e emoções – afeto, alegria, fome, sede, irritação, medo – de modo a sempre se fazerem compreender. Uma coincidência muito interessante é que nos gatos e nos seres humanos a parte do cérebro responsável pelas emoções é a mesma. No reino animal o quociente de inteligência do gato só é superado pelo de alguns símios, como os chimpanzés. Aliás, a estrutura cerebral do gato é mais semelhante à do homem do que a deste com a dos cães.

Há pelo menos quatro milênios, no Antigo Egito, os gatos já eram animais domésticos e, mais, objetos de uma adoração como se deuses fossem. Naquela época, matar um gato constituía crime punível com pena de morte.

Mais recentemente, o cientista alemão Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) escreveu que “o grau de civilização de um povo se mede pela forma com a qual trata os animais”; Léon Tolstoi (1828-1910), romancista russo, afirmou: “Maltratar animais é uma demonstração de covardia e ignorância”.

Embora não sejam dotados da capacidade de raciocinar – expressam apenas sentimentos e emoções – alguns animais são capazes de demonstrar afeto e fidelidade de uma forma tão sincera e permanente que enternecem alguns dos corações mais empedernidos. Certos cães protagonizaram, em todas as épocas, episódios inesquecíveis de heroísmo e dedicação a seus donos. A literatura registra – desde Esopo, na Grécia Antiga, a Ernesto Bozzano, nos tempos modernos – incontáveis casos em que animais desempenham papéis notáveis, muitas vezes de um modo misterioso e inexplicável.

Esta obra de Ernesto Bozzano – originalmente intitulada, em italiano, *Animali e Manifestazioni Metapsichici (Os Animais e as Manifestações Metapsíquicas)*, publicada em 1923 e traduzida neste volume sob o título *A Alma nos Animais* – apresenta uma criteriosa pesquisa em torno da fenomenologia paranormal envolvendo animais. Cerca de 130 casos foram analisados e classificados pelo autor com a máxima isenção, na medida do possível, deixando ao leitor a prerrogativa de tirar conclusões. Bozzano não oculta sua condição de espiritista, especialmente nos trechos finais do livro, mas administra sua exposição com exemplar elegância científica, sem tentar fazer do leitor um prosélito. A propósito, esta edição apresenta 29 notas explicativas, muitas das quais elaboradas com esse viés, qual seja o de contextualizar alguns conceitos eventualmente estranhos ao leitor.

Nascido em Gênova, Itália, no dia 9 de janeiro de 1862, onde também morreu, em 24 de junho de 1943, Bozzano interessou-se inicialmente, ainda na adolescência, pelo pensamento filosófico do inglês Herbert Spencer (1820-1903) e pela filosofia positivista do francês Augusto Comte (1798-1857), depois, até o fim da vida, em sentido diametralmente oposto, dedicou-se à pesquisa da fenomenologia metapsíquica: aparições, clarividência, levitação, psicomетria, materialização, telepatia, premonição, etc.. Concentrou-se, por fim, no estudo da “Ciência da alma”. Este é um de seus livros mais significativos, em que busca evidências a favor da tese da existência e sobrevivência da alma nos animais,

objetivo que perseguiu com persistência e a aplicação sistemática de metodologia científica.

Atualmente a bibliografia de Ernesto Bozzano está sob os cuidados da Fondazione Biblioteca Bozzano-De Boni, em Bolonha, Itália.

Caio Bastos Toledo

Introdução

As manifestações metapsíquicas e os animais

Assinala-se, com freqüência, que as manifestações metapsíquicas nas quais os homens aparecem como agentes ou percipientes são conhecidas desde há muito tempo por todos os povos. Ora, não se poderia dizer o mesmo para os fatos nos quais o papel de *agente* ou de *percipiente* é feito por animais.

Naturalmente, as manifestações metapsíquicas em que os protagonistas são animais podem ser circunscritas em limites de realização mais modestos do que nos casos em que os protagonistas são seres humanos. Esses limites correspondem às capacidades intelectuais das espécies animais em que os casos se produzem; no entanto, elas se mostram mais dignas de nota do que se poderia supor a princípio. Entre esses fenômenos encontram-se, de fato, episódios telepáticos nos quais os animais não fazem somente o papel de *percipiente*, mas também o de *agente*, episódios relativos aos animais que percebem, ao mesmo tempo que o homem, entidades e outras manifestações paranormais, fora de qualquer coincidência telepática; e, finalmente, episódios em que os animais percebem, tal qual o homem, as manifestações que se produzem em lugares assombrados. É necessário ainda acrescentar a essas categorias episódios de materialização de fantasmas animais, obtidos experimentalmente, e, por fim, aparições *post-mortem* de fantasmas animais *identificados*, situação esta que ostenta uma importância teórica respeitável, uma vez que ela fundamenta a hipótese da sobrevivência da alma nos animais.

A análise dessa ramificação dos fenômenos metapsíquicos foi completamente negligenciada até o momento, apesar de, nas revistas metapsíquicas e, sobretudo, nas coleções dos *Proceedings* e do *Journal* da excelente *Society for Psychical Research* de Londres, ser possível encontrar inúmeros casos desse tipo. Porém, esses casos nunca foram reunidos, classificados e estudados por ninguém; aliás, escreveu-se e discutiu-se bem pouco a

seu respeito. Portanto, não há muita coisa a ser resumida em relação às teorias que foram formuladas sobre esse assunto.

Destacarei somente que, nos comentários de certos casos isolados pertencentes à classe mais numerosa dos fenômenos em questão – aquela em que os animais percebem tal como o homem as manifestações de telepatia ou de assombração –, propõe-se a hipótese segundo a qual as percepções psíquicas dessa natureza seriam explicadas a partir de um fenômeno alucinatório criado pelos centros de idealização de um agente humano e em seguida transmitido inconscientemente aos centros homólogos do animal percipiente presente.

Para a outra categoria de fenômenos, e, mais precisamente, para aquela relativa às aparições de fantasmas de animais, supõe-se um fenômeno de alucinação puro e simples da parte do indivíduo percipiente. Porém, a análise comparada dos fatos mostra que freqüentemente os fantasmas animais são percebidos coletivamente e sucessivamente: eles se identificam, além disso, com os animais que viveram e morreram naquele local; e isto sem contar o fato de que os percipientes ignoravam que os animais vistos naquelas condições tivessem existido.

Desse modo, é necessário concluir que, de uma maneira geral, as duas hipóteses aqui apresentadas são insuficientes para dar conta dos fatos. Tal conclusão tem grande importância teórica, uma vez que nos leva a admitir a existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades paranormais existentes na subconsciência humana; ao mesmo tempo, ela nos leva a reconhecer a possibilidade de *aparições verídicas* de fantasmas animais.

Dessa conclusão se depreende todo o valor científico e filosófico desse novo ramo de pesquisa psíquica. Ela nos possibilita prever que em breve teremos que considerá-la se quisermos estabelecer a “Ciência da Alma” sobre bases sólidas, sem as quais tal Ciência pareceria incompleta e até mesmo inexplicável, tendo em vista a contribuição que nos fornece o exame analítico e as conclusões sintetizadas a respeito da “psique” – isto é, da alma – animal, o que demonstrarei no momento oportuno.

Desnecessário destacar que não pretendo de forma alguma que esta classificação – a primeira realizada sobre esse assunto – seja suficiente para analisar minuciosamente um tema tão vasto e de tamanha importância metapsíquica, científica e filosófica. Gabo-me unicamente de ter trazido uma primeira contribuição eficaz para as novas pesquisas e de ter, dessa forma, despertado o interesse das pessoas que se dedicam a esses estudos, favorecendo assim a acumulação futura de material bruto dos fatos, o que parece imprescindível para a realização das pesquisas sobre este ramo das doutrinas metapsíquicas.

Finalmente, se quisermos indicar qual a data em que se começou a levar a sério as manifestações metapsíquicas dos animais, seria necessário remontar a um comentado incidente de telepatia canina do qual Lord Henry Rider Haggard,¹ o famoso romancista inglês, foi o percipiente; tal incidente se produziu em condições tais que seria impossível pô-lo em xeque. Após uma dessas condições providenciais de tempo, de lugar e de contexto, que se encontram com frequência no início da história dos novos ramos da ciência, esse acontecimento suscitou na Inglaterra um interesse inesperado, quase exagerado: os jornais políticos dele se apossaram e o discutiram extensamente, assim como as revistas de variedades e as revistas metapsíquicas, determinando assim um ambiente favorável às novas pesquisas.

Portanto, é oportuno iniciar a classificação das “manifestações metapsíquicas nos animais” pelo caso de telepatia no qual o percipiente foi o escritor Henry Rider Haggard.

Primeira categoria

Alucinações telepáticas em que o animal é o agente

Caso 1 (Em sonho, com indício provável de possessão)

É o caso do escritor Henry Rider Haggard, que me contentarei em relatar com grande exatidão tal qual ele foi apresentado na edição de julho de 1904 da *Revue des Études Psychiques*, remetendo o leitor que desejar informações mais detalhadas ao número de outubro de 1904 do *Journal of the Society for Psychical Research*.

“O senhor Haggard narra que ele tinha se deitado tranquilamente, por volta de uma hora da madrugada do dia 10 de julho. Uma hora depois, a senhora Haggard, que dormia no mesmo quarto, ouviu seu marido gemer e emitir sons desarticulados, “tal qual um animal ferido”. Preocupada, ela o chamou. O senhor Haggard percebeu uma voz como se ela viesse de um sonho, mas não conseguiu se livrar de imediato do pesadelo que o oprimia. Quando ele acordou completamente, contou a sua mulher que tinha sonhado com Bob, o velho perdigueiro de sua filha mais velha, e que o viu se debatendo numa luta terrível, como se fosse morrer.

O sonho teve duas partes distintas. Na primeira, o romancista se lembra somente de ter experimentado uma sensação de opressão, como se estivesse a ponto de se afogar. Entre o momento em que ele ouviu a voz de sua mulher e aquele em que recuperou a consciência, o sonho adquiriu uma forma mais definida.

“Eu vi – disse o senhor Haggard – o bom e velho cão estendido sob as plantas de um pântano. Parecia-me que minha própria personalidade saía misteriosamente do corpo do cão, o qual levantava sua cabeça em direção ao meu rosto de um modo estranho. Bob se esforçava como se desejasse falar comigo e, não conseguindo se fazer entender pela voz,

transmitia-me, de maneira incompreensível, o sinal de que ele estava morrendo.”

O senhor e a senhora Haggard adormeceram novamente, e o romancista não teve mais seu sono perturbado. Pela manhã, enquanto tomava seu desjejum, ele contou à sua filha o que tinha sonhado, e riram juntos do medo que sua mãe tinha sentido: ele justificava o pesadelo com a má digestão. Quanto a Bob, ninguém se preocupou porque, na noite anterior, ele fora visto com os outros cães da vila e tinha acompanhado sua dona como de costume. Foi somente a ausência de Bob na hora do almoço cotidiano que fez com que a senhora Haggard começasse a sentir alguma inquietude, e também fazer com que o senhor Haggard suspeitasse de que se tratava de um sonho verdadeiro. Iniciaram-se assim ativas buscas que duraram quatro dias, ao termo dos quais o próprio senhor Haggard encontrou o pobre cão boiando sobre a água do pântano, a dois quilômetros da vila, com o crânio dilacerado e duas patas fraturadas.

Um exame inicial feito pelo veterinário deu a entender que o pobre cão tinha sido vítima de uma armadilha; mas, em seguida, foram encontradas provas indiscutíveis de que o cachorro fora atingido por um trem sobre a ponte que atravessava o pântano, e que tinha sido lançado, pelo impacto, entre as plantas aquáticas.

Na manhã de 19 de julho, um funcionário da estrada de ferro tinha encontrado sobre a ponte a coleira ensangüentada de Bob; não restava então nenhuma dúvida de que o cachorro realmente morrera na noite do sonho. Por acaso, naquela noite, tinha passado, um pouco antes da meia-noite, um trem extraordinário de passeio, que certamente fora a causa do acidente.

Todas essas circunstâncias puderam ser comprovadas pelo romancista graças a uma série de documentos.

Conforme o veterinário, a morte teria sido quase instantânea; ela teria acontecido duas horas antes do sonho do senhor Haggard.”

Assim se passou, em suma, o caso do escritor inglês em que se ligam várias circunstâncias de fatos que corroboram para a exclusão categórica de qualquer outra explicação que não seja a de transmissão telepática direta entre o animal e o homem.

Não se poderia tratar, de fato, de uma impulsão telepática proveniente da inteligência de uma pessoa presente e isto por diversas razões: ninguém tinha assistido ao drama nem foi sobre ele informado; a descoberta foi resultado da investigação feita pelo próprio Haggard; e, finalmente, devido à hora avançada da noite em que o fato aconteceu.

Não poderia ser um pesadelo alucinatório costumeiro, com fortuita coincidência, uma vez que as circunstâncias verídicas que encontramos na visão são realmente bastante numerosas, sem falar da própria coincidência entre o sonho e a morte do animal.

A hipótese de que se tratava de um caso de telestesia – no qual o drama teria sido pressentido a distância pelo romancista – pode ser descartada, visto que para isso o percipiente deveria, ao contrário do que realmente se passou, permanecer passivo. Como se pode ver, ele foi submetido a um fenômeno notável de “personificação” ou de “possessão”. Esse fenômeno – assim como foi observado pelo editor do *Journal of the S. P. R.* – propicia um paralelo interessante com as “personificações” e as “dramatizações”² observadas com freqüência pelos sensitivos ou médiuns em estado de transe.

Finalmente, não se poderia tratar também de um sonho premonitório através do qual Haggard teria pressentido o acontecimento, não no momento em que ele se passava, mas na circunstância da descoberta do cadáver do animal no pântano, que aconteceu alguns dias depois; com efeito, com essa solução não podemos explicar nada; nem o fato da coincidência verídica entre a experiência onírica e o acontecimento, nem o fenômeno da dramatização também verídica, nem o caso, tão notável, de “personificação” ou de “possessão”.

Estas são as principais considerações que contribuem para provar de maneira incontestável a realidade do fenômeno de

transmissão telepática direta entre o animal e o homem. Acredito tê-las enumerado a fim de responder a algumas objeções que vieram de todos os lados, depois que a *Society for Psychical Research* acolheu e analisou o caso em questão.

Igualmente, as mesmas considerações poderão servir de regra ao leitor para julgar o valor da hipótese telepática relativa aos casos que se seguem.

Caso 2 (Em sonho – 10 de fevereiro de 1885)

Recolhi este episódio do *Journal of the S. P. R.* (vol. II, pág. 22), onde foi relatado por E. W. Phibbs:

“Na primeira segunda-feira de agosto de 1883 (férias do comércio) encontrava-me em Ilfracombe. Por volta das 22 horas fui me deitar e adormeci rapidamente. Fui acordado às 22:30 por minha mulher, que estava entrando no quarto. Contei-lhe que acabara de sonhar com meu velho cão Fox estendido, machucado e agonizante, ao pé de um muro. Não possuía uma idéia exata a respeito do local; apesar disso, notei que se tratava de um desses “muros secos” bem característicos da região do condado de Gloucester. Inferi que o cão devia ter caído de um daqueles muros, mais ainda porque ele tinha o costume de escalá-los. No dia seguinte, recebi de minha casa (em Barton End Grange, Nailsworth) uma carta escrita por minha empregada, que me advertia que Fox não aparecia há dois dias. Respondi-lhe rapidamente, pedindo-lhe para realizar buscas mais minuciosas. No domingo, recebi uma carta que tinha sido escrita no dia anterior e na qual me informavam que o cão fora atacado e morto por dois cães buldogues, na noite da última segunda-feira.

Retornei a minha casa 15 dias depois e iniciei rapidamente uma investigação, donde constatei que na referida segunda-feira, por volta das 17 horas, uma mulher tinha visto dois buldogues atacarem e dilacerarem ferozmente meu cão. Outra mulher, que morava não muito longe dali, disse que por volta das 21 horas encontrara meu cão agonizando ao pé de um muro que ela me mostrou e que eu via pela primeira vez.

No dia seguinte, pela manhã, o cão tinha desaparecido. Soube em seguida que o dono dos buldogues, ao saber o que se passara e temendo as conseqüências, teve o cuidado de enterrá-lo por volta das 22:30 da mesma noite. A hora do acontecimento coincidia com a do meu sonho.”

O caso que acabamos de ler foi citado inúmeras vezes pelo professor Charles Richet ao longo de seu *Traité de Métapsychique*,³ no intuito de demonstrar que ele poderia ser explicado a partir da “criptestesia”,⁴ não sendo necessário, portanto, supor um fenômeno de telepatia em que o animal teria feito o papel de agente e seu dono o de percipiente. Richet afirma: “É muito mais sensato supor que foi *a noção desse fato* que acometeu seu espírito, ao invés de admitir que a alma de Fox tivesse ido perturbar o cérebro do senhor Phibbs” (pág. 330).

Com a expressão “a noção desse fato”, o senhor Richet remete à sua hipótese de “criptestesia”, segundo a qual as coisas existentes, assim como a ocorrência de qualquer ação nos mundos animado ou inanimado, liberariam vibrações *sui generis* perceptíveis aos sensitivos, os quais, dessa maneira, estariam teoricamente em condições de conhecer tudo aquilo que se passa, se passou ou se passará no mundo inteiro.

Respondi a essa hipótese num longo artigo publicado na *Revue Spirite* (1922, pág. 256), no qual contestava essa suposta onisciência das faculdades subconscientes, demonstrando através da análise dos fatos que as faculdades em questão eram, ao contrário, condicionadas – e, portanto, limitadas – pela necessidade absoluta da “relação psíquica”, ou seja, se não existisse previamente algum laço afetivo, ou, em casos mais raros, relações de simples conhecimento entre o agente e o percipiente, as manifestações telepáticas não se poderiam realizar. Em seguida, referindo-me ao caso em questão, eu segui dizendo:

“Se ignorarmos que o pensamento do cão, voltado com intensa ansiedade para seu protetor ausente, foi o agente determinante do fenômeno telepático, ou, em outros termos, se ignorarmos que o fato pôde se realizar graças à existência de uma “relação afetiva” entre o cão e seu dono, então não po-

demos nos impedir de nos indagar: Por que o senhor Phibbs viu, exatamente naquela noite, seu cão padecendo e não viu os outros animais que, ao longo daquela mesma noite, agonizavam um pouco em toda parte? Impossível responder a essa questão de outra forma que não seja a que reconhece que o senhor Phibbs não viu os animais morrendo no matadouro nem alhures porque nenhuma relação psíquica, qualquer que fosse, existia entre ele e aqueles animais: ele viu, ao contrário, a agonia de seu cão porque existiam laços afetivos entre ele e o animal e porque, naquele instante, o animal agonizante voltava intensamente seu sentimento para seu protetor ausente; circunstância esta que não tem nada de inverossímil e que é, ao contrário, bem provável no caso de um pobre animal morrendo e com uma urgente necessidade de assistência.”

Concluo que o fundamento de tais deduções permanece incontestável. De qualquer forma, nossos leitores encontrarão na presente classificação inúmeros exemplos de diferentes tipos, os quais, além de confirmar largamente minha maneira de enxergar, contradizem a hipótese de uma “criptestesia” onisciente.

Caso 3 (Em sonho)

Retiro o caso seguinte do livro de Camille Flammarion *L'Inconnu et les Problèmes Psychiques*, pág. 413; relatado pela senhora R. Lacassagne (nascida Durant), de Castres, França:

“Permito-me ainda citar um fato pessoal que se passou e que muito me surpreendeu; porém, como dessa vez trata-se de um cão, talvez não tenha o direito de abusar do tempo dos senhores. Desculpo-me indagando-me em que ponto os problemas terminam.

Era ainda uma menina e possuía freqüentemente em sonho uma lucidez surpreendente. Tínhamos uma cachorra de uma inteligência pouco comum; eu era particularmente apegada a ela, embora a acariciasse bem pouco. Numa noite, sonhei que ela morreu e que me olhava com olhos humanos. Ao despertar, disse à minha irmã: “Lionne morreu; eu sonhei;

tenho certeza”. Minha irmã riu e não acreditou em mim. Nós chamamos a empregada e pedimos-lhe que chamasse a cadeira. Nós a chamamos, mas ela não veio. Nós a procuramos por toda parte e, finalmente, encontramos-a morta num canto. Ora, à véspera, ela não estava de forma alguma doente, e meu sonho não tinha sido provocado por nada.”

Neste caso, a hipótese mais verossímil é também a de que o animal agonizante tenha voltado ansiosamente seu sentimento para sua dona, provocando assim a impressão telepática percebida por ela em sonho. Entretanto, esse episódio é bem menos provável que aquele que o precede; tanto mais porque dessa vez não temos detalhes que permitam eliminar a outra hipótese, ou seja, a de um possível fenômeno de clarividência⁵ em sonho.

Caso 4 (Impressão)

Eu o extraio da revista *Light*, de Londres, Inglaterra (1921, pág. 187). O narrador é o senhor F. W. Percival, que escreveu:

“O senhor Everard Richard Calthrop, importante criador de cavalos puro-sangue, em seu recente livro intitulado *The Horse as Comrade and Friend* (Edição Hutchinson & Co, 242 págs., 1920), conta que há alguns anos ele possuía uma magnífica égua chamada “Windemers”, à qual ele era profundamente apegado; a égua lhe retribuía tal afeto com um efetivo transporte, o que dá ao presente caso um caráter realmente comovente. O destino quis que a égua se afogasse num pântano próximo à fazenda do senhor Calthrop, e ele expôs assim as impressões que teve naquele trágico momento:

“Às 3:20 da manhã do dia 18 de março de 1913, acordei de um sono profundo num ímpeto, não por causa de algum barulho ou relinchar, mas por causa de um chamado de ajuda que transmitia – não compreendi de que maneira – minha égua “Windemers”. Eu escutei e não se ouvia sequer um som na noite calma; assim que fiquei completamente acordado, senti vibrar em meu cérebro, em meus nervos, o chamado desesperado de minha égua; soube que ela estava di-

ante de um enorme perigo e invocava um auxílio imediato. Vesti um sobretudo, calcei minhas botas, abri a porta e me pus a correr no parque. Não ouvia os relinchares nem as queixas, mas sabia, de uma maneira incompreensível e prodigiosa, de que lado vinha esse sinal de “telégrafo sem fio”, embora o mesmo enfraquecesse rapidamente. Assim que saí, dei-me conta, com espanto, de que o sinal vinha do lado do pântano. Corria, mas sentia que as ondas vibratórias do “telégrafo sem fio” ressoavam cada vez menos em meu cérebro; quando cheguei à beira do pântano, elas tinham cessado. Ao olhar as águas, percebi que elas estavam ainda sendo remexidas por pequenas ondas concêntricas que vinham até a margem; no meio do pântano notei uma massa negra que se definia de maneira sinistra com a primeira claridade da aurora. Compreendi rapidamente que lá estava o corpo da minha pobre “Windemers” e que, infelizmente, eu tinha respondido muito tarde ao seu chamado: ela estava morta.”

O senhor F. W. Percival, ao reproduzir esse relato na *Light* (1921, pág. 187), ressaltou:

“Realmente, em casos como estes, não há o testemunho do agente; porém, isto não impede que as três regras de Fredrich W. H. Myers – elaboradas para distinguir os casos telepáticos⁶ daqueles que não o são – sejam, de qualquer forma, aplicáveis ao caso em questão. As três regras são as seguintes:

- 1) que o agente tenha se encontrado em uma situação excepcional (neste caso, o agente lutava contra a morte);
- 2) que o receptor tenha sentido/experimentado algo psicologicamente excepcional, inclusive uma sensação de que o agente era conhecido (neste caso, a impressão que revela o agente é manifesta);
- 3) que os dois incidentes coincidam do ponto de vista temporal (esta condição é também observada).”

Poderíamos acrescentar que o impulso telepático foi pontual e intenso o bastante a ponto de despertar o percipiente de um sono

profundo, de fazê-lo imediatamente perceber que se tratava de um pedido de socorro de sua égua e de orientar seus passos, sem nenhuma hesitação, em direção ao local onde o drama se passava. Assim sendo, não me parece que seja possível colocar em dúvida o caráter realmente telepático do acontecimento.

Caso 5

Encontrei-o no *Journal of the S. P. R.* (vol. XII, pág. 21).

A senhora Carbery, mulher de Lord Carbery, enviou do castelo de Freke, condado de Cork, o seguinte relato, datado de 23 de julho de 1904:

“Ao longo de uma quente tarde de domingo, no verão de 1900, após o almoço me preparava para uma de minhas visitas costumeiras às cocheiras, a fim de distribuir açúcar e cenouras para os cavalos; entre os animais, havia uma égua amedrontada e nervosa chamada Kitty, de quem eu gostava muito. Uma forte simpatia existia entre nós. Montava nela em todas as manhãs antes do almoço, fizesse chuva ou Sol. Eram passeios tranquilos e solitários pelas colinas que beiravam o mar, e sempre me parecera que Kitty se divertia, como eu, com esses passeios no frescor da manhã.

Na tarde em questão, ao sair da cocheira, fui sozinha ao parque, percorri uns 400 metros e em seguida me sentei à sombra de uma árvore com um livro muito interessante; minha intenção era ficar ali por aproximadamente duas horas. Após vinte minutos, um influxo de sensações terríveis veio se interpor entre mim e minha leitura; ao mesmo tempo, eu tinha certeza de que algo penoso tinha acontecido com minha égua Kitty. Tratei de afastar essa impressão, continuando com minha leitura, mas ela aumentou de tal maneira que fui obrigada a fechar meu livro e me dirigir às cocheiras. Chegando lá, fui rapidamente ao boxe de Kitty; eu a encontrei estendida no chão, agonizando e necessitando de socorro urgente. Fui imediatamente procurar os cocheiros, que estavam em outra parte afastada do local; eles se apressaram em prestar ao animal os cuidados necessários. Foi grande a sur-

presa deles ao me ver aparecer na cocheira pela segunda vez, uma circunstância absolutamente insólita.”

O cocheiro que prestou os cuidados à jumenta naquela ocasião confirmou assim esse relato:

“Na época eu era cocheiro no castelo de Freke e Lady Carbery veio durante a tarde distribuir, como de costume, açúcar e cenouras aos cavalos. Kitty estava solta em seu boxe e completamente saudável. Logo depois, voltei para meus aposentos e os empregados da cocheira subiram para seus quartos. Fiquei surpreso ao ver, meia hora ou quarenta e cinco minutos depois, a senhora voltar e nos pedir para prestar socorro a Kitty, que estava estendida no chão, acometida por uma dor repentina. Nesse meio tempo, nenhum de nós tinha entrado nas cocheiras.”

Edward Nobbs

O segundo relato é menos impressionante do que o primeiro: a impressão telepática sentida pela senhora Carbery foi também menos precisa; todavia, tal impressão foi forte o bastante para convencer a percipiente de que as sensações que ela experimentava indicavam que a égua Kitty tinha uma urgente necessidade de socorro e para fazê-la imediatamente ir ao encontro do animal. Ora, estas circunstâncias de natureza excepcional e com uma significação precisa e sugestiva são suficientes para permitir uma conclusão a favor do caráter telepático do caso em questão.

Caso 6 (Impressão)

Este caso foi publicado na revista *Light* (1915, pág. 168). O senhor Mildred Duke, conhecido sensitivo e autor de artigos aprofundados sobre assuntos metapsíquicos, narrou o seguinte fato que ocorreu com ele:

“Há alguns dias, demorei-me escrevendo até tarde da noite, absorvido pelo assunto do qual tratava, quando fui literalmente invadido pela sensação de que minha gata precisava de mim. Tive que me levantar e ir procurá-la. Após ter inutilmente revirado a casa, fui até o jardim e, como a escu-

ridão me impedia de ver, pus-me a chamá-la. Percebi enfim um fraco miado a distância; cada vez que repetia meu chamado, o miado me respondia, mas a gata não vinha. Então, entrei para pegar uma lanterna; em seguida atravessei a horta e fui até o campo, de onde me parecia que os miados vinham; após algumas buscas, encontrei minha gata numa cerca, presa em uma armadilha feita para coelhos, com o nó correção apertando-lhe o pescoço. Se ela tivesse se esforçado em retirá-lo para se libertar, certamente seria estrangulada; felizmente, ela foi inteligente o bastante para não se mexer e também para enviar a mim uma mensagem de pedido de socorro pelo “telégrafo sem fio”.

Essa é uma gata à qual sou bastante apegado; não foi a primeira vez que uma relação telepática se estabeleceu entre nós. Há alguns dias, acreditávamos que ela tinha fugido, uma vez que não a encontrávamos em lugar nenhum e em vão a chamávamos por todo o jardim. De repente, por uma espécie de fotografia mental, eu a vi presa em uma pequena peça vazia sob os telhados da casa, cômodo este que sempre ficava fechado. A visão era verídica: a gata, não se sabe como, tinha se prendido ali. Teria ela então me enviado, também desta vez, uma mensagem telepática para me prevenir de sua prisão?

Neste caso também é impossível duvidar da gênese telepática das duas impressões sensoriais pressentidas pelo autor do relato.

Caso 7 (Impressões)

Eu o encontro no *Journal of the S. P. R.* (vol. XI, pág. 323). O senhor J. F. Young comunica o incidente que segue e que lhe é pessoal:

“New Road, Lanally, 13 de novembro de 1904.

Possuo um cão *fox-terrier* de cinco anos e que eu mesmo vi crescer. Sempre gostei muito dos animais, principalmente dos cães. Este de quem falo retribui enormemente meu afeto, tanto que não posso ir a lugar nenhum, nem sequer deixar meu quarto, sem que ele me siga constantemente. É um tre-

mendo caçador de ratos; como a despensa é às vezes freqüentada por esses roedores, coloquei ali uma caminha, bastante confortável, para Fido. No mesmo cômodo havia uma fornalha, onde foi incorporado um forno para assar pães, assim como uma caldeira para a roupa, munida de um tubo que desemboca na chaminé. À noite, nunca deixei de acompanhar o cachorro até sua cama antes de me deitar.

Eu já tinha me trocado e ia dormir, quando, de repente, fui invadido pela inexplicável sensação de um perigo iminente. Não podia pensar em outra coisa que não fosse *fogo*, e a impressão foi tão forte que acabei por me entregar a ela. Eu me vesti novamente, desci e me pus a vasculhar cada cômodo do apartamento, a fim de me assegurar de que tudo estava bem e em ordem. Ao chegar à cozinha, não vi Fido; supondo que ele poderia ter saído dali para ir ao andar superior, eu o chamei em vão. Fui imediatamente à casa de minha cunhada para saber se ela tinha alguma novidade; porém, ela não sabia de nada. Comecei a me preocupar. Voltei imediatamente para a despensa e chamei inúmeras vezes o cão, embora inutilmente como sempre. Não conseguia imaginar o que podia ter acontecido. De repente, dei-me conta de que, se tinha algo que faria o cão responder, era com certeza a frase “Vamos passear, Fido!”, convite que o fazia vibrar de felicidade. Eu então a pronunciei e uma queixa contida, como que atenuada pela distância, chegou dessa vez até meus ouvidos. Eu recomecei e ouvi distintamente a queixa de um cão em apuros. Tive tempo para me certificar de que o barulho vinha de dentro do tubo que ligava a caldeira à chaminé. Não sabia como fazer para retirar o cão dali; os minutos eram preciosos e sua vida estava em perigo. Peguei uma enxada e comecei a romper a muralha naquele ponto. Finalmente consegui, com bastante dificuldade, tirar Fido dali, meio sufocado, aturdido pelos esforços de vômito, com a língua e o corpo completamente pretos de fuligem. Se tivesse demorado alguns minutos a mais, meu querido cão estaria morto; e como utilizávamos raramente a caldeira, provavelmente não teria conhecido o desfecho de sua história. Minha cunhada foi a-

traída pelo barulho; juntos, descobrimos um ninho de ratos dentro da fornalha, ao lado do tubo. Fido, logicamente, tinha perseguido um rato dentro do tubo, de tal maneira que não pôde se virar e sair de lá de dentro.

Tudo isto se passou há alguns meses e foi, então, publicado na imprensa local. Mas jamais teria pensado em comunicar o fato a esta Sociedade se não tivesse se produzido, ente estes fatos, o caso do senhor Henry Rider Haggard.”

J. F. Young

A senhorita E. Bennett, cunhada do signatário, confirmou o relato de seu parente.

Para outras informações sobre este episódio, remeto o leitor ao *Journal of the S. P. R.*, vol. XI, pág. 323.

Este caso de telepatia por “impressão” difere sensivelmente daqueles que o precedem e onde o traço característico essencial de impulso telepático consistia na percepção exata de um chamado emanado de um animal em apuros e da localização intuitiva do local onde o animal se encontrava. Aqui, ao contrário, a impressão que acomete o receptor lhe sugere a idéia de um perigo iminente relacionado ao *fogo*. Entretanto, a impressão é forte o bastante para levá-lo a se vestir com toda pressa e ir inspecionar a casa; de modo que, ao chegar à cozinha e perceber a ausência do cão, ele o chama, procura por ele e o salva. Segue daí que, neste caso, a mensagem telepática se realiza de maneira imperfeita, adquirindo uma forma simbólica – o que não diminui em nada seu valor intrínseco, posto que esta circunstância não constitui de forma alguma uma dificuldade teórica. Sabe-se que as manifestações telepáticas, na sua passagem do subconsciente para o consciente, seguem “a via de menor resistência”, condicionada pelas idiosincrasias específicas do receptor. Elas consistem principalmente no “tipo sensorial” do percipiente (visual, auditivo, motor, etc.) e, em seguida, nas condições dos meios em que ele vive (hábitos, repetição dos mesmos incidentes na vida cotidiana). Resulta disso que, quando o impulso telepático não consegue se realizar na forma mais direta, ele se transforma numa modalidade de percepção indireta ou simbólica que traduz

com maior ou menor fidelidade o pensamento do agente telepatizante, mas permanecendo como sempre relacionado com o pensamento do agente em questão. Assim sendo, deveríamos dizer que, no caso que examinamos, o chamado ansioso do cão em apuros tinha certamente conseguido impressionar o subconsciente do percipiente, mas, para atingir seu consciente, ele deve ter perdido grande parte de sua nitidez, transformando-se numa vaga impressão de perigo iminente relacionado com o *fogo*, o que correspondia, mais uma vez à realidade, posto que o animal se encontrava efetivamente preso e em risco de morte por asfixia no tubo da fornalha.

Caso 8 (Auditivo)

O professor Emilio Magnin comunica aos *Annales des Sciences Psychiques* (1912, pág. 347) o caso seguinte:

“Acabo de ler com grande interesse o relato que o senhor fez nos *Annales* sobre o cachorro Bobby. Um caso mais ou menos parecido me foi confiado, há alguns anos, pelo senhor P. M., advogado de enorme talento e muito solicitado em Paris... Eu lhe ofereço este breve relato, convencido de que, por causa de sua analogia com o caso Bobby, ele interessará aos seus leitores.

O senhor P. M., advogado do Tribunal de Segunda Instância, possuía uma cachorra espanhola chamada Creola. Ele ficava com ela em Paris e ela dormia na galeria, atrás da porta de seu quarto. Todas as manhãs, ao primeiro movimento de seu dono, ela arranhava a porta e latia até ele a abrir para ela.

Durante uma temporada de caça, o senhor P. M. deixou sua cachorra Creola aos cuidados de um guarda de caça em Rambouillet.

Num sábado pela manhã, bem cedo, o senhor P. M. ouviu alguém arranhar e ganir na porta; bastante surpreso em ouvir sua cachorra, ele se levantou prontamente, convencido de que seu guarda de caça tinha vindo a Paris para dar uma notícia urgente. Foi grande sua estupefação ao ver que nem o

guarda nem a cachorra estavam ali. Duas horas depois, um telegrama do guarda lhe informava que Creola tinha sido acidentalmente morta por um caçador.”

Também neste caso, em que a alucinação verídica foi de natureza auditiva, não me parece ser possível duvidar da origem verdadeiramente telepática da manifestação. E no que concerne às condições em que o episódio se desenrolou, é útil sublinhar que elas mostram que o impulso telepático foi, dessa vez, de natureza indireta ou simbólica. Remetendo-nos às considerações que desenvolvemos sobre este assunto, concluimos que, como a cachorra morta tinha, quando viva, o hábito de arranhar a porta de seu dono e de latir até que ele a deixasse entrar, o impulso telepático, não conseguindo se realizar de maneira direta, chegou até ele de maneira indireta e simbólica, revestindo as modalidades de realização mais familiares ao percipiente e em relação ao pensamento do agente. Destacarei que, neste caso, a circunstância de uma lei fundamental das manifestações telepáticas, realizando-se rigorosamente, inclusive quando se trata de um agente animal, oferece um grande valor teórico, visto que é óbvio deduzir a partir daí que, se as manifestações telepáticas animais se igualam às mesmas leis que as manifestações telepáticas humanas, a identidade da natureza do elemento espiritual em ação em ambas as circunstâncias resulta delas.

Caso 9 (Auditivo-coletivo)

Eu destaco do *Journal of the S. P. R.* (vol. 4, pág. 289), o caso seguinte, relatado pela senhora Beauchamp, de Hunt Lodge, Twiford, em carta endereçada à senhora Wood, de Colchester, do qual reproduzimos a seguinte passagem:

“Megatherium” é o nome do meu cachorrinho hindu, que dorme no quarto da minha filha. Na noite passada, levantei-me de supetão ao escutá-lo pular no quarto. Conheço bem suas maneiras de pular, bastante características. Meu marido, por sua vez, não demorou a acordar. Eu lhe perguntei: “Está ouvindo?” e ele me respondeu: “É Meg”.

Acendemos rapidamente uma vela, olhamos por toda parte, mas nada pudemos encontrar no quarto; no entanto, a porta estava realmente fechada. Então, veio-me a idéia de que uma desgraça tinha acontecido com Meg; tinha a sensação de que ele tinha morrido naquele exato momento; olhei o relógio para ter certeza da hora e cismeiei que tinha de descer e ir imediatamente me certificar da intuição. No entanto, isso me parecia bastante absurdo e, além do mais, estava tão frio... Permaneci por um instante indecisa, e o sono me venceu.

Pouco tempo deve ter se passado até o momento em que alguém veio bater à porta; era minha filha que, com uma enorme expressão de tristeza, avisou-me: “Mamãe, mamãe, Meg está morrendo”. Descemos pela escada e encontramos Meg virado de lado, com as pernas alongadas e rígidas, como se já estivesse morto. Meu marido o levantou dali e certificou-se de que o cão ainda vivia: ele não se deu conta imediatamente do que havia acontecido. Constatamos enfim que Meg, sabe-se lá como, enrolou ao redor de seu pescoço a fita de sua roupinha de tal maneira que quase foi estrangulado por ela. Nós o livramos imediatamente e, assim que o cão pôde respirar, não demorou a se reanimar e a se recuperar.

Doravante, se me for dado sentir sensações dessa natureza em relação a alguém, proponho-me ir socorrer sem delongas. Juraria ter ouvido os saltinhos tão característicos de Meg ao redor da cama e meu marido pôde dizer o mesmo.”

Para outras informações sobre este assunto, remeto o leitor ao citado jornal.

Neste caso, mais uma vez, a gênese genuinamente telepática parece indubitável (tanto mais porque, dessa vez, duas pessoas tiveram as impressões auditivas); mais uma vez aqui, afirmo, a manifestação telepática se processa de forma simbólica: um chamado urgente de socorro, vindo da mentalidade do cão agente, chega ao percipiente transformado num eco característico do saltinho que o animal repetia todas as manhãs ao redor da cama

de seus donos. Ora, é incontestável que uma percepção telepática dessa categoria, ao considerar as circunstâncias em que ela se produziu, não podia constituir a expressão exata do pensamento do cão, mas unicamente uma tradução simbólico-verídica do pensamento em questão. De fato, se é lógico e natural pensar que um animal a ponto de morrer estrangulado tenha voltado intencionalmente seu pensamento para aqueles que eram os únicos em condições de salvá-lo, não seria, ao contrário, de modo algum admissível que o animal, naquele instante supremo, tenha pensado em outra coisa a não ser nas estripulias costumeiras que fazia todas as manhãs ao redor da cama de seus donos.

Caso 10 (Auditivo, com percepção luminosa coincidente)

Retiro o caso que segue do vol. VIII, pág. 45, dos *Annales des Sciences Psychiques*, o qual tinha sido reproduzido a partir da revista italiana *Il Vessillo Spiritista*:

“A senhora Ludow Krijanowsky, filha do general de mesmo nome e irmã da senhorita Wera Krijanowsky (atualmente senhora Semenoff), conta-nos o fato que aconteceu com ela e que se relaciona com a questão imensamente debatida sobre a alma nos animais...

Trata-se de um cachorrinho que era nosso favorito, principalmente de Wera; um pouco por causa desse afeto e dos mimos exagerados, o animal ficou doente. Sofria com falta de ar e tossia; o veterinário que tratava dele não imaginava que a doença fosse grave. Todavia, Wera se preocupava muito com o animal; ela se levantava durante a noite para lhe fazer massagens e lhe dar os remédios; contudo, ninguém imaginava que ele pudesse morrer.

Certa noite, o estado de Bonika (era esse o nome do cachorrinho) piorou de repente; ficamos apreensivos, principalmente Wera, e decidimos que logo pela manhã iríamos ao veterinário, pois se tivéssemos nos contentado em chamá-lo, ele teria vindo somente à noite.

Assim, pela manhã, Wera e nossa mãe se foram com o pequeno enfermo: eu fiquei em casa e comecei a escrever. Es-

tava tão concentrada que esqueci de que os meus tinham partido; de repente, num piscar de olhos, ouvi o cachorrinho tossir no quarto ao lado. Era ali que se encontrava o cesto e, desde que ele tinha ficado doente, mal começava a tossir ou a gemer que um de nós ia ver se ele precisava de algo, dávamos-lhe algo para beber e administrávamos os remédios dele, ou então refazíamos o curativo que ele tinha no pescoço.

Por costume, levantei-me e me aproximei do cesto; ao vê-lo vazio, lembrei-me de que Wera e mamãe tinham saído com Bonika e fiquei perplexa, pois a tosse era tão barulhenta e tão distinta que era preciso rejeitar qualquer engano.

Estava ainda pensativa diante do cesto vazio quando, perto de mim, ouvi um ganido parecido com os que Bonika fazia para nos receber quando chegávamos; em seguida, um segundo ganido parecia vir do quarto ao lado; finalmente, uma terceira queixa parecia se perder no infinito.

Confesso que fui tomada e invadida por uma penosa tremedeira; em seguida, veio-me a idéia de que o cachorrinho tinha morrido. Quando olhei para o relógio de mesa, ele marcava 11:55.

Preocupada e agitada, fui até a janela e esperei impaciente pelos meus. Ao ver Wera voltar sozinha, corri em sua direção e lhe disse sem refletir: “Bonika está morto”. “Como é que você sabe?”, disse ela, perplexa. Antes de responder, perguntei-lhe se ela sabia qual a hora exata que ele tinha morrido. “Alguns minutos antes do meio-dia”, respondeu-me ela, contando-me o que tinha se passado:

“Assim que chegamos ao veterinário, lá pelas onze horas, este já tinha saído; o empregado pediu-nos para aguardarmos alguns instantes, visto que ao meio-dia seu patrão deveria estar de volta, pois era a hora em que ele normalmente recebia os pacientes. Então ficamos, mas como o cachorrinho se mostrava agitado como sempre, eu o coloquei ora sobre o divã ora no chão e consultei impacientemente o relógio. Para minha grande alegria, constatei que não faltavam mais de

alguns minutos para o meio-dia, no momento em que o cachorrinho começou a sentir falta de ar. Quis colocá-lo sobre o divã, mas quando o levantei, vi, de repente, o animal, assim como as suas patas, cobrindo-se de uma luz purpúrea muito intensa e brilhante;⁷ nada compreendendo do que acontecia, eu gritei: “Fogo!”. Mamãe nada viu, mas como ela estava de costas para a lareira, pensou que o fogo estivesse em seu vestido e se virou assustada: ela verificou que não havia fogo na lareira, mas, logo em seguida, constatamos que o cachorrinho acabara de morrer, o que fez com que mamãe nem pensasse mais em censurar-me por causa de meu grito intempestivo e do susto que lhe tinha causado.”

Constatei que este fato reveste, por sua vez, um caráter simbólico. Nada mais freqüente, de fato, que estes casos de transformação mais ou menos aberrante dos impulsos telepáticos em conformidade com as idiossincrasias dos receptores. Contudo, quando os episódios desta natureza se realizam entre os seres humanos e cujo agente é um defunto, é possível supor que eles possam acontecer, por vezes, segundo a vontade do agente, o qual se conformaria então às idiossincrasias do percipiente; e assim o é, inclusive quando as modalidades pelas quais esses episódios se manifestam ainda dependem do fato de que um impulso telepático tenha necessariamente que seguir a “via de menor resistência” para chegar à consciência do receptor. Nas coletâneas dos casos publicados pela *Society for Psychical Research* encontra-se um episódio em que uma Entidade se manifesta simultaneamente de três maneiras diferentes a três pessoas, em que uma percebe o fantasma, a outra ouve a voz que pronuncia uma frase de cumprimento e a terceira percebe um perfume suave de violetas, perfume que coincide com a circunstância que o cadáver do finado sobre a cama tinha sido literalmente coberto de violetas. Ora, em circunstâncias como esta, seria racional supor que a Entidade que se manifestava tenha agido por propósitos deliberados, de diversas maneiras, ao mesmo tempo em que se conformava às idiossincrasias pessoais dos percipientes, isto é, ela se manifestou de maneira objetiva na pessoa do “tipo visual”, transmitiu uma frase de cumprimento à

pessoa do “tipo auditivo” e, finalmente, desencadeou uma sensação olfativa na pessoa cuja “via de menor resistência” era constituída pelo sentido olfativo. O incidente que torna possível essa variante explicativa é constituído pela frase de cumprimento percebida pela pessoa do “tipo auditivo”, frase esta que pode dificilmente ter sido inventada, na passagem do subconsciente ao consciente, de um só impulso telepático, enquanto que tudo se explicaria facilmente com a suposição de que a frase em questão tivesse sido pensada e transmitida pela Entidade que se comunicava.

Voltando ao caso em análise, destaco nele uma circunstância de fato que complica a interpretação teórica: o cachorrinho Bonika morreu nos braços de sua dona. Isto nos leva a pensar que o animal prestes a morrer não tinha razões emocionais que pudessem fazer com que seu pensamento voltasse para outra pessoa da família que tinha ficado em casa, determinando aleatoriamente um fenômeno telepático. Nessas condições, deveríamos concluir que, provavelmente, acontece com os animais o que acontece amiúde com os seres humanos, isto é, o enfermo direcional, ao morrer, manifestações telepáticas pelo simples fato de emitir um sentimento de pesar ao meio distante em que viveu feliz por longo tempo. Todavia, destaco que, nos casos que envolvem seres humanos, existiria uma outra explicação, de natureza espiritual e não telepática, isto é, em circunstâncias especiais, o Espírito do falecido, tão logo tenha se desprendido dos laços materiais, voltaria ao meio no qual viveu e se esforçaria em fazer com que sua presença fosse sentida por seus familiares.

Quanto ao fenômeno luminoso percebido por Wera, que tinha em seus braços Bonika no momento de sua morte, este não remete às manifestações que examinamos; apesar de que, sob uma outra perspectiva, ele não deixa de ser interessante e sugestivo, uma vez que fenômenos análogos se realizam algumas vezes no leito de morte dos seres humanos.

Caso 11 (Visual)

Retiro o presente caso de um interessante artigo de Elisabeth d'Espérance,⁸ publicado pela revista *Light*, datado de 22 de outubro de 1904, pág. 511:

“... Uma só vez aconteceu comigo algo parecido com uma prova *pessoal* da presença em espírito de um animal que tinha conhecido em vida. Tratava-se de uma pequena *fox-terrier*, a favorita de minha família, a qual, após a partida de seu dono, tinha sido dada a um de seus admiradores que morava a uns 700 quilômetros de nós. Um ano depois, quando entrava pela manhã na copa, vi, para minha grande surpresa, a pequena Morna correndo e saltitando ao redor do quarto, aparentemente tomada por um frenesi de alegria; ela girava, girava, ora se escondendo sob a mesa, ora se enfiando por debaixo das cadeiras, como tinha o costume de fazer em seus momentos de excitação e de alegria, após um silêncio mais ou menos longo na casa. Obviamente concluí que o novo dono de Morna a tinha trazido para nossa casa, ou então que a pequena Morna tinha conseguido sozinha encontrar o caminho de seu antigo lar. Fui logo em seguida questionar os outros membros da família a esse respeito, mas ninguém sabia de nada; aliás, embora a procurássemos por toda parte e a chamássemos pelo nome, Morna não se apresentava. Imaginamos então que eu poderia ter sonhado ou, senão, que eu poderia ter sido vítima de uma alucinação; após isso, o incidente foi rapidamente esquecido.

Vários meses depois, ou talvez um ano tenha se passado antes de encontrarmos o novo dono de Morna. Quisemos logo saber notícias dela. Ele nos disse que Morna tinha morrido após uma série de ferimentos que tinha sofrido durante uma briga com um cão enorme. Ora, pelo que pude constatar, o combate tinha se passado na mesma data ou um pouco antes do dia em que eu a tinha visto (em espírito) saltitar, correr e rodear a copa do seu antigo lar.”

Este relato lembra a última consideração que fiz sobre o assunto precedente, ou seja, que nos casos envolvendo seres hu-

manos era possível, por vezes, supor que não se tratava precisamente de uma alucinação telepática que reproduz a forma do agente, mas sim do espírito do próprio agente que, tão logo tenha se despojado dos laços materiais, voltaria ao meio onde viveu, encarregando-se de se fazer sentir presente pelos seus familiares. Ora, embora não se tratasse de uma criatura humana, mas de uma cachorrinha, é preciso, no entanto, reconhecer que a maneira pela qual se comporta o fantasma – correndo e saltitando no quarto, invadido por um acesso de alegria –, tal como a cachorra viva tinha o costume de fazer após um longo silêncio, sugere irresistivelmente a idéia da presença espiritual da cachorra falecida.

E, neste caso, a fim de evitar qualquer possível objeção em relação a esta suposição, que poderia parecer, de antemão, gratuita e audaciosa, lembrarei que na introdução deste livro já tinha prevenido meus leitores que relataria, no momento oportuno, alguns bons exemplos de aparições *post-mortem* de fantasmas animais identificados, que foram percebidos quer coletivamente por várias pessoas, quer sucessivamente por diversos percipientes que ignoravam reciprocamente a experiência dos outros. Segue daí que estes fatos, absolutamente de acordo com o que se produz nos casos de aparições *post-mortem* dos seres humanos, justificam e confirmam a suposição que acabo de antecipar.

Caso 12 (Visual)

O caso que segue foi extraído dos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, vol. XIV, pág. 285; ele é relatado pela senhora Mary Bagot:

“Em 1883, estávamos hospedados no *Hôtel des Anglais*, em Menton. Deixei em casa (em Norfolk) um cãozinho *fox-terrier* preto-amarelado chamado Judy, meu preferido, aos cuidados do nosso jardineiro. Um dia, enquanto estava sentada à mesa do hotel, percebi, de repente, meu cãozinho atravessando a sala e, sem refletir, exclamei: “Olhe, como pode Judy estar aqui?!”. Não tinha nenhum cão no hotel. Assim que pude subir para o quarto de minha filha que estava doente e de cama, contei-lhe o caso. Alguns dias depois,

recebi uma carta na qual me informavam que Judy, após ter saído pela manhã com o jardineiro para seu passeio diário e comportando-se muito bem, tinha sido acometido por uma dor repentina, perto da hora do almoço, e tinha morrido em aproximadamente uma hora. Muito tempo se passou então e não estou mais em condições de me lembrar exatamente se existia alguma coincidência em relação às horas. No entanto, minha impressão era a de que o cãozinho morreu precisamente na noite em que o vi.”

A filha da senhora Bagot, a senhora Woodhouse, a pedido de Fredrich Myers, enviou-lhe o diário que escreveu durante sua permanência em Menton. Nestes termos ela fala de sua mãe: “24 de março de 1883: mamãe, durante o jantar, viu o fantasma de Judy!”. A mesma senhorita relata suas lembranças a este respeito; retiro do caso as palavras que seguem:

“Lembro-me perfeitamente de que meu pai, minha mãe, minha irmã (Senhora Algernon Law) e minha prima (Senhorita Dawnay) entraram juntos no meu quarto e me contaram rindo que a mamãe tinha visto Judy (um *fox-terrier* preto-amarelado) atravessar a sala enquanto estava à mesa do hotel. Minha mãe estava tão certa de que o tinha visto que meu pai, acredito, foi perguntar a um funcionário do hotel se havia cães no local, o que lhe foi respondido negativamente.”

Para outras informações a este respeito, remeto o leitor aos *Proceedings, loc. cit.*, e ao *Journal of the S. P. R.*, vol. VIII, pág. 243.

Este fato é, em todos os aspectos análogo ao precedente, tanto que dessa vez o fantasma do cãozinho se limitou a atravessar o quarto sem dar o mínimo sinal de ter consciência do meio em que se encontrava, nem da presença de sua dona – modalidade de manifestação passiva, em conformidade com o que se produz nas alucinações telepáticas propriamente ditas; enquanto que, no exemplo anterior, o animal tinha se comportado de uma maneira espontânea e ativa, como se fosse a presença espiritual, no local, da pequena cachorrinha falecida.

Caso 13 (Tátil-visual, com telecinesia)

Camille Flammarion comunicou aos *Annales des Sciences Psychiques* (1912, pág. 279) o relato seguinte que lhe foi enviado pelo senhor G. Graeser, que reside em Lausanne, Suíça:

“... Permite-me relatar um pequeno fato que tem relação com aquilo que você fala em seu livro *L’Inconnu*? Não lhe falaria se não tivesse visto um caso como esse em seu livro.

Não se refere a uma pessoa, mas a um animal... Um pouco solitário, amante do estudo e não do mundo, eu não tinha amigos, somente um cão. Ele era bem mais esperto que muitos homens. Era meu protetor; quando, à noite, eu ficava sozinho contemplando o céu, ele permanecia fielmente deitado aos meus pés, sua espessa pelagem (era um são-bernardo) cobria minhas pernas, e era difícil me mexer quando precisava seguir a cadência de uma estrela. Quando estava em meu quarto lendo, ele ficava me olhando; dizia, inclusive, que ele me compreendia. Sentia que ele amava a solidão tanto quanto eu e era por isso que não nos deixávamos.

Eu digo isso a vocês para que possam compreender meu afeto por ele e o motivo por considerá-lo um verdadeiro amigo.

Eis então meu relato:

No dia 14 de dezembro de 1910, minha mãe levou Bobby consigo. Devo lembrar que, antes de tudo, ele tinha dois desagradáveis costumes: assim que alguém se aproximava, recebia-o com muita folia; em segundo lugar, que, quando discutia com meu pai, ele tomava minhas dores e se colocava ao meu lado.

Após uma queixa, penso eu (soube tarde demais, infelizmente), meus pais decidiram sacrificá-lo.

Eram sete e meia da noite. Estava em meu quarto e ouvi a porta se abrir (ele a abria sozinho e era tão grande quanto eu). Então, ouvi a porta se abrir e vi aparecer meu Bobby. Ele ficou, com ar de sofrimento, sobre a soleira. Eu dizia: “Venha aqui, Bobbi!”, sem levantar os olhos. Ele não obe-

deceu. Repeti minha ordem, então ele veio. Ele se esfregou em minhas pernas e se deitou sobre o tapete; quis acariciá-lo, mas... nada, ele não estava mais ali!...

Embora nunca tivesse lido histórias como essa no *L'Inconnu*, precipitei-me para fora do quarto; a porta tinha ficado aberta; telefonei para Lausanne (a dois quilômetros), para o matadouro, e eis então nosso diálogo:

– Pois não, é do matadouro.

– Teria o senhor visto uma dama de preto acompanhada por um cão são-bernardo?

– Acabamos de sacrificá-lo, há mais ou menos dois minutos; ele está estirado, e a dama está aqui!

Com estas palavras, caí no chão e desmaiei. Quando voltei ao meu estado normal, perguntei sobre meu cão: ele não estava ali, estava morto. Contaram-me todo o drama depois.

Esta é a história de meu Bobby; é preciso ressaltar que no minuto em que ele morria, eu o vi com meus próprios olhos e o que retira toda e qualquer possibilidade de alucinação é o fato de que a porta se abriu sozinha...”

Camille Flammarion pediu a um professor da Universidade de Lausanne para realizar uma pequena sondagem; o pesquisador respondeu confirmando o relato do senhor Graeser.

Neste caso bastante interessante, encontramos duas circunstâncias de produção que se realizam raramente nos casos de alucinação telepática. A primeira e mais importante consiste no fato de que a aparição do fantasma do cão foi precedida pelo fenômeno psíquico da porta que se abriu. Na fenomenologia telepática, encontramos amiúde episódios em que o percipiente vê se abrir uma porta e entrar o fantasma; porém, quase sempre a porta é, em seguida, encontrada devidamente fechada, o que mostra que o suposto fenômeno psíquico era tão somente uma alucinação complementar da outra. Em contrapartida, nesse caso – assim como, aliás, na maioria dos demais –, a porta foi encontrada aberta pelo percipiente; assim sendo, não se trata de uma alucinação e sim de um fenômeno psíquico de natureza paranor-

mal. O fenômeno a que nos referimos só poderia ser explicado se reconhecêssemos o fundamento daquilo que tínhamos ressaltado anteriormente, ou seja, que as aparições denominadas telepáticas nem sempre se encaixam numa significação puramente alucinatória verídica relacionada à telepatia. Pode-se tratar algumas vezes de verdadeiras aparições objetivas, as quais implicam a presença de uma Entidade espiritual que se manifesta. Tal Entidade, após a morte violenta bastante recente, permaneceria, durante algum tempo, saturada pela “força vital” e poderia, dessa forma, agir ainda sobre a matéria. Se o incidente da porta que se abriu for bem observado, somos então levados a concluir que o fantasma do cão era de forma alguma uma simples projeção alucinatório-verídica, mas sim a objetivação de algo análogo ao “corpo espiritual” do cão.

A alegação seria, de certa maneira, confirmada pela circunstância que se produziu durante a manifestação, isto é, o cachorro respondeu ao convite de seu dono indo até o quarto, deitando-se aos pés do rapaz e se enfiando entre suas pernas. Todos esses detalhes são sugestivos a favor de uma presença real, uma vez que, em geral, as aparições telepáticas são inertes como as estátuas; quando se deslocam e andam, elas os fazem de maneira automática, como se ignorassem o meio em que se encontram – todas as modalidades se conformam com as teorias segundo as quais elas consistiriam em puros simulacros, projetadas exteriormente pelo pensamento do percipiente e influenciada pelo pensamento do agente.

De fato, em certos casos os fantasmas telepáticos provam não ignorar o meio onde se encontram nem as pessoas que os observam, aos quais, inclusive, eles emitem palavras. Unicamente em tais circunstâncias podemos nos perguntar se não se trata realmente, e sempre, de manifestações objetivas. Em suma, uma vez que tudo corrobora para provar que as aparições de fantasmas retiram sua origem de causas diversas, de tal maneira que, certamente, existem fantasmas objetivos (entre os quais se encontra toda uma classe de fenômenos de “bilocação”⁹), nada impede de admitirmos isso para uma parte das manifestações que são consideradas telepático-alucinatórias.

Caso 14 (Visual)

O Rev. Ellis G. Roberts enviou à revista *Light* (1921, pág. 241) o relato de um incidente paranormal que aconteceu com sua filha e que foi redigido por ela nos seguintes termos:

“Tinha um cão *fox-terrier* irlandês chamado “Paddy”, ao qual eu era muito apegada; ele gostava muito de mim também. Uma manhã Paddy não apareceu na hora do café da manhã; não me preocupei, pois ele tinha o costume de ir passear sozinho, embora quase sempre ele viesse regularmente na hora das refeições. Por volta das nove horas, eu estava na cozinha, que desemboca em uma pequena área de onde, por uma outra porta, passamos para a despensa. A porta exterior estava aberta, e da posição que estava eu podia ver o jardim. Era uma manhã ensolarada, com o chão coberto de neve. Olhando para fora, vi Paddy chegar saltitando na neve, atravessar o jardim, entrar na área e desaparecer na despensa. Eu o segui, mas não pude encontrá-lo em nenhum lugar. Espantada e perplexa, entrei na cozinha, onde havia várias pessoas que, não tendo visto nada, queriam me convencer que eu tinha confundido Paddy com um outro cão dálmata, de pelo curto, muito maior que ele e bem diferente de um *fox-terrier* irlandês. Este cachorro vivia em casa também. Não levei em conta essa tentativa de explicação porque ela era absurda: tinha visto bem sobre o fundo brilhante da neve meu cãozinho, e notado o contraste do seu pelo com a brancura da neve. Então, novamente fui à sua procura por toda parte, mas inutilmente: Paddy não se encontrava em casa.

Uma hora e meia depois, eu o vi chegar em condições lamentáveis: ele tinha pedaços de pele arrancados do peito e das pernas, e quatro ou cinco dentes faltavam na sua boca. Logicamente o pobrezinho foi assolado e castigado sem dó, mas nunca conseguimos descobrir o que aconteceu com o cão. Ele morreu poucos meses depois; não acredito, no entanto, que sua morte tenha sido causada pelos ferimentos.”

O Rev. Ellis G. Roberts completa o relato com algumas linhas suplementares:

“Minha filha nunca teve alucinações visuais; parece-me que a única explicação racional para o incidente seria reconhecê-lo como sendo um exemplo de telepatia entre um cachorro em apuros e sua dona, e que, necessariamente, o pensamento do cão se dirigia para ela devido à necessidade que ele tinha de ser socorrido.”

As conclusões do Rev. Ellis G. Roberts parecem consistentes e sólidas; assim sendo, é inútil nos focalizarmos neste ponto. É mais útil observarmos mais uma vez que as condições em que o incidente se realizou corroboram para confirmar a regra à qual aludimos há pouco, ou seja, que as manifestações telepáticas se produzem geralmente a partir da “via de menor resistência” que elas encontram nas faculdades sensoriais do percipiente. Se não fosse assim, quando um agente telepático se encontra numa situação dramática e volta seu pensamento para um protetor distante, este último deveria invariavelmente perceber a imagem do agente e de acordo com a situação na qual ele se encontra. De fato, a agitação produzida pela situação só pode ter invadido momentaneamente o campo inteiro do consciente do agente; assim sendo, é provável que não possa existir outra idéia a não ser aquela que o domina no momento da transmissão telepática. Ora, ao contrário, constatamos na prática que esta correspondência na representação verídica dos eventos se realiza raramente nas transmissões telepáticas; como ela não se realizou no caso da filha do Rev. Roberts, onde vemos que um cãozinho assolado e castigado, aparentemente voltando seu pensamento para sua protetora distante, determina nesta última uma manifestação telepática, após o que, a moça, ao invés de perceber a situação em que ele se encontra, o vê entrar na casa trotando calmamente, atravessando o jardim e penetrando na despensa, isto é, ela visualiza a maneira costumeira de uma atitude cotidiana. Ora, esta diferença entre o pensamento do agente e a visualização do percipiente só pode ser explicada a partir da lei psíquica que já indicamos, segundo a qual todo e qualquer impulso telepático

está sujeito a se transformar, no percipiente, na visualização do agente que lhe é mais familiar.

Destacarei, por fim, que quando uma visualização telepática reproduz fielmente a situação na qual se encontra o agente, significa que as condições de relação psíquica entre o agente e o percipiente são tão harmônicas que não há entre eles empecilhos para a comunicação telepática.

Caso 15 (Visual)

Foi publicado na revista *Light* (1918, pág. 189) pela senhora Joy Snell, uma sensitiva-clarividente bastante conhecida, autora do livro *The Ministry of the Angels*, onde ela relata algumas das visões mais importantes obtidas ao longo do exercício de sua profissão (enfermeira diplomada), como as aparições de defuntos no leito de morte. Embora o relato seja longo e a primeira parte não remeta imediatamente ao assunto do qual tratamos, permito-me transcrevê-lo por inteiro, tendo em vista o interesse psicológico contido nele. A senhora Joy Snell assim se expressa:

“Prince é um cão-lobo de raça russa. Embora ele não esteja mais entre os vivos há muitos anos, continuo a falar dele no momento presente porque, para mim, ele ainda está vivo; tenho certeza disso, pois ele me visita freqüentemente, mostrando que está ligado a mim como no passado. Quando aparece, ele me olha afetuosamente e coloca sua cabeça em meus joelhos, balançando alegremente o rabo... Aconteceu-me de encontrar pessoas que, por sua vez, perceberam Prince ao meu lado e deram uma descrição minuciosa, sem nunca tê-lo conhecido em vida. Eram pessoas que possuíam faculdades psíquicas análogas às minhas e graças às quais aquilo que normalmente não é visível pode se tornar de uma maneira excepcional.

Quando Prince estava ainda neste mundo, sua principal ocupação consistia em me acompanhar em passeios a pé ou de carro. Numa tarde de verão, entrei em casa com o cão após um longo passeio. Duas horas mais tarde, Andy, empregado da cocheira, veio me prevenir que o canil de Prince es-

tava vazio e que não encontrava o cão em nenhum lugar. Prince nunca tinha infringido seus costumes dessa maneira; por isso, Andy se mostrou preocupada e aconselhou imediatamente a busca do cão. Mas eis que Prince aparece, saltando pelas cercas, e vem em nossa direção balançando o rabo. Após ter manifestado sua satisfação por não ter sido punido, ele me pegou gentilmente pela saia e arrastou-me até a porta. Ao chegar ali, ele levantou-se sobre as patas traseiras e, apoiando as patas dianteiras na porta, começou a me olhar e a latir. Como repetia muitas vezes a mesma cena, entendi que o cão queria que o seguissemos para algum lugar; o empregado decidiu obedecer-lhe. Ele abriu a porta chamando Prince, mas este me puxou mais uma vez pela saia, dando-me a entender que ele queria que eu também fosse. Eram nove horas da noite e nós três nos colocamos em marcha.

Prince seguiu pela estrada por algum tempo e entrou nos pastos, correndo sempre na nossa frente; ele parou uns 50 metros adiante para nos aguardar. E assim nos guiou por duas milhas. Chegamos finalmente a uma vala rodeada por arbustos, uma abertura na qual havia um amontoado de raízes. Ali o cachorro parou, esperando que chegássemos, ao mesmo tempo em que nos olhava por cima dos ombros com uma estranha expressão de ternura. Ele tinha evidentemente chegado ao fim, onde devia existir alguma coisa misteriosa que queria nos mostrar. No entanto, não conseguia explicar a mim mesma porque ele não tinha anunciado, latindo, nossa chegada. Mas assim que cheguei ao local, compreendi o motivo de seu silêncio. Por entre as raízes estava estendida, profundamente adormecida, uma garotinha de três anos aproximadamente! Se tivesse latido, ele a teria assustado e a acordado.

Agora, eis a maneira pela qual conseguiram me explicar o fato estranho de uma garotinha abandonada numa vala. Ela tinha brincado o dia inteiro nos prados, com um grupo numeroso de crianças, enquanto os camponeses cortavam a grama; os camponeses tinham voltado para suas charretes, sem perceber que, entre todas aquelas crianças, faltava uma.

Levei a garotinha para seus pais, os quais me agradeceram chorando e me abençoando. Este gesto magnífico de Prince fez com que ele ficasse famoso em toda a região.

Enquanto isso, eu me perguntava, perplexa: “Como Prince pôde encontrar aquela garotinha?” As circunstâncias pelas quais a descoberta aconteceu mostram nitidamente que não podia se tratar do acaso, e por esse motivo não conseguia me dar conta do acontecido. Mas após alguns anos, não é mais incompreensível: sei, agora, que os cães – ou pelo menos alguns – são dotados de faculdades psíquicas e podem perceber os fantasmas dos mortos. A meu ver, na noite em que Prince foi à procura da garotinha perdida, ele foi levado a agir assim graças a uma Entidade que só ele percebeu, como acontece nos casos de pessoas dotadas de faculdades clarividentes. Tal Entidade deve ter guiado o cão até a vala onde dormia a criança: a inteligência e o instinto generoso do animal fizeram o resto.

O pobre Prince teve uma morte violenta, mas provavelmente sem sofrimento. Andy, o empregado, tendo de ir até a estação da estrada de ferro, tinha levado o cão para um passeio; Prince foi atropelado e esmagado por um trem que chegava. Naquele momento, eu lia perto da lareira; ao olhar por cima do livro, vi Prince estendido sobre o capacho. Gritei a mim mesma: “Já para cá, Prince!” Ao dizer isto, estendi a mão como que para acariciá-lo, mas a mão não encontrou resistência; o cão tinha desaparecido. Obviamente, concluí que aquilo tinha sido fruto de minha imaginação. Porém, uma hora depois, Andy chegou trazendo a triste notícia. Quando Prince apareceu para mim, era mais ou menos o momento em que tinha sido despedaçado pelo trem.”

A parte inicial do relato da senhora Joy Snell é interessante do ponto de vista da psicologia animal, já que ele apresenta um exemplo maravilhoso de inteligência e dos sentimentos generosos que possuem alguns espécimes da raça canina.

Assim como o acontecimento tão bem notado pela senhora Snell, parece-me impossível explicar o fato da descoberta da

garotinha perdida a partir da hipótese do acaso, uma vez que o cão tinha deixado, de propósito e contra todos os seus costumes, seu canil para ir procurá-la, como se tivesse agido por um impulso exterior que, nesse caso, só poderia ser de origem paranormal.

Quanto à afirmação da senhora Snell, que ela continuava percebendo freqüentemente o fantasma do cão falecido e que diversas pessoas o tinham notado também, trata-se de uma afirmação que não podemos considerar uma prova, tendo em vista a natureza positivamente alucinatória de várias formas análogas de visões subjetivas e a impossibilidade de separarmos as formas alucinatórias daquelas que não o são. Destaco, todavia, que, em casos como este, encontramos uma circunstância colateral que militaria a favor da realidade objetiva das aparições em questão; ela consiste no fato de que a mesma clarividente esteve sujeita a múltiplas formas de aparição subjetiva, da qual pudemos provar a natureza positivamente verídica, tais como, por exemplo, as inúmeras aparições de almas de moribundos no leito de morte que foram percebidas ao longo do exercício de sua profissão de enfermeira diplomada.

Caso 16 (Visual-auditivo)

Eu o extraio da *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*¹⁰ (1920, pág. 351). A senhora Camier conta o fato que lhe aconteceu:

“Tinha eu uma linda gatinha angorá, de longo pelo branco com pintas cinzas, olhos verdes rodeados de preto. Ela tinha uma índole meiga e afetuosa e causava admiração em todo mundo; porém, tinha um defeito: todas as noites ela tentava escapar para ir passear. A varanda da casa onde morava era dividida em duas por uma cerca, e ela escapava saltando por cima dela.

Numa noite, cheguei à varanda bem a tempo de pegá-la, quando ela se dispunha a pular pela cerca. Mal a tinha segurado em meus braços quando tive a surpresa de perceber outro gato angorá, em todos os aspectos idêntico à minha, que saltava por cima da cerca. Naquele tempo, não sabia nada a

respeito da doutrina espírita; eu olhei do outro lado da cerca para entender aquele acontecimento estranho, consciente de que em todo o quarteirão não existia nenhuma gata igual à minha; no entanto, nada vi do outro lado.

Mais tarde, tendo me iniciado na doutrina espírita, entendi que, naquele momento, minha gata, completamente invadida pela idéia de fugir, tinha liberado seu perispírito com tamanha intensidade que ela pôde parecer real.

Após algum tempo, a pobrezinha ficou doente; tive de recorrer aos cuidados de um veterinário. Na noite em que ela morreu, senti – realmente senti – minha gata se segurar com suas unhas na coberta e subir em sua caminha, assim como ela fazia costumeiramente; a impressão foi tão real que estendi a mão para me certificar de que não estava enganada. No dia seguinte pela manhã, fui ao veterinário, onde me contaram que a gata tinha falecido durante a noite; seu último sentimento tinha sido para mim.”

Dos dois fenômenos de telepatia animal exibidos no relato da senhora Camier, o segundo não difere em nada daqueles que transcrevemos, enquanto que o primeiro é de natureza excepcional e interessante. Ignorando a explicação fantasista que dá o percipiente, podemos dizer, no entanto, que o incidente constitui um exemplo bastante característico de comunicação telepática entre o animal e o homem. Ele nos mostra o fenômeno de uma gata surpreendida por sua dona em flagrante delito de fuga; após uma brusca interrupção das intenções da culpada, a idéia que invade sua mente se transmite por telepatia à sua dona, a qual percebe uma gata alucinatória saltando por cima da cerca, idêntica à imagem-pensamento existente na mente da gata verdadeira. O caso é curioso e instrutivo, tanto mais devido ao fato de que o agente se encontrava nos braços da percipiente.

* * *

Omito por concisão sete outros casos análogos, para os quais remeto o leitor aos livros e revistas que seguem:

- **Caso 17 (Visual)** – *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 446;

- **Caso 18** (Visual-coletivo) – *Journal of the S. P. R.*, vol. VI, pág. 375;
- **Caso 19** (Visual-coletivo) – Judge Edmonds, *Letters and Tracts*, pág. 336.
- **Caso 20** (Visual) – *Rivista di Studi Psicistici*, 1900, pág. 350.
- **Caso 21** (Visual-coletivo) – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 181.
- **Caso 22** (Visual-tátil-coletivo) – *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1911, pág. 723.
- **Caso 23** (Visual)¹¹ – *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1920, pág. 25.

Segunda categoria

Alucinações telepáticas em que o animal é o percipiente

Os casos desta categoria, embora não deixem de ser interessantes, não podem revestir-se de um verdadeiro valor científico, devido à impossibilidade de se garantir o que realmente aconteceu com o animal e o que verdadeiramente ele percebeu quando, num determinado momento, coincidindo com a morte de uma pessoa ausente que lhe era familiar, ele pareceu, através de alguns sinais manifestos, pressentir ou perceber algo anormal.

No entanto, se pensarmos que as manifestações paranormais pertencentes a uma mesma classe devem ser vistas em conjunto e não isoladamente, tais fenômenos podem, então, adquirir indiretamente um determinado valor teórico. De fato, se as outras categorias de manifestações análogas parecem realmente verídicas, é lógico concluir que os incidentes de natureza não-verificável da presente categoria devem, por sua vez, ser verídicos, pelo menos no seu conjunto. De qualquer forma, limito-me a citar três exemplos bastante curtos.

Caso 24

Em *La Revue Spirite* de janeiro de 1905 (pág. 51), o barão Joseph de Kronhelm relata o seguinte fato que aconteceu com pessoas de seu convívio:

“Um oficial conhecido, alojado em Gajsin, na Podólia, partiu no mês de abril para a Manchúria (Rússia), na guerra contra o Japão. À véspera de sua partida, entregou seu cão de caça, um belo animal, muito inteligente e ao qual ele era bastante apegado, a um amigo, outro oficial do mesmo regimento, grande aficionado da caça, pedindo-lhe que cuidasse do animal até seu retorno, se Deus o permitisse voltar. Caso morresse, o cão devia ficar com seu amigo. Três meses após a partida do oficial, numa manhã, o cachorro, sem nenhum motivo aparente, pôs-se a emitir ganidos terríveis, que

incomodaram muito a família do oficial e toda a vizinhança. Tudo o que se fazia para acalmá-lo de nada adiantava. O pobre animal não deu a mínima importância aos afagos do oficial e de sua mulher, não quis comer nada, uivava continuamente noite e dia e só parou de gritar no terceiro dia.

O oficial, um homem bastante esclarecido que já tinha ouvido falar de pressentimentos em animais, anotou ciosamente a data daquele acontecimento e disse a sua mulher: “Deus ajude que eu esteja enganado... Mas aquele choro do nosso cachorro, sem nenhum motivo aparente, é sinal de má sorte... Vai certamente nos acontecer alguma desgraça ou virá uma notícia funesta”. E a desgraça não demorou a chegar. Algum tempo depois chegou a notícia da morte do oficial, dono do cachorro, o qual tinha sido morto durante um confronto com os japoneses, na manhã do dia em que seu cão tinha soltado os uivos.”

Tal fato oferece evidências probantes no sentido nitidamente telepático, pois se o animal se pôs, de repente, a ganir e a queixar-se, sem causa aparente, e persistiu com essa atitude apesar das carícias que lhe davam os familiares, recusando todo e qualquer alimento, é certamente necessário supor que devia existir uma causa oculta qualquer, proporcional à desolação manifesta do pobre animal. Ora, como foi constatado que no momento em que ele começou a gritar seu dono tinha sido morto na guerra, tudo contribui a presumir que o animal realmente tenha tido a visão telepática do falecimento do oficial.

Caso 25

Este caso foi originalmente publicado pela revista *Light* (1898, pág. 5).

Um redator dessa revista londrina, amigo de Tom Terriss, filho do ator dramático William Terriss, assassinado naquele ano, escreve:

“Na mesma noite do assassinato, a senhora Terriss estava sentada à sala de seu pequeno hotel, em Belford Park. Ela tinha sobre seus joelhos um pequeno *fox-terrier* chamado Da-

vie, que dormia. Seus filhos, William e Tom, estavam com ela. O relógio marcava 19:20 quando, num piscar de olhos, sem que nada pudesse tê-la prevenido, o cachorro pulou no chão e começou a se jogar freneticamente, gemendo, latindo, rangendo os dentes, mordendo, num extraordinário estado de cólera e terror. Essa atitude do cachorro causou uma profunda impressão na senhora Terriss, deixando-a transtornada pelo resto da noite. Pois bem, foi exatamente às 19:20 que o ator dramático William Terriss morreu assassinado.

Seu filho Tom assim se expressou a este respeito: “Jogava uma partida de xadrez com meu irmão William e o cachorro tirava uma soneca sobre os joelhos de minha mãe, quando, de repente, ele nos surpreendeu ao pular no chão e começar a se jogar de um lado para o outro, furiosamente e freneticamente, rangendo os dentes e mordendo o vazio. Minha mãe ficou assustada e gritou: “Mas o que foi que aconteceu? O que ele está vendo?”. Ela estava convencida de que a fúria do cão era dirigida contra um inimigo invisível. Meu irmão e eu nos esforçamos para acalmá-la, embora estivéssemos também surpresos e perplexos diante da atitude inexplicável de um cão geralmente tranqüilo e de caráter bastante meigo.”

Tendo em vista a natureza não-verificável do episódio em questão, seria inútil se estender com comentários mais detalhados. Assim sendo, limitar-me-ei a sublinhar que a correspondência perfeita entre a hora em que o assassinato aconteceu e a mímica furiosamente agressiva do cão nos leva inquestionavelmente a pensar que ele realmente tenha tido a visão subjetiva da cena dramática na qual seu dono sucumbia; e, conseqüentemente, que ele tenha tentado defendê-lo, lançando-se contra o agressor.

Caso 26

Eu extraí o caso seguinte dos *Annales des Sciences Psychiques* (1916, pág. 149).

Ele se encontra numa carta particular que a senhora Esperanza Payker enviou de Zurique (Suíça), no dia 7 de dezembro de 1916, a uma de suas amigas, e se refere à morte, na guerra, de um irmão da mulher em questão. Eis o trecho essencial do relato:

“Você me pede notícias de Richard. Ele sucumbiu, o pobrezinho, num confronto contra os russos! Justo ele, o cosmopolita, que queria ver em todo homem um irmão!... No momento de seu falecimento ocorreu um fato que não pode deixar de lhe interessar. você se recorda de Kacui (o cão de Richard)? Muito bem, às 19 horas do último dia 13 de agosto, ele estava como que adormecido sob meus pés. Num piscar de olhos, ele se levantou, correu até a porta balançando o rabo, ladrando alegremente e saltando, como se estivesse recebendo uma pessoa conhecida; aí, de súbito, ele se retirou assustado, gritou lamentosamente, gemeu, tremeu e voltou a se deitar aos meus pés, sem parar de se queixar durante toda a noite. No dia seguinte, ele deixou a casa; nunca mais o vimos.

Ora, a estranha manifestação do cachorro coincidiu exatamente com a hora em que Richard caiu gravemente ferido; o desaparecimento do cão foi na mesma hora de sua morte...”

Também neste caso a reação expressiva do animal tende a demonstrar o caráter verídico da telepatia, levando em conta que, primeiramente, ele se comportou alegremente, como se assistisse à volta de um parente, para, em seguida, mudar drasticamente de atitude, dando sinais de susto, como se tivesse dado conta da natureza fantasmagórica do que ele percebia.

Terceira categoria

Animal e homem percebem alucinações telepáticas coletivamente

Esta categoria é o complemento necessário da anterior e serve para sustentar a hipótese de que os casos analisados na série precedente são realmente telepáticos. De fato, se nos casos da segunda categoria somente os animais eram os percipientes, neste que vamos expor agora as percepções animais são compartilhadas pelo homem e, nestas condições, as últimas são confirmadas pelas primeiras. No entanto, é preciso acrescentar que, se o caráter coletivo destas manifestações testemunha que, com efeito, elas têm uma origem telepática, não se pode provar, no entanto, que o homem e o animal tiveram as mesmas percepções; podemos tão somente supô-lo, racionalmente, através da atitude dos animais ao longo dos inúmeros episódios.

Objetariam talvez que as percepções animais dessa natureza podem acontecer através de uma transmissão para a mente do animal de uma alucinação que teria acontecido na mente da pessoa presente. Porém, tal objeção é recusada pelo fato de que em inúmeros casos o primeiro percipiente não foi o homem, mas sim o animal.

Caso 27 (Auditivo-visual-coletivo, com sensação bastante forte de vento frio)

Eu extraí este caso do *L'Inconnu*, de Camille Flammarion (págs. 166-167). A senhora Marie De Thyle, doutora em medicina, residente em Saint-Junien, França, escreveu:

“Uma de minhas amigas de estudo (sou doutora) tinha ido para a Índia como médica-missionária. Perdemos contato, como acontecia sempre, mas nunca deixamos de nos gostar.

Certa manhã, na noite do dia 28 para o dia 29 de outubro (estava então em Lausanne, Suíça), fui acordada antes das 6 horas por batidinhas na minha porta. Meu quarto dava para um corredor que desembocava na escada do andar. Deixei

minha porta entreaberta para permitir que um grande gato branco que eu tinha na época fosse à caça durante a noite (a casa estava repleta de ratos). As batidas se repetiam. A campainha da noite não tinha tocado e tampouco tinha eu ouvido alguém subir pelas escadas.

Casualmente meus olhos caíram sobre o gato que ocupava seu lugar de sempre ao pé de minha cama; ele estava sentado, com o pelo eriçado, trêmulo e resmungando. A porta se agitou como que empurrada por um leve rajar de vento e vi aparecer uma forma envolvida numa espécie de tecido vaporoso e branco, como um véu sobre um fundo preto. Não pude distinguir o rosto muito bem. Ela se aproximou de mim; senti um sopro glacial passar por mim e ouvi o gato rosnar enfurecido. Instintivamente fechei os olhos e, quando os abri novamente, tudo tinha desaparecido. O gato tremia por inteiro e estava molhado de suor.

Confesso que não pensei em minha amiga que estava na Índia, mas em outra pessoa. Aproximadamente quinze dias depois, soube da morte de minha amiga, na noite do dia 29 para o dia 30 de outubro de 1890, em Shrinaghar, Caxemira. Soube mais tarde que ela tinha sucumbido por causa de uma peritonite.”

Neste caso, o fato de o receptor não ter conseguido perceber o rosto do fantasma nos impede de afirmar que o fantasma tenha sido identificado como sendo a amiga da percipiente, morta naquele dia, na mesma hora. Todavia, a simples coincidência já constitui uma boa hipótese no sentido das conclusões da doutora De Thyle.

De qualquer maneira, isto não diz respeito ao assunto do qual tratamos neste momento, ou seja, o da percepção coletiva de manifestações paranormais pelos homens e pelos animais. Ora, sob esta perspectiva, é preciso destacar que, se o gato em questão se mostrou assustado a ponto de ser acometido por tremedeiras e por uma transpiração abundante, isto mostra que ele teve, por sua vez, a visão de algo anormal o bastante para se assustar. O que

poderia ser esta “coisa”, a não ser a formação espectral percebida por sua dona?”

Caso 28 (Auditivo-coletivo)

Encontramos no livro de Hudson Tuttle intitulado *Arcana of Spiritualism* (pág. 234) vários casos de percepções paranormais percebidas pelos animais; entre elas encontra-se esta, de natureza coletiva:

“O grumete do veleiro *Avalanche* (em cujo naufrágio toda a tripulação morreu) tinha um cão que gostava muito dele e que respondia prontamente ao chamado de um apito que seu dono carregava sempre consigo. Na noite do naufrágio, a mãe e a tia do grumete estavam na ante-sala e o cão na cozinha. Entre 9 e 10 horas, as duas mulheres ouviram de repente um assobio bastante forte que vinha do andar de cima. O som era exatamente o do apito que utilizava o jovem grumete. O cão, por sua vez, tinha reconhecido aquele som e rapidamente lhe respondeu com latidos, como tinha o costume de fazer; em seguida, correu até o andar de cima, onde ele supunha que encontraria seu dono.”

Se o cachorro do pobre grumete tinha corrido até o andar de cima, e se naquele momento as duas mulheres tinham escutado o assobio alucinatório do apito familiar, tudo leva a crer, logicamente, que o cão tenha escutado o mesmo assobio.

Caso 29 (Visual-coletivo)

Eu o retirei do *Journal of the S. P. R.* (vol. XIII, pág. 28).

O eminente mitólogo e sociólogo Andrew Lang comunica o seguinte fato, observado por sua sobrinha. Ela lhe escreveu a esse respeito:

“Skelfhill, Hawick, 8 de agosto de 1906.

... Cheguei a estas terras em 4 de agosto: na segunda-feira, dia 6, estava no monte Pen, onde, pela primeira vez, vi um fantasma. Estava acompanhada do meu velho cão Turk e subi a montanha lentamente, parando com freqüência por cau-

sa das curtas pernas de meu companheiro e de sua respiração ainda mais lenta; mais ainda porque as raízes e as mudas eram espessas e resistentes. Fizemos uma nova pausa no local onde o monte Pen erige bruscamente seu cume imponente. Sentei-me de costas para a barreira, tendo diante de mim a montanha rochosa, enquanto Turk estava sentado, ofegante, aos meus pés...

De repente, vi aproximar-se de mim minha amiga doutora H., com quem tinha feito uma viagem pela América em maio de 1905. Ela estava de saia curta azul, com um corselete de algodão branco, sem chapéu e com uma muleta na mão; quando ela estava bem perto de mim, notei uma mecha de cabelo que lhe caía sobre o rosto. Soube quinze anos antes que ela tinha voltado da América para a Inglaterra, de onde teria de partir novamente no dia 12 de setembro para visitar seus pais em Cornwall; porém, não sabia quando ela voltaria. Fiquei bastante surpresa ao encontrá-la naquele lugar onde, por um instante, não pude me mover nem murmurar uma palavra; mas Turk me fez voltar a mim, resmungando contra a nova visita. Então, eu me levantei de uma só vez exclamando: “Você por aqui, doutora H.?” Ao ouvir essas palavras, a doutora se virou e me olhou; em seguida, ela continuou tranqüilamente a descer pela trilha que eu acabava de subir. Surpresa com sua atitude, pois estava certa de que ela tinha me visto, eu a segui com a intenção de pará-la. Esperando, Turk não parou de resmungar e de latir, mas sem se distanciar de mim, enquanto que normalmente ele se joga latindo nas pessoas e nos cães que lhe são desconhecidos. Notei que o pelo de suas costas estava eriçado e que seu rabo estava arcado como um gancho. Quando alcancei a doutora e ia estender o braço para colocá-lo sobre seus ombros, um inseto enorme zumbindo se enfiou entre nós, voando através de seu corpo. Depois disto, vi a doutora desaparecer! É claro que fiquei surpresa e consternada; até aquele momento, não tinha a mínima idéia de que não se tratava de minha amiga em carne e osso. Sem Turk, eu teria duvidado dos meus sentidos; mas naquelas condições, não restava nenhuma dúvida,

já que o cão tinha incontestavelmente se mostrado irritado e resmungava contra alguém. Juro a vocês que gozo de uma boa saúde, que nunca me senti tão bem, que há um ano bebo só água. Não posso precisar o minuto em que vi a aparição; mas como assim que me sentei eram 18:05, deduzi que deviam ser 18:15 – talvez um ou dois minutos depois – quando eu a vi desaparecer.

Peguei imediatamente meu lápis e anotei o fato estranho num envelope que tinha em minha mochila. Assim que cheguei em casa, ditei o relato detalhadamente. Obviamente, escrevi ontem mesmo à doutora perguntando-lhe o que ela fazia no dia e na hora em que ela me apareceu. Assim que tiver uma resposta, eu a informarei para vocês.”

Uma carta sucessiva da sobrinha do professor Lang ao seu tio continha a passagem seguinte:

“... Encontrei-me com a doutora H.. Ela me disse que no dia e na hora indicada, ela descia a colina do Tintagel, vestida exatamente tal como eu a descrevi, com uma roupa de banho a mais em seu braço que não vi de jeito nenhum...”

A irmã da doutora H. escreve:

“No dia 6 de outubro de 1906, por volta das 18 horas, a doutora H. descia a colina do Tintagel após ter se banhado. Ela estava com uma saia azul, sem chapéu, e tinha em seu braço uma roupa de banho.”

M. H.

Como podemos ver, no caso exposto, trata-se da aparição de uma pessoa viva que foi percebida coletivamente por um cão e por sua dona. Se a autenticidade da aparição não pode ser posta em dúvida, em contrapartida as modalidades dessa manifestação se afastam da regra que rege as aparições desse tipo, visto que, geralmente, o agente se encontra em condições excepcionais sob o ponto de vista emocional, enquanto que no caso em questão não me parece que seja assim. De qualquer forma, é provável que a doutora H., naquele momento, tenha voltado seu pensa-

mento para sua amiga ausente, com a qual ela deveria se encontrar alguns dias depois.

Do ponto de vista que nos interessa, sublinho que a aparição foi vista simultaneamente pelo animal e por sua dona; a atitude do cão, que resmungava e latia contra a pessoa que estava lá, mas que não ousava se afastar das saias protetoras de sua dona, mostra que ele se dava conta de que estava diante de uma manifestação fantasmagórica, enquanto que sua dona pensava absolutamente estar diante de sua amiga em carne e osso; aí está uma razão a mais para contradizer a hipótese da transmissão de pensamento do homem para o animal.

Caso 30 (Visual com anterioridade do animal em relação ao homem)

Este caso foi publicado pela revista *Light* (1907, pág. 225). O senhor J. W. Boulding, um conhecido autor espiritualista, narra o fato que aconteceu com uma família conhecida:

“Um de meus amigos, residente em Kensington, estava doente há muito tempo, e numa noite de domingo do verão passado outro amigo meu e sua mulher foram visitá-lo de carruagem. Quando chegaram perto de uma ponte da estrada de ferro não muito longe da casa do doente, o cavalo começou a se esquivar e não quis continuar seu caminho. Ele parecia invadido por um súbito terror: tremia, recuava e empinava, assustando bastante as pessoas que se encontravam no veículo. Num determinado momento, a dama se levantou para entender o que se passava, e foi grande seu espanto ao ver que, diante do cavalo, de braços abertos estava o amigo doente que eles iam visitar! Foi tamanho seu susto que ela caiu desmaiada em cima de seus primos no veículo; o marido teve então que ordenar ao cocheiro para voltar para casa. Eram 18 horas. Mais tarde eles decidiram retomar o caminho; quando chegaram à casa do amigo, notaram que as persianas estavam fechadas; não demoraram em anunciar-lhes que o doente tinha acabado de morrer, exatamente na hora em que ele tinha aparecido diante do cavalo. É preciso lembrar que o

cavalo foi o primeiro a perceber a aparição, circunstância esta que vem sustentar a afirmação de um grande número de pessoas, isto é, a de que os animais compartilham com os homens as faculdades de clarividência.

De fato, nos casos em que o animal é o primeiro a perceber uma aparição telepática, não existem hipóteses racionais que possam se opor àquela em que se considera serem os animais dotados de faculdades paranormais iguais às do homem; essa consideração levanta problemas psicológicos e filosóficos de fundamental relevância.

Caso 31 (Visual com anterioridade do animal em relação ao homem)

O Rev. Minot Savage, em seu livro *Can Telepathy Explain?* (págs. 46-48), transcreve o seguinte fato:

“Uma jovem senhora que freqüentava minha paróquia, em Boston, estava, num domingo, sentada ao seu piano; ela tocava e não pensava em nada. Nenhum dos membros de sua família estava em casa, nem mesmo os empregados. Um cãozinho, de quem a dama gostava muito, estava deitado em uma cadeira a alguns passos. Tendo se sentado ao piano, ela estava de costas para a porta que dava para a sala. De repente, sua atenção foi despertada pela atitude do cão, que tinha se levantado, com o pelo das costas eriçado, e tinha começado a rosnar surdamente, olhando na direção da porta. A dama se virou rapidamente e percebeu silhuetas etéreas de três formas humanas que estavam no outro quarto, próximo da porta que dava para a sala. Antes que as formas desaparecessem, ela acreditou reconhecer uma delas. Enquanto isso, o terror do cão aumentou a tal ponto que ele foi se esconder embaixo do sofá, de onde quis sair somente depois de muita insistência de sua dona.

A importância deste caso reside no fato de que ele prova que se tratava de um fenômeno que tinha sido percebido pelo animal antes de sua dona, ou seja, antes de qualquer sugestão de origem humana.”

Assim como nos outros casos, é fácil observar que, com o cãozinho em questão levantando-se de repente, surdamente rosno e olhando na direção da porta para em seguida ir se refugiar sob o móvel, isso mostra claramente que ele tinha tido a visão de alguma coisa fantasmagórica, capaz de assustá-lo, como acontece amiúde em casos como este: a coisa é tanto mais notável porque os cachorros têm o instinto de se irritar e rosnar ao ver um intruso em carne e osso, mas não o de ter medo.

Caso 32 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

O caso que segue, bastante importante, uma vez que foram sete pessoas que tiveram a mesma alucinação simultaneamente com o cão, foi comunicado à *Society for Psychical Research* por Alexandre Aksakof. Eu o extraí do vol. X, pág. 127, dos *Proceedings of the S. P. R.*

“São Petersburgo, 4 de maio de 1891.

Eis o fenômeno do qual uma família inteira foi testemunha. Foi em São Petersburgo, em 1880, quando morávamos na rua Pochkarska. Numa noite de verão do mês de maio, por volta das 18 horas, minha mãe (atualmente senhora Telechhof) estava na sala com seus cinco filhos, dentre os quais eu era o mais velho (tinha então 16 anos). Naquele momento, um antigo criado da casa, que era nosso amigo (mas que, na época, não trabalhava mais conosco), tinha vindo nos ver e estava compenetrado numa conversa com minha mãe. De repente, as estripulias das crianças pararam e a atenção geral se dirigiu ao nosso cachorro Moustache, que tinha corrido, latindo muito forte, na direção da lareira. Involuntariamente todos nós olhamos na mesma direção e vimos sobre a moldura da lareira, de azulejos de *faience*, um garotinho de seis anos aproximadamente, vestindo uma cota de malha. Naquele garoto, reconhecemos o filho da leiteira, André, que vinha em nossa casa freqüentemente com sua mãe para brincar com as crianças. Eles viviam bem perto da gente. A aparição saiu da lareira, passou por cima de todos nós e desapareceu

pela porta afora. Durante todo aquele tempo, o cachorro não parou de latir com todas as suas forças; ele corria e latia, ainda seguindo o movimento da aparição.

Naquele mesmo dia, um pouco mais tarde, nossa leiteira veio em casa e nos contou que seu filho André, após uma doença que perdurou por alguns dias (sabíamos que ele estava enfermo), tinha acabado de morrer; foi provavelmente no momento em que o vimos aparecer.”

Daniel Amosof, Marie Telechhof (*a mãe do jovem Amosof, segundo casamento*),
Kouzema Petrof (*residente, na época, em Lébiajeyé, perto de Oranienbaum*)

Neste caso, a atitude do cão em relação à aparição parece tão característica e eloqüente que somos levados irresistivelmente a concluir que ele percebeu a mesma visão que os outros sete percipientes. É preciso lembrar que, de fato, o cão (que tinha sido, além disso, o primeiro a perceber a manifestação) avançara latindo na direção da lareira, exatamente onde os outros percipientes viram a aparição, e que, durante todo o tempo em que a aparição permaneceu visível, ele não tinha parado de latir para ela e a tinha seguido em seu movimento aéreo.

Caso 33 (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem e *sensação*, no percipiente, de um sopro de vento gélido)

O caso foi coletado e examinado pelo professor James Hyslop, que o publicou no *Journal of the American S. P. R.* (1907, pág. 432), sem dar os nomes dos protagonistas, a pedido da autora do relato. Eis o que ela nos conta:

“Há dois anos, meu primo William P., de 21 anos, morreu de tuberculose. Desde os primeiros anos da infância, o mais profundo afeto tinha existido entre nós e as circunstâncias nos aproximavam ainda mais, pois éramos apaixonados por música, embora ele morasse em Tottenville, Nova York, cerca de 1.400 km de distância de mim. No mês de março de

1901, ele adoeceu... E morreu no dia 29 de março de 1902... Naquela noite, estava em meu quarto lendo a Bíblia. Estava sozinha com meu filho de 4 anos adormecido em seu berço e com meu cãozinho preferido. O quarto dava para um escritório de trabalho, cuja porta estava fechada somente por uma portinhola de cor azul. Lia com atenção e sem ser incomodada por algum tempo; mas, num determinado momento, ouvi passos pesados no escritório; alguns instantes depois, um sopro de vento frio abriu as portas, gelando meu rosto. O cão levantou a cabeça, olhou naquela direção e foi ganindo se enfiar embaixo de uma cadeira. Quanto a mim, olhei e percebi, entre as portas, o vulto de meu primo, alto e reto, tal como ele era antes de sua enfermidade, com os braços esticados e com um sorriso angelical nos lábios. Parei para olhá-lo, como que petrificada, durante poucos minutos, e o vi desaparecer quando o pêndulo marcava 21 horas. Ao mesmo tempo, ouvi bater na porta de casa; era um telegrama que anunciava:

“William faleceu às 20 horas. Venha depressa.”

Minha mãe me disse que o rosto de meu primo que acabava de morrer tinha uma expressão de grande sofrimento, mas que aproximadamente uma hora depois ele tinha tido uma estranha mudança, iluminando-se com um sorriso angelical e assim permanecendo até o momento em que o colocamos no caixão; sorriso com o qual ele me apareceu entre as cortinas da porta do escritório.

Se este relato for publicado, queiram por gentileza omitir os nomes, pois meus familiares consideram minha visão fruto de uma excitação nervosa...”

Senhora H. L. B.

O Professor Hyslop escreveu ao marido da senhora H. L. B., que é médico; ele respondeu confirmando os fatos dessa maneira:

“... Respondendo às perguntas que o senhor fez em sua carta do dia 22 de maio, declaro que as duas notáveis expe-

riências relatadas por minha mulher aconteceram exatamente da forma como ela nos conta... O segundo fato relacionado com a morte de um de nossos primos não é menos presente em minha memória do que o primeiro. Ele aconteceu antes da mensagem telegráfica que nos anunciava o falecimento. Minha mulher contou imediatamente o fato a sua criada, que está atualmente na Filadélfia, e ao senhor J. H. S., residente aqui. Não sei como explicar teoricamente os fatos referidos.”

Doutor M. L. B.

Ainda neste caso, o primeiro receptor foi o cão.

É preciso destacar que a alma do defunto se manifestou uma hora depois de sua morte, com o rosto apresentando o mesmo sorriso angelical que tinha aparecido no cadáver *uma hora depois do falecimento*; além disto, a manifestação do fantasma foi precedida do fenômeno auditivo de passos pesados chegando do escritório, assim como da manifestação de sopro de vento gelado, tal como experimentamos ao longo das sessões experimentais no momento das materializações mediúnicas.

A circunstância teoricamente mais importante é a do atraso de uma hora na manifestação telepática, embora isto possa ainda ser explicado a partir da hipótese da “*telepatia atrasada*”; no entanto, esta hipótese não é mais válida quando se trata de fatos do mesmo gênero nos quais o atraso foi de alguns dias ou de algumas semanas; resulta disso a necessidade de recorrer a uma hipótese mais compreensível que seja capaz de explicar em conjunto toda a série das manifestações atrasadas que coincidem com os casos de morte. Ora, isto não pode ser feito sem inserir estas manifestações na categoria das “aparições dos defuntos” e não na das “aparições dos vivos”, como se teve o costume de fazer até agora. Isto só está adiantado, verdade seja dita, de maneira geral, admitindo a possibilidade de exceções à regra no caso de atrasos pequenos, conforme condições especiais.

Caso 34 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

O Professor Andrew Lang comunica à *Society for Psychical Research* (*Journal*, vol. XIV, pág. 70) o episódio abaixo, presente numa carta a ele endereçada e escrita por uma amiga:

“22, York Mansion’s. Battersea Park, S. W.

10 de fevereiro de 1909.

Caro professor,

Ao longo de seu artigo recente publicado no *Morning Post*, o senhor cita um caso de aparição percebido simultaneamente por uma senhora e por seu cão. Acredito que o senhor possa se interessar por uma experiência parecida que aconteceu comigo e com meu cão há seis anos. Eu lia, sentada ao lado do fogo, na minha sala, cuja porta estava fechada. Meu cão Dan dormia sobre o assoalho. De repente, fui distraída de minha leitura pelo meu cão, que tinha começado a ganir surdamente. Debrucei-me sobre ele e o acariciei para acalmá-lo, mas ele continuou ganindo cada vez mais forte. Então eu olhei na mesma direção que o animal (o que pude fazer somente me virando) e, para minha grande surpresa, vi uma forma de mulher vestida de cinza, em pé, perto da porta. Não pude distinguir os traços de seu rosto, que se escondia atrás de uma planta que tinha em cima da mesa. Primeiramente pensei que fosse minha irmã e lhe perguntei por que ela tinha voltado tão cedo e como ela pôde entrar no meu quarto sem fazer barulho. Mas não demorei a me lembrar de que, estando sozinha, tinha trancado a porta da casa. Então me levantei de supetão, assustada, enquanto Dan se lançava latindo contra a intrusa, que desapareceu rapidamente, embora a porta do salão estivesse fechada. O cão apresentava todos os sintomas de raiva e de pavor; os olhos luziam, mas a cabeça estava abaixada e o pelo eriçado ao longo de sua coluna vertebral. Ele parecia convencido de ter visto uma pessoa real, já que, quando eu abri, ele se lançou latindo furiosamente e assim desceu as escadas, para em seguida subir, procurando sem parar a intrusa, que obviamente não

conseguimos encontrar. Estava sozinha em casa e senti um alívio quando, pouco tempo depois, a campainha tocou e era minha irmã.

Não tenho nenhuma teoria a propor para explicar este fato; aliás, foi-me impossível relacionar a visão do fantasma com os acontecimentos que se produziram antes ou depois disso; mas estou absolutamente certa do que vimos, o cachorro e eu, embora não haja nenhum outro testemunho para sustentar meu relato. Obviamente, contei imediatamente o acontecimento a minha irmã.

Senhora Emma L. Darton

Detalhes complementares sobre este caso podem ser encontrados no volume supracitado do *Journal of the S. P. R.*

O senhor Andrew Lang supõe que, nesta circunstância, trata-se provavelmente de um caso de “telepatia prevendo uma chegada”, ou seja, a irmã da senhora Darton, disposta a voltar, tinha pensado intensivamente em alguma coisa relacionada ao seu ambiente doméstico, determinando assim a projeção telepática de seu fantasma no lugar em questão. Estas manifestações telepáticas acontecem realmente e a Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas coletou um grande número delas; todavia, acredito que seja pouco provável aplicá-la ao caso que examinamos, pois não me parece que o cão teria avançado furiosamente em uma pessoa da família.

Eliminada essa hipótese, não seria de forma alguma fácil encontrar a gênese do fantasma que apareceu ao mesmo tempo para a dama e para o cão, exceto se o considerarmos como um caso de assombração.

Em todo caso, a solução do problema não poderia nos interessar no momento; basta notarmos que, também neste exemplo, o cão foi o primeiro percipiente.

* * *

Omito treze casos análogos, para os quais remeto o leitor aos livros e às publicações seguintes:

- **Caso 35** (Auditivo-coletivo-assombração) – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 307;
- **Caso 36** (Auditivo-coletivo-assombração) – *Idem*, vol. V, pág. 308;
- **Caso 37** (Visual-auditivo) – *Idem*, vol. V, pág. 453;
- **Caso 38** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. X, pág. 327;
- **Caso 39** (Visual-coletivo) – C. Flammarion, *L’Inconnu*, pág. 104;
- **Caso 40** (Visual) – *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 149;
- **Caso 41** (Visual) – *Idem*, vol. II, pág. 245;
- **Caso 42** (Visual) – *Idem*, vol. II, pág. 458;
- **Caso 43** (Visual) – *Idem*, vol. II, pág. 510;
- **Caso 44** (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Journal of Proceedings of the S. P. R.*, vol. IV, pág. 53;
- **Caso 45** (Visual-coletivo) – *American Proceedings of the S. P. R.*, pág. 144;
- **Caso 46** (Auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, pág. 145;
- **Caso 47** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, pág. 146.

Quarta categoria

Visões de Espíritos ocorridas sem coincidência telepática e percebidas por homens e por animais

Relativamente freqüentes, os fatos pertencentes a esta categoria têm uma importância teórica, uma vez que apresentam o valor de casos de identificação espiritual.

De início transcreverei resumidamente dois episódios antigos:

Caso 48 (Visual)

Em seu livro sobre *A Vidente de Prevorst*, o doutor Justinus Kerner fala de uma aparição que a vidente percebia amiúde junto a ela durante mais de um ano.

“Ele observa, a esse respeito, que cada vez que a vidente anunciava a presença da aparição, um cão labrador, que pertencia à família, se comportava de uma maneira que permitia supor que ele também a via e ia rapidamente perto de uma das pessoas presentes, como se quisesse proteção, latindo de forma lamentável. A partir do dia em que ele viu a aparição pela primeira vez, não quis mais ficar sozinho durante a noite.”

Caso 49 (Visual-auditivo)

Sob o título de *Apparitions réelles de ma femme après sa mort* (Chemnitz, 1804), o doutor Wœtzel publicou um livro que produziu boa impressão em seu tempo. Ele conta que numa noite, semanas depois da morte de sua esposa, ele estava em seu quarto quando sentiu subitamente ao redor dele um vento tempestuoso, embora as portas e as janelas estivessem fechadas. A luz tinha se apagado, enquanto uma das meias-portas da alcova se abriu. Apesar da luz fraca que reinava no quarto, Wœtzel tinha percebido o vulto de sua mulher, que lhe disse com uma voz fraca: “Charles, sou imortal, nós nos reveremos”. A aparição se repetiu uma segunda vez, e nesta última circunstância o cão

do doutor Wœtzel tinha girado ao redor do local onde se encontrava a aparição, balançando alegremente o rabo.

Neste caso, igualmente, é preciso considerar a atitude do cão, o qual parecia ter de fato percebido uma forma parecida com a de sua dona. Apesar disto, tendo em vista que nos dois casos que acabo de citar os primeiros a terem a alucinação foram respectivamente a vidente e o doutor Wœtzel, podemos sustentar a hipótese segundo a qual os dois percipientes tinham, em seguida, servido de agentes, transmitindo aos animais uma forma alucinatória originada em seus cérebros. De todo modo, esta hipótese não invalida a importância dos fatos em questão, a nosso ver, já que esta solução do problema provaria também, de maneira categórica, que fenômenos de transmissão telepática entre o homem e o animal realmente acontecem – o que constitui o objetivo essencial desta classificação.

Ora, uma vez este fato reconhecido para as formas alucinatórias do tipo em questão, não seria mais lógico recusar em reconhecer-lo para as formas de telepatia verídica ou para outra modalidade qualquer de percepções psíquicas no interior das quais existe sempre uma forma mais ou menos disfarçada de transmissão telepática.

Dito isto, é importante lembrar que a hipótese a que nos referimos consegue unicamente explicar os casos nos quais a visão alucinatória foi percebida anteriormente pelo homem, e não aqueles em que a anterioridade pertence certamente aos animais.

Relembro, finalmente, que a hipótese em questão, embora livremente explorada por inúmeros estudiosos da área dos estudos metapsíquicos, está longe de ser fundamentada; ao contrário, ela constitui um enorme erro, visto que – exceto raras exceções que confirmam a regra – não conhecemos nenhum exemplo de alucinação coletiva entre criaturas humanas que retirem sua origem de um influxo contagioso de transmissão telepática do pensamento.

Sei bem que, nos tratados de patologia mental, encontramos um grande número de casos de alucinação coletiva – principalmente nas multidões, por contágio místico – mas tudo isto acon-

tece exclusivamente por *sugestão verbal*, e nunca por *transmissão telepática do pensamento*, o que significa dizer que um abismo existe entre os dois tipos de fatos.

Conseqüentemente, é preciso destacar que, inclusive nas experiências hipnóticas em que existe entre o hipnotizador e o *sujet* uma *relação psíquica* firmemente estabelecida, é bastante raro que o hipnotizador consiga provocar a distância, no *sujet*, formas alucinatórias com a ajuda da transmissão telepática de pensamento, enquanto que ele obtém isso por meio de uma *sugestão verbal*.

A importância teórica dessas observações não escapará a ninguém; estou certo de que, se os pesquisadores se aprofundassem nesse campo das ciências metapsíquicas, eles se dariam conta disso. Entre os pesquisadores modernos, somente o professor Charles Richet reconhece o absurdo em se explicar, a partir da transmissão telepática de pensamento, os casos de visões ou percepções paranormais de ordem coletiva, o que deve ser assinalado a seu favor.

Caso 50 (Visual)

O caso seguinte foi comunicado à *Society for Psychical Research* por Alexandre Aksakof; eu o extraio dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 328.

(Nota tomada do relato da senhora T..., outubro de 1891.)

“Em 187..., a senhora T... encontrava-se certo dia na casa de seus vizinhos de campo, o senhor e a senhora B..., em P..., propriedade deles (condado de Twer). A conversa girava em torno de um estranho acontecimento trágico que se passou na família dos T..., e que culminou no suicídio de um dos parentes da senhora T...; num piscar de olhos, ela o viu aparecer no quarto ao lado do salão onde estavam e cuja porta estava aberta. No mesmo momento, o cão da anfitriã, que estava deitado aos seus pés, se levantou e começou a latir furiosamente na direção da porta. O senhor e a senhora B... nada viram, pois estavam de costas para a porta, e a senhora T... não lhes disse nada sobre o que tinha visto.”

(Confirmação do relato em uma carta da testemunha, senhora B..., 15 de outubro de 1891.)

“Era o ano de 1879, em nossa propriedade, condado de Twer. Éramos três; a senhora T..., nossa vizinha, que tinha vindo nos visitar, meu marido e eu; estávamos na salinha de nossa casa de campo, não muito longe de uma porta que dava para o meu quarto de dormir, iluminado por uma grande janela. A senhora T... estava sentada em um sofá, diante da porta; eu estava sentada junto dela em um banquinho, também de frente para a porta, mas meu marido estava num canto, de modo que ele não via aquela porta. Aos meus pés estava deitado meu cão Beppo, com a cabeça virada para a saída. Falávamos do acontecimento que tinha acabado de ocorrer com a família dos T..., em que a mulher, levada pela paixão, abandonou seus filhos e seu marido, e que este, desesperado, estourou os miolos. Meu marido acusava a mulher, a senhora T... acusava o marido, de quem ela sempre gostou bastante; no entanto, neste caso, ela não o isentava da culpa. De repente, ela se calou e o cão, levantando a cabeça novamente, pôs-se a ganir e quis se precipitar até a porta do quarto; estava com o pelo todo eriçado. O animal escapou de minhas mãos como que para atacar alguém. Tinha bastante dificuldade em segurá-lo; meu marido quis bater nele e eu o defendi. Ele e eu nada vimos, exceto a cólera do meu cão. A senhora T... calou-se e quando o animal se acalmou ela nos pediu para irmos à sala, onde estava seu marido. Logo após o senhor e a senhora T... irem embora, e só mais tarde, quando fui visitar a propriedade deles, a senhora T... disse que tinha visto, na frente da porta do meu quarto, o fantasma daquele que ela acusava – vestido de branco e com uma expressão de desespero em seus movimentos, como que revoltado porque ela o tinha acusado. “Seu cachorro Beppo viu a mesma coisa”, ela me disse; “estava furioso e queria se jogar em cima daquela aparição”. Eu bem que tinha visto a ira de Beppo, mas não vi a aparição.”

N. B.

Neste episódio, mais uma vez, a reação agressiva do cão, latindo furiosamente e desejando se jogar em cima de alguém na direção da porta, onde a senhora T... percebe, ao mesmo tempo, a aparição do defunto que ela tinha acusado, leva a admitir que o animal pôde ver a aparição; de fato, os cães agem assim unicamente contra intrusos que eles desconhecem.

E, neste caso, não menos que em outros, a visão, por ter sido simultânea, permitir-nos-ia oferecer a possível hipótese de uma forma alucinatória que teria surgido no cérebro da senhora T... e que teria sido transmitida simultaneamente ao cão; mas me parece que as explicações fornecidas anteriormente por mim são suficientes para excluir essa hipótese gratuita; o que equivale a reconhecer o aspecto verídico do caso da aparição de um morto criticado pela senhora T...

Caso 51 (Visual-auditivo-coletivo)

Eu retiro a passagem seguinte de um outro relato bastante notável de Alexandre Aksakof, publicado nos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, págs. 387-391). Acrescentarei, para melhor compreensão do acontecimento, que o caso aqui transcrito se refere à história das aparições reiteradas de uma moça chamada Palladia, morta aos quinze anos. O relator, Senhor E. Mamtchitch, foi também, no referido caso, o principal percipiente.

“Em 1885, estava eu na casa de meus pais, numa propriedade de campo no condado de Poltava. Uma senhora de nossas relações tinha vindo passar alguns dias em nossa casa com seus dois filhos. Algum tempo depois da chegada deles, como eu me levantava cedo, vi Palladia (eu dormia numa ala separada onde ficava sozinho). Ela estava diante de mim, distante uns cinco passos mais ou menos, e me olhava com um sorriso alegre. Tendo se aproximado de mim, ela me disse duas frases rápidas: “*Eu estava, eu vi*” e, sorrindo, desapareceu. O que significavam suas palavras eu não pude compreender. Em meu quarto dormia junto comigo meu *setter*. Assim que percebeu Palladia, meu cão se eriçou e, ui-vando, pulou em minha cama; apertando-se contra o meu

corpo, ele olhava na direção em que eu via Palladia. O cão não latia, enquanto que normalmente ele não deixava ninguém entrar no quarto sem latir ou rosnar. E todas as vezes que ele via Palladia, protegia-se perto de mim, como que procurando um refúgio.

Quando Palladia evolou-se, desci na casa e não disse nada a ninguém sobre aquele incidente. No mesmo dia, à noite, a filha mais velha da senhora que estava em nossa casa me contou um fato estranho que tinha lhe acontecido de manhã: “Assim que acordei, senti como se houvesse alguém na cabeceira de minha cama e ouvi distintamente uma voz me dizendo: *‘Não tenha medo, sou bondosa e gentil’*. Eu me virei, mas nada vi; minha mãe e minha irmã dormiam tranqüilamente; aquilo me espantou, pois nada parecido tinha me acontecido antes”. A isso, respondi que muitas coisas inexplicáveis acontecem conosco, mas não lhe disse nada sobre o que tinha visto de manhã. Somente um ano depois, quando já era seu noivo, contei-lhe sobre a aparição e as palavras de Palladia no mesmo dia. Não seria ela que teria vindo vê-la também? Devo acrescentar que, naquela ocasião, era a primeira vez que via aquela senhorita e não pensava de forma alguma que ia me casar com ela.”

A senhora Mamtchitch confirma assim o relato:

“5 de maio de 1891.

Lembro-me muito bem de que no dia 10 de julho de 1885, quando estávamos visitando os pais de E. Mamtchitch, tinha me levantado cedo, pois estava combinado, entre minha irmã e eu, que faríamos um passeio matinal. Ao me levantar da cama, vi que mamãe e minha irmã dormiam e, naquele momento, senti como se alguém estivesse à minha cabeceira. Virando-me um pouco – pois temia olhar demais –, não vi ninguém; ao me deitar novamente, ouvi imediatamente atrás, por cima de minha cabeça, uma voz de mulher me dizendo com meiguice, mas nitidamente: *‘Não tenhas medo, sou bondosa e gentil’*, e mais uma frase que esqueci naquele mesmo instante. Imediatamente depois, vesti-me e fui passe-

ar. O estranho é que aquelas palavras não me assustaram de forma alguma.”

Neste relato, a melhor demonstração de que o cão teve a mesma visão que seu dono é fornecida pelo pavor que ele sentia diante da manifestação. O senhor Mamtchitch disse que o cão, trêmulo, pulou em sua cama com o pelo eriçado e, gemendo, encolheu-se contra seu corpo, olhando espantado na direção em que seu dono via Palladia. Ele acrescenta que o animal tinha o costume de rosar e latir contra quem quer que fosse. Ora, o terror insólito experimentado pelo cão mostra de maneira incontestável que, não somente ele via o fantasma de Palladia, mas também que ele compreendia instintivamente que não estava diante de uma pessoa viva; se assim não o fosse, ele teria recebido a intrusa rosnando e ameaçando-a.

Sob uma outra perspectiva – que não é a que tratamos neste livro –, lembro que o relato de onde retirei este episódio que acabamos de ler constitui excelente exemplo de identificação espiritual onde o fantasma de Palladia (que tinha sido, quando viva, ligada ao juiz Mamtchitch por laços afetivos) fornece inúmeras e admiráveis provas em relação à presença espiritual daquela personalidade.

Caso 52 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Este episódio faz parte de um interessante relato transmitido pelo professor Alexander, da Universidade do Rio de Janeiro, a Fredrich Myers, e trata do fenômeno psíquico do qual o próprio autor foi testemunha:

“Numa noite em que fazia muito calor, nós estávamos sentados na varanda e o latido lento e monótono de um cão, preso do lado de fora, despertou nossa atenção. Nós o encontramos olhando no ar alguma coisa que nem eu nem o Senhor Davis pudemos perceber. No entanto, as meninas declararam que viam uma forma espiritual bastante conhecida e que estava diante do cão, cujo latido realmente expressava um grande desespero.

Mais tarde, quando a família morava na casa de baixo, a filha mais nova, ainda um bebê naquela época, chamou a atenção de seu pai de que alguém estava diante da porta: “Um homem! Um homem!”, ela dizia; mas, para outros olhos que não fossem os seus, nenhum homem era visível. E, finalmente, antes que ela pudesse conseguir fazer com que vissemos o que, para ela, era tão evidente, sua expressão tornou-se imensamente espantada, e ela articulou seu “tudo desapareceu!” costumeiro, que, em sua linguagem infantil, significava que alguma coisa tinha desaparecido.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. VII, pág. 183).

Como se observa, os latidos de terror emitidos pelo cão mostram bem que ele percebia algo de anormal. A circunstância, teoricamente importante, de que aquilo tenha acontecido antes que as duas meninas tivessem visto o fantasma de um de seus familiares na direção em que o animal rosnava exclui definitivamente a hipótese – que deseja explicar as manifestações em questão – segundo a qual um fenômeno de transmissão telepática de formas alucinatórias seria criado pela mente das pessoas presentes e emitido aos animais.

Caso 53 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Eu o extraio dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 327. O senhor H. S. E., que não desejou que seu nome fosse publicado, escreve a esse respeito:

“8 de agosto de 1892.

Em 1874, quando tinha 18 anos, estava na casa de meu pai e, numa manhã, tinha me levantado por volta das 5 horas a fim de acender o fogo e preparar o chá. Um cão grande da raça *bull-terrier*, que tinha o costume de me acompanhar por toda parte, encontrava-se ao meu lado, enquanto eu me ocupava do fogo. Num certo momento, ouvi-o emitindo um rosnado surdo e o vi olhando na direção da porta. Virei-me para aquele lado e, para meu grande espanto, percebi uma figura humana alta e assustadora, cujos olhos flamejantes se dirigi-

am para mim. Soltei um grito de alarme e caí sentado no chão. Meu pai e meus irmãos correram imediatamente, pensando que ladrões tinham invadido a casa. Eu lhes contei o que tinha visto; eles julgaram que a visão não tinha outra origem a não ser minha imaginação afetada após uma doença recente. Mas então por que o cachorro teria também percebido alguma coisa? O animal em questão via às vezes coisas que eram invisíveis para mim; ele se jogava nelas fazendo gestos de quem morde o ar, e me olhava em seguida de um jeito como se quisesse me dizer: “Você não viu nada?”

Neste caso, como no que o antecede, o relator-percipiente, que naquele momento estava ocupado acendendo o fogo – operação pouco propícia a criar alucinações –, tinha se virado e visto o fantasma porque seu cachorro começou a rosnar de maneira ameaçadora. Assim sendo, é difícil duvidar que tenha existido uma aparição objetiva na direção em que o animal rosnava; por outro lado, há duas circunstâncias a considerar: que o animal foi o primeiro a mostrar a aparição e que ele a recebeu como os cães têm o costume de receber os intrusos. Ambas afastam toda e qualquer contestação acerca do fato de que o animal não tenha notado o mesmo fantasma humano percebido pouco tempo depois pelo dono.

Caso 54 (Visual-coletivo)

Fato contido em *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 197.

O caso que vou narrar e aqueles que se seguirão são relacionados às localidades assombradas; eles pertenceriam, conseqüentemente, à sexta categoria desta classificação; todavia, tendo em vista que nas localidades em questão não aconteceram outros fenômenos a não ser as aparições de um ser humano, pareceu-me oportuno inseri-los na presente categoria:

“2 de março de 1884.

Em 1875, minha irmã e eu (tínhamos então treze anos) voltávamos para nossa casa de carruagem, num dia de verão, por volta das 4 horas da tarde, quando, de repente, vimos, flutuando sobre uma cerca, uma forma de mulher que desli-

zava sem barulho através da estrada. Essa forma era branca, em posição oblíqua e a alguns metros do chão.

O cavalo tinha parado subitamente e tremia tanto de pavor que não tínhamos qualquer domínio sobre ele.

Eu exclamava a mim mesma, olhando para minha irmã: “Você está vendo isso?”; ela me respondeu que sim e fez a mesma pergunta ao rapaz que estava no veículo.

Aquela forma atravessou a cerca, a estrada e passou por cima de um pasto; em seguida, nós a perdemos de vista em meio a uma plantação. Acho que a vimos durante dois minutos. Ela jamais tocava o chão, mas flutuava sempre a uma pequena distância dele.

Ao chegar a casa, contamos a nossa mãe o que vimos. Tínhamos certeza de que não era um engano, nem ilusão dos sentidos, nem um andarilho, nem qualquer coisa do gênero.

Nunca vi algo parecido, nunca tive uma visão assim nem antes nem depois. Nós três gozávamos de boa saúde, era um dia de Sol, e ninguém tinha nos sugerido a idéia de uma aparição antes da passagem daquela.

Mais tarde, soubemos que aquela era uma estrada assombrada, e vários habitantes daquela região tinham visto uma aparição por ali.

Sidney Montgomery / Violet Montgomery

Essa aparição foi vista, simultaneamente, por três pessoas e por um cavalo que tinha parado de repente; o cavalo ficou tão trêmulo e tão assustado que ficou insensível aos comandos do cocheiro. Não acredito que ainda seja necessário insistir no fato de que em circunstâncias análogas àquelas que expus sucessivamente seria absurdo duvidar da suposição de que os animais percebem realmente as mesmas visões que os homens. Não ignoro que, do ponto de vista estritamente científico, não temos, em circunstâncias como essas, a “prova absoluta” necessária para sustentar a hipótese em questão. Não ignoro isto de forma alguma. Mas lembrarei que esta objeção não tem nenhum valor

absoluto e que, ao contrário, ela se transforma em sofisma diante da acumulação imponente de “provas relativas”.

Lembro que o fantasma percebido tinha sido visto por várias pessoas na mesma localidade, enquanto que as três pessoas que estavam no veículo ignoravam isso, o que permite excluir por completo a hipótese da “atenção expectante”. Assim sendo, não nos resta mais nada a não ser reconhecer a natureza relativamente objetiva do fantasma, o qual pertence à classe das assombrações.

Caso 55 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Eu o encontro no *Phantasms of the Living*. O nome da mulher que contou este fato não foi mencionado; porém, ele é conhecido pelos membros do Conselho Diretivo da *Society for Psychical Research*. A senhorita K... escreveu:

“Era uma noite de inverno de 1892; encontrava-me em meu quarto, sentada ao lado do fogo, completamente concentrada em acariciar minha gatinha preferida. Ela estava encolhida em meus joelhos, com uma atitude quase sonhadora, com os olhos meio fechados, como que adormecida.

Apesar de não haver luz no quarto, os reflexos do fogo iluminavam todos os objetos. O cômodo onde estávamos tinha duas portas e uma delas dava para um aposento temporariamente fechado. A outra, localizada em frente da primeira, abria-se para um corredor.

Minha mãe tinha nos deixado há alguns minutos e a poltrona, confortável e antiga, com um encosto bem alto, onde ela estava sentada encontrava-se vazia do outro lado da chaminé. Minha gatinha, que estava com a cabeça apoiada em meus braços, parecia cada vez mais sonolenta e eu quis me deitar.

De repente, dei-me conta de que alguma coisa inesperada tinha perturbado a tranqüilidade de minha gatinha. Ela parou bruscamente de rressonar e apresentou sinais visíveis de inquietação crescente. Estava debruçada sobre ela, esforçando-

me para acalmá-la com minhas carícias, quando, de repente, ela ficou sobre as quatro patas e começou a respirar profundamente, arqueando as costas e o rabo, com uma atitude de desafio e de terror.

Esta maneira de agir me fez erguer a cabeça e percebi com espanto um rostinho feio, enrugado, de uma megera velha, que ocupava a poltrona de minha mãe. Ela apoiava as mãos sobre os joelhos e inclinava o corpo, de modo a trazer seu rosto em minha direção. Os olhos penetrantes, brilhantes e malvados, fixavam-se em mim, imóveis; parecia-me que era o diabo me olhando. Suas vestes e o conjunto de seu aspecto pareciam os de uma mulher da burguesia francesa; mas não me preocupava com isso, pois seus olhos de pupilas estranhamente dilatadas e com uma expressão demasiado má absorviam completamente minha atenção. Teria desejado gritar com todas as minhas forças, mas aqueles olhos maléficos me fascinavam e prendiam minha respiração. Não podia desviar o olhar e ainda menos me levantar.

Enquanto isso, tratava de segurar minha gata, mas ela parecia não querer ficar ali. Após alguns esforços desesperados, ela conseguiu se liberar; saltando nas cadeiras, nas mesas e em tudo aquilo que ela podia encontrar em sua frente, ela se lançou várias vezes e com tamanha violência contra os vãos da porta que dava para o aposento fechado. Em seguida, virando-se para a outra porta, ela recomeçou a se atirar com uma ira ainda maior. Meu terror tinha então aumentado: ora eu olhava aquela megera cujos olhos maléficos continuavam a se fixar em mim, ora eu seguia com os olhos minha gata, que se tornava cada vez mais frenética. Finalmente, o desespero lamentável do animal tinha se transformado em furor; isso restituiu meu fôlego e comecei a gritar com todas as minhas forças.

Mamãe veio me socorrer rapidamente. Assim que abriu a porta, a gata pulou literalmente em sua cabeça, e durante meia hora ela continuou correndo pelas escadas de cima a baixo, como se alguém a perseguisse. Eu me virei para mos-

trar a minha mãe a causa de meu desespero. Tudo tinha desaparecido.

Em circunstâncias com esta, é bastante difícil ter a noção do tempo; todavia, imagino que a aparição tenha persistido durante quatro ou cinco minutos.

Soubemos em seguida que aquela casa tinha antigamente pertencido a uma mulher que tinha se enforcado naquele mesmo quarto.”

Senhorita K.

O general K..., irmão da percipiente, confirma o relato acima.

Para mais informações a esse respeito, remeto o leitor ao *Journal of the S. P. R.*, vol. III, págs. 268-271.

Este caso é incontestavelmente curioso, quer por si mesmo, uma vez que se trata de um fenômeno de assombração relacionado ao suicídio de uma anciã que tinha acontecido naquele mesmo quarto, quer por causa do paroxismo de terror verdadeiramente excepcional da pobre gata ao ver o fantasma repugnante que tinha de repente surgido em sua frente. Digo “fantasma” simplesmente, sem saber que outra coisa poderíamos imaginar para explicar o espanto extraordinário que tinha invadido a gata, espanto esse que nem sequer diminuiu após o desaparecimento da causa que o tinha provocado.

Podemos acrescentar que, também neste caso, a percipiente ignorava o drama que tinha acontecido naquele quarto; mesmo se a gata não tivesse sido a primeira percipiente, a senhorita K... não poderia se estimular no sentido de provocar em si mesma uma alucinação relacionada a um drama que ela ignorava.

Resulta daí que este relato constitui um exemplo autêntico, bastante interessante, de um caso de assombração com identificação de um fantasma.

Caso 56 (Visual-coletivo)

Eu o extraio dos *Annales des Sciences Psychiques* (1907, págs. 67 e 72, e 1911, pág. 161) . Ele se refere às famosas experiências clássicas do professor Ochorowicz com a médium

senhorita Stanislaw Tomczyk. No seu relatório de 16 de janeiro de 1909, ele conta:

“Na maioria das sessões anteriores, fizeram parte, na qualidade de testemunhos sem voz consultável, meus dois cachorros – um grande terra-nova e um pequeno cão fraldiqueiro de raça cruzada.

Por terem sido bem educados, eles não me incomodavam nunca e deitavam-se tranqüilamente no chão perto de uma poltrona, longe uns cinco metros do divã onde fazíamos a maior parte das experiências.

No momento em que a sonâmbula declarou que a pequena Stasia acabava de sentar-se à poltrona, o cãozinho, deitado na frente dela, se pôs a rosar.

Viro-me e vejo o cão fixando seu olhar na poltrona. O terra-nova dormia e não prestava atenção. Aliás, ele não podia ver a poltrona. Mas o cachorrinho rosou três vezes, levantando apenas a cabeça sem se mover. Ele se acalmou somente quando a sonâmbula declarou que a pequena não estava mais ali.”

Um pouco depois, no relatório da sessão de 19 de janeiro de 1909 (pág. 72), o professor Ochorowicz relata este incidente em que uma gata é a protagonista:

“O começo da materialização do espírito parece se confirmar pela atitude de uma gata branca que se encontrava na copa. Ela fixa com um espanto visível o lugar, sob a mesa, onde devia estar a pequena Stasia; inúmeras vezes ela desvia seu olhar para aquele lado; em seguida, ela se protege assustada e se mete num canto, atitude que não tomava nunca.”

No relatório de 17 de outubro de 1911 (*Annales*, 1911, pág. 161), encontramos um terceiro acontecimento do mesmo tipo, cujo protagonista é uma cachorra são-bernardo. Eis o que diz o professor Ochorowicz:

“Estou sentado à minha mesa de trabalho; a senhorita Tomczyk está na minha frente e nós conversamos. De repente, minha jovem cachorra da raça são-bernardo, que estava

deitada sob a mesa aos meus pés, se levanta e começa a rosnar, olhando para um canto do sofá que se encontra atrás de mim. Ela avança lentamente como que assustada e se põe a latir, sempre fixando os olhos no mesmo ponto, onde não havia nada.

A senhorita Tomczyk teve naquele momento um calafrio, que ela atribuiu à atitude incompreensível da cachorra.

– Ela estaria vendo alguma coisa?

– É sem dúvida a pequena Stasia – eu digo brincando – que veio nos encontrar... Peguemos a mesa girante.

A senhorita Tomczyk põe sua mão ali e aguardamos...

A pequena mesa se aproxima de mim como que para me cumprimentar com alegria.

– É você mesma, Stasia?

– Sim, respondeu a mesa...

Em seguida, decido fazer uma primeira sessão dois dias depois... A “pequena Stasia” se manifesta, mas ela se materializa tão pouco que a sonâmbula mal a percebe, enquanto que a cachorra não a vê de forma alguma...”

Os episódios que acabamos de transcrever, em que três animais tinham visto o fantasma enquanto que a própria médium só pôde conseguir vê-lo em condições de sonambulismo, levar-nos-ia a constatar que os animais superiores não somente compartilham com o homem a posse de faculdades paranormais subconscientes, mas também são aptos a exercê-las quase sem dificuldades. Sem excluir essa possibilidade, é preciso, entretanto, lembrar que nos casos de manifestações telepáticas, trata-se efetivamente do exercício de uma faculdade paranormal subconsciente transmitida pelo *eu* integral ou espiritual do agente e percebida pelo *eu* integral ou espiritual do percipiente, o qual a transfere ao seu *eu* inconsciente ou encarnado na forma de projeção verídico-alucinatoria, única forma acessível a uma personalidade dessa natureza. Porém, nos casos das experiências que acabamos de citar, poderíamos também explicar os fatos sem sair do exercício da visão terrestre, já que, nestes casos, o fantasma da “pequena

Stasia” conseguia se materializar de maneira mais ou menos vaga, de modo que conseguiram fotografá-lo. Para explicar estes fatos, bastaria, portanto, supor que as pupilas daqueles animais eram sensíveis aos raios ultravioleta (como uma chapa fotográfica) e que, por isso, eles conseguiram perceber com seus olhos corporais aquilo que permanece invisível aos olhos humanos.

Caso 57 (Visual-coletivo, com percepções diferentes)

Este fato se encontra nos *Annales des Sciences Psychiques* (1911, pág. 55).

O senhor M. G. Llewellyn, um conhecido escritor inglês, começa prevenindo os leitores de que ele não é espírita e de que nada conhece sobre Espiritismo. Até então ele nunca tinha assistido a sessões mediúnicas nem tinha lido livros ou revistas que tratassem desses assuntos. Unicamente, diferentes pessoas garantiram-lhe que ele é um “sensitivo”. Após estas premissas, ele continua:

“Numa noite, da qual jamais esquecerei, encontrava-me em meu estado normal de saúde, bastante calmo, e tinha jantado como de costume. Estava deitado há pouco tempo e me encontrava num estado tranqüilo de sonolência. O quarto estava mergulhado na mais pacata escuridão, pois eu tinha apagado a luz elétrica e tinha fechado as amplas e espessas cortinas que cobriam duas grandes janelas. Meu gatinho, que sempre dormia em minha cama, lá estava como de costume e repousava sossegadamente.

Enquanto estava assim, com os olhos meio fechados, percebi aparecer subitamente no alto da parede, à direita (do lado em que estava virado), um longo rastro de luz, de um azul-claro e charmoso. Ele se movia na direção da janela da direita e eu o olhava fascinado.

Que coisa estranha! – pensei. Nunca tinha visto o clarão da Lua dessa forma com as cortinas fechadas e, depois, não é um azul que vem do clarão da Lua; ele se movia de uma maneira bastante estranha!... O que poderia ser isso?... Ob-

viamente deve ser o clarão da Lua, e talvez algumas nuvens estejam passando por ela.

A luz, de um azul que nunca tinha percebido antes e que nunca mais revi, continuava a entrar no quarto, sempre do mesmo lado, perto do teto, e olhei estupidamente por cima da porta, de onde caía uma portinhola vermelha, como se a luz pudesse atravessar uma muralha!

Finalmente pulei da cama, abri as cortinas e as persianas e olhei pela janela. Meu olhar espantado viu somente uma escuridão impenetrável. Nenhuma Lua, nenhuma estrela, nem sequer a mínima claridade! Não podia ver nem a estrada nem a fileira de árvores que ali se encontrava – nada. Os postes de luz das ruas estavam sempre apagados durante a madrugada no lugar onde moro, e as trevas eram absolutas.

“Seria então alguém com uma lanterna ou um projetor?”, perguntava a mim mesmo, ainda espantado, voltando para minha cama. Não estava de forma alguma amedrontado e a idéia de que pudesse haver em tudo aquilo alguma coisa de sobrenatural nem sequer tinha me ocorrido.

Enquanto torturava assim meu cérebro, meu gato pulou de repente embaixo da cama, com o pelo todo eriçado, os olhos cintilantes e, num salto, foi até a porta, onde começou a arranhar raivosamente a portinhola, ao mesmo tempo em que emitia os miados mais lamentáveis que eu já tinha ouvido. Estava certamente um pouco assustado; todavia, assim mesmo, não pensava em nada de sobrenatural, pensava somente que o gato tinha ficado louco de repente. Este novo acontecimento tinha me feito esquecer por completo a luz azul.

Sofri tanto ao ver o terror do pobrezinho que o peguei em meus braços e tratei de acalmá-lo. Todo trêmulo, o gatinho se segurava em mim, escondendo a cabeça, e parecia tomado pelo mais intenso pavor. Eu o acariciava e o adulava, e ele ia pouco a pouco se acalmando; mas, para o meu grande espanto, ele ficava de um lado da cama, olhando aterrorizado, os olhos chamejantes e o pelo novamente eriçado. Não via na-

da; no entanto, estou absolutamente convencido de que o gato percebia alguma coisa e nada podia convencer-me do contrário.

Sentindo-se seguro em meus braços, agora que o choque do terrível espetáculo – qualquer que tenha sido ele – tinha passado, o pobre Fluff esticava o pescoço e olhava embaixo, na direção do tapete, seguindo os movimentos do inimigo, com se este, invisível para mim, fosse de lá para cá ao longo da cama, virando-se para a pia. A “coisa”, ou o que quer que fosse, estava sobre o assoalho e não fazia nenhuma tentativa para subir na cama. Se “aquilo” tivesse se aproximado de nós, estou certo de que Fluff morreria de medo na hora. Olhei em minha volta na direção do olhar do gato, mas não via nada além do tapete!

Sem dúvida, não devo me esquecer de que vi a luz azul enquanto o gato dormia. Poderiam supor que meu medo da luz tinha sido comunicado ao gato, mas eu não estava com medo; achei inclusive que se tratava de algo normal...

Em todo caso, o que meu gato viu devia ser um objeto bem tenebroso, pois Fluff é bastante tranquilo, o mais gentil animal que já conheci. Durante bastante tempo, acreditamos inclusive que ele talvez fosse mudo, já que quase nunca ouvíamos seus miados.”

Sobre este interessante relato, apresso-me primeiramente em observar que o terror manifestado pelo gato não deve obrigatoriamente nos levar a acreditar que ele tenha visto alguma coisa horrível. Inúmeros exemplos atestam que os animais são tomados por um susto irresistível na presença de qualquer fantasma, até mesmo o mais angelical deles. O que determina o terror deles é a intuição instintiva que eles possuem diante de um fenômeno paranormal.

Quanto ao fenômeno da luminosidade errante que o senhor Llewellyn tinha observado anteriormente, este serve para apoiar a gênese paranormal da manifestação percebida pelo animal; ele demonstra, de fato, que ao longo daquela noite e naquele lugar aconteciam realmente manifestações paranormais, cujos especta-

dores eram, de diferentes maneiras, um gato e seu dono. Dissemos que esta diferença de percepções, bastante freqüente nas manifestações paranormais, é explicada através das idiossincrasias dos percipientes e por meio das quais uma mesma manifestação paranormal pode não afetar de forma visual a mente de uma pessoa, mas pode ser parcialmente transmissível de forma auditiva, tátil, olfativa ou emocional. De fato, são somente modos diferentes por meio dos quais pode ser transmitido, indiferentemente, o mesmo impulso espiritual-telepático, o qual, por sua vez, para passar do subconsciente para o consciente segue a “via de menor resistência” definida pelas idiossincrasias sensoriais próprias a cada um dos percipientes.

Tudo isso remete às manifestações paranormais percebidas coletivamente através dos diferentes sentidos. Porém, o mesmo fenômeno pode se produzir pelas manifestações paranormais percebidas coletivamente através de um mesmo sentido, como aconteceu no caso relatado pelo senhor Llewellyn. E estas diferenças de percepção de um fenômeno são bastante freqüentes nas manifestações metapsíquicas. Lembro-me de que, durante as sessões com William Stainton Moses, no local onde o médium percebia uma Entidade espiritual, as testemunhas viam freqüentemente uma coluna luminosa e, às vezes, uma simples faixa brilhante em movimento na parede, normalmente de cor azul, como no exemplo que acabamos de citar; portanto, isto pode perfeitamente ser explicado da mesma maneira, ou seja, supondo que o animal tenha notado um fantasma onde seu dono só percebia uma faixa errante e azulada.

Caso 58 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Publicado também pelos *Annales des Sciences Psychiques* (1907, pág. 423), este caso é parte integrante da história misteriosa de “Noula”, transcrita pelo coronel Albert de Rochas. Refere-se a uma jovem russa de alta linhagem, descendente dos príncipes de Radziwill, que sentia constantemente ao lado dela um fantasma feminino por ela chamado “Noula”, cuja realidade objetiva foi provada pelo fato de que ele foi fotografado inúmeras vezes.

ras vezes. Na primeira vez em que “Noula” apareceu, ela foi percebida antes pelo cavalo da jovem russa, a quem devemos o relato deste fato.

“... Sempre convivi com esse personagem a quem chamo “Noula”. Quando era criança, não a via, mas sempre tive para mim a impressão de não estar sozinha. Sempre me escutavam responder questões que pareciam, para os outros, solilóquios criados pela minha imaginação. Com quem eu conversava? Não sei e não tenho de forma alguma lembrança do que estou falando; mas meu pai, quando me submeteu aos exames médicos, lembrou-se perfeitamente do fato. O que posso afirmar aos senhores é que não sentia nenhum prazer em brincar com as outras crianças, pois sentia-me bem sozinha; aliás, sozinha eu não estava.

Vi “Noula” quando entrava na adolescência, logo mocinha. Sua primeira aparição aconteceu num dia em que andava a cavalo com meu pai, que sempre me acompanhava. Ela parecia tão espantosa que na hora pensei tratar-se de uma alucinação. Eis como foi:

Costumeiramente montava num cavalo acostumado comigo e adestrado para a sela. Naquele dia, tive vontade de montar num cavalo garanhão que nunca tinha sido montado antes. Inicialmente consegui dominá-lo; em seguida, inesperadamente, ele partiu à toda. O que aconteceu? Não sei, mas, subitamente, ele se acalmou e, diante dos meus olhos, vi “Noula”, bastante nítida! Acreditei por um instante tratar-se de uma pessoa que, vendo-me em apuros, tivesse parado meu cavalo e eu quis agradecer-lhe. Então meu pai veio ao meu encontro e começou a me advertir meigamente por causa de meu desatino; porém, de repente, olhando para mim, ele me viu tão fora do normal que sentiu medo, muito medo! (Exatamente naquele momento experimentei algo estranho que continuo a sentir algumas vezes: é a sensação de um vazio imenso, como se pairasse no ar). Embora ele não cansasse de me chamar, eu não respondia. Então ele me pegou em seus braços e me desceu, mas eu continuava com aquele olhar fixo e aqueles olhos dilatados que tanto o assustavam.

Isto não durou mais que um minuto; no entanto, foi longo demais. Quando voltei a mim, minha primeira frase foi? “Você a viu?”. Meu pai não entendeu nada e os olhos dele me olhavam com tanta preocupação que logo compreendi seu pensamento. Narrei a ele o que tinha acontecido e, com sua lógica de matemático, ele inferiu que o susto tinha me causado uma alucinação. Mas eu sabia que não! Fiz que aceitei a sua explicação apenas para tranquilizá-lo. Pobre papai, temia por minha sanidade mental.

Nós voltamos sem mais problemas; fazia todos os esforços para parecer feliz, contudo sentia medo! Ao chegar, meu pai me levou até o quarto, pois ele via bem que eu estava sofrendo. Ele se afastou um pouco para me deixar fazer o toalete. E então, quando fiquei sozinha, “Noula” voltou! Meus gritos chamaram meu pai, que chamou o doutor, pois ele não via nada. E quando ele chegou, acalmou-me com quinze gotas de ópio, que me fizeram adormecer.

Eis, senhor, a primeira aparição de “Noula”... E desde então “Noula” se tornou cada vez mais presente em minha vida, principalmente depois que comecei a enfraquecer, pois a tristeza de minha existência influi negativamente em meu estado de saúde. Sou bastante anêmica e frágil. “Noula”, ao contrário, é muito forte e robusta.”

Interrompo aqui este impressionante relato de onde retirei o episódio que acabamos de ler; o que vem depois não entra, para dizer a verdade, no conjunto do assunto que tratamos. Acrescentarei somente que a jovem em questão, na esperança de que o coronel De Rochas pudesse livrá-la desse fantasma obsessivo, foi à França tratar-se; infelizmente, ao voltar a Varsóvia, ela adoeceu e morreu.

Do contexto do caso apresentado, retiramos o fato de o cavalo ter visto o fantasma de “Noula” antes da moça e de que a aparição da Entidade exerceu de imediato uma influência calmante no animal. Entretanto, como este efeito é diametralmente oposto àquele que provoca a visão de um fantasma nos animais, é forçoso deduzir que o fato aconteceu em conformidade com a

vontade do próprio fantasma, o qual tinha se disposto a salvar de um grave perigo a moça com a qual ele estava relacionado.

No entanto, como explicar a presença e a persistência desse fantasma misterioso? Albert De Rochas fica em dúvida entre a hipótese do “desdobramento”¹² da percipiente e o caso de “vampirismo”.¹³ A favor da primeira hipótese, podemos citar a observação da narradora de que no momento em que “Noula” tinha lhe aparecido, ela tinha experimentado uma estranha sensação de imenso vazio, simultaneamente com a sensação de pairar no ar – observação que nos permitiria efetivamente supor o fenômeno de “desdobramento”. Contudo, neste caso, o receptor deveria ter visto a imagem espectral de si própria, e não a de uma outra pessoa, fisicamente bastante diferente dela; a percipiente era loira, magra e pálida, enquanto que “Noula” aparecia morena, forte e saudável. Considerando-se este detalhe, a sensação de vazio sentida pela percipiente deveria se explicar se atribuirmos ao fato uma subtração de força vital de seu organismo pela Entidade sempre que se manifestou.

No tocante à hipótese de um fenômeno de “vampirismo” exercido por “Noula” sobre a percipiente, Albert De Rochas o examina levando em conta principalmente o definhamento progressivo do estado de saúde da referida jovem, definhamento esse que poderíamos racionalmente atribuir a uma subtração persistente de força vital exercida pelo fantasma de “Noula”. O fantasma deveria assim ser visto como uma Entidade espiritual inferior que ainda desejava viver e que, tendo encontrado na constituição orgânico-funcional da jovem uma pessoa para alimentar sua força vital, teria se apossado dela para sentir novamente o meio terrestre, vivendo sua existência por reflexo. Conhecemos alguns exemplos cientificamente estudados que sugerem esta hipótese, porém trata-se, no momento, de casos muito raros e que podem ser explicados de outra forma; assim sendo, eles não poderiam servir como uma “hipótese de trabalho” qualquer, e menos ainda como uma teoria nítida e bem definida do gênero que os ocultistas batizaram de “vampirismo”. Melhor seria não emitir qualquer julgamento conclusivo a este respeito, deixando aos pósteros a solução do problema.

* * *

Para nove outros casos que se encaixam nesta categoria, remeto o leitor aos livros e às publicações seguintes:

- **Caso 59** (Visual-auditivo-coletivo) – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 470;
- **Caso 60** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. VI, pág. 247-248;
- **Caso 61** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. X, págs. 329-330;
- **Caso 62** (Auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Light*, 1903, pág. 141;
- **Caso 63** (Visual-auditivo-telecinésico-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem, assombração) – *Journal of the S. P. R.* vol. III, págs. 241, 245, 246, 248, 249, 250, 252, 325, 326, 327;
- **Caso 64** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. IV, pág. 139;
- **Caso 65** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. IV, pág. 215;
- **Caso 66** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. VIII, pág. 309;
- **Caso 67** (Visual-coletivo-sucessivo) – *Idem*, vol. IX, pág. 245.

Quinta categoria

Animais e pressentimentos de morte

Esta categoria está subdividida em três subgrupos distintos, mas somente o terceiro possui uma importância especial em relação ao assunto que tratamos.

O *primeiro subgrupo* se refere aos casos de manifestações premonitórias percebidas coletivamente pelos animais e pelo homem; circunstância interessante, mas que, a nosso ver, não difere em nada das outras circunstâncias já examinadas nas categorias anteriores.

O *segundo subgrupo* é composto por casos em que os acontecimentos premonitórios se repetem tradicionalmente numa mesma família, adquirindo normalmente uma forma simbólica, isto é, o acontecimento de morte é anunciado pela aparição – por exemplo, por uma *dama de branco* (como na família dos Hohenzollern) – ou pelo tiquetaquear característico que denominamos de “relógio da morte”, ou pelo estouro de um tiro de fuzil, ou, finalmente, pela aparição de um fantasma animal, sempre o mesmo para uma determinada família. Como podemos ver, o segundo subgrupo, em que o fantasma animal é apenas um símbolo, não apresenta nada em comum com as manifestações que tratamos neste livro, exceto a simples aparência.

Finalmente, o *terceiro subgrupo* é constituído por casos que julgamos importantes, pois eles se referem às faculdades premonitórias da “psique” animal e consistem no fato de que os animais domésticos manifestam algumas vezes a faculdade de pressentir, a curto termo, a passagem de uma pessoa de seu meio, anunciando-a por gemidos e berros característicos. Essa faculdade de várias espécies animais é bastante conhecida; os “ganidos de morte” dos cachorros fazem parte das tradições de todos os povos. Assim sendo, tratar-se-ia de uma faculdade análoga à faculdade premonitória do homem, embora esta esteja circunscrita em limites mais simples.

Nestas condições, limitar-me-ei a transcrever um só exemplo pertencente ao primeiro subgrupo e dois outros, bem curtos, pertencentes ao segundo, reservando-me a desenvolver de maneira mais adequada o assunto do terceiro subgrupo.

Primeiro subgrupo

Manifestações de morte percebidas coletivamente por homens e por animais

Caso 68 (Auditivo-coletivo)

Este caso foi publicado pela senhora Sidgwick no seu livro sobre premonições (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, págs. 307-308) e coletado e estudado por Fredrich Myers em abril de 1888.

A senhora Cowpland Trelaor conta:

“Durante uma noite do mês de junho de 1863, em nossa residência no vicariato de Weeford (Staffordshire, Inglaterra), minha irmã e eu fomos acordadas por uivos lastimosos. Visitamos todos os cantos da casa, sem nada descobrir. Nesta primeira circunstância nem nossa mãe nem os empregados foram acordados por aqueles gritos; mas, em contrapartida, encontramos nosso cão buldogue com o focinho enfiado numa pilha de lenhas e tremendo de medo. No dia 28 do mesmo mês nossa mãe morreu.

O segundo caso que relataremos foi o mais impressionante e se produziu no mesmo vicariato, em agosto de 1879. Fazia algum tempo que nosso pai estava doente, mas suas condições de saúde permaneciam estáveis; no domingo de 31 de agosto, ele celebrava ainda na igreja, apesar de vir a morrer nove dias depois. A família era, naquela época, composta por nosso pai, minha irmã, meu irmão, dois empregados, a ama e eu. Nós dormíamos em quartos separados, distribuídos pela casa; esta, para uma residência paroquial, era bastante ampla.

Aquela era uma noite calma e serena dos últimos dias de agosto; nenhuma via férrea existia nas redondezas; não existiam casas na vizinhança, nem ruas que pudessem ser percorridas por algum transeunte retardatário; o silêncio era absoluto e a família permanecia mergulhada no sono. De repente, entre meia-noite e meia-noite e quinze, fomos todos despertados, exceto nosso pai, por uivos inesperados, aflitos e assustadores, com uma entonação diferente de qualquer voz humana e análoga àquela anteriormente escutada na ocasião da morte de nossa mãe, mas infinitamente mais forte. Os gritos vinham do corredor que levava ao quarto de nosso pai. Minha irmã e eu descemos da cama (ninguém teria dormido com tamanho tumulto); acendemos uma vela, fomos ao corredor sem sequer pensar em nos vestir; lá, encontramos meu irmão e os três empregados aterrorizados como nós. Embora a noite estivesse calma, aqueles uivos desesperados eram acompanhados de rajadas de vento que pareciam repercuti-los ao longe: ter-se-ia dito que eles saíam do teto. Eles persistiram durante mais de um minuto, para em seguida se dissiparem pela janela.

Uma estranha coincidência se ligou a esse acontecimento; nossos três cães, que dormiam comigo e com minha irmã, tinham corrido rapidamente para se esconderem nos cantos, com os pelos das costas eriçados. O buldogue tinha se escondido sob a cama e, como não conseguia fazê-lo sair com um chamado, tive de arrastá-lo à força; foi quando constatei que ele se agitava, tremendo convulsivamente.

Corremos para o quarto de nosso pai, onde pudemos ver que ele dormia tranqüilamente. No dia seguinte, com as devidas precauções, nós fizemos, na sua presença, alusões aos acontecimentos da noite, e isto nos permitiu constatar que ele não tinha escutado nada. Ora, como era impossível dormir normalmente enquanto ressoavam aqueles gritos atrozes, é necessário supor que para ele os gritos não ressoavam. Quinze dias depois aproximadamente, e mais precisamente no dia 9 de setembro, nosso pai morreu.

E eis aqui o terceiro caso. Em 1885, eu me casei e fui morar em Firs (Bromyard), onde vivia minha irmã, senhora Gardiner. Meu irmão permaneceu a 35 km de distância e gozava naquela época de boa saúde. Numa noite, em meados de maio, minha irmã, a doméstica Emilie Corbett, os outros empregados e eu (meu marido estava ausente) ouvimos novamente os costumeiros uivos desesperados, embora menos terríveis que os da última vez. Pulamos de nossas camas, vasculhamos a casa e nada encontramos. No dia 26 de maio de 1885 meu irmão morreu.

O quarto caso aconteceu no fim do mês de agosto de 1885. Emilie Corbett, os outros empregados e eu ouvimos novamente aqueles lamentos pungentes. No entanto, como nossa casa não ficava isolada, assim como o presbitério dos Weeford, e os uivos já não eram tão veementes quanto naquela ocasião, tive a sensação de que eles podiam vir de algum transeunte, embora não pudesse evitar uma certa preocupação com minha irmã, senhora Gardiner, que, naquele momento, não se sentia muito bem. Ao contrário, nada aconteceu com ela, que vive ainda. Mas outra de nossas irmãs, senhorita Annie Cowpland, que estava perfeitamente saudável no momento em que os gritos foram ouvidos, morreu uma semana depois de difteria.”

Senhora Cowpland Trelaor,
Senhora Cowpland Gardiner,
Emily Corbett.

Avaliemos rapidamente este caso bastante interessante, estudado por Myers. Como já dissemos, do ponto de vista da classificação, este não possui nenhuma importância especial e é análogo aos casos relatados na quarta categoria, exceto a circunstância de que aqui não se trata mais de uma visão coletiva de fantasma, mas sim da percepção de sons de natureza paranormal. Lembremos que o fato em si do pré-aviso de morte, transmitido neste caso sob a forma de gritos desesperados, explica-se a partir das idiossincrasias pessoais dos sensitivos para os quais a mensagem é transmitida; quer dizer que, ordinariamente, a forma de realiza-

ção dos fenômenos premonitórios, assim como qualquer fenômeno paranormal, representa tão somente a “via de menor resistência” percorrida pela mensagem em curso, vinda do além ou das profundezas do subconsciente até a consciência dos sensitivos. Isto, obviamente, remete às manifestações de ordem subjetiva que constituem a grande maioria dos casos de realização inteligente, enquanto que as circunstâncias de fantasmas ou de percepções fônicas de natureza objetiva se realizam em função de um sensitivo que fornece fluidos e força àquele que se manifesta, independentemente das idiosincrasias dos percipientes. Ora, no fato que acabamos de expor, notamos que existe a circunstância dos animais que perceberam, ao mesmo tempo em que os seres humanos, o som dos gritos premonitórios, circunstância esta que nos levaria a supor que se tratava, dessa vez, de sons objetivos. Neste caso, a circunstância do pai doente que não tinha escutado nada (porque ele *não devia* escutar) deveria se explicar com a suposição de que ele se encontrava mergulhado em um estado de sonambulismo.

Segundo subgrupo

Aparições de animais sob a forma premonitório-simbólica

Como acabamos de constatar, os fantasmas animais que têm estritamente a função de símbolo não pertencem à categoria de manifestações presentes neste livro, mas sim à categoria de “simbolismo nas manifestações metapsíquicas em geral” – um assunto de que tratei em outra monografia específica.¹⁴ Nessas ocasiões, o fantasma animal, independentemente de qualquer verossimilhança, representa apenas uma projeção alucinatória de uma idéia pensada e transmitida intencionalmente pelo agente telepático, e isso em conformidade com a circunstância de que, naquele meio familiar existe uma tradição segundo a qual a aparição de um fantasma específico equivale a um pré-aviso de morte iminente na família. Conseqüentemente, esta forma de premonição dependeria também de um tipo de idiosincrasia que

teria se perpetuado de geração em geração entre os membros da mesma família.

Conhecemos exemplos de mensagens simbólicas premonitórias que, desde muitos séculos atrás, repetem-se de forma idêntica, em um mesmo meio familiar; porém, tais mensagens são constituídas por simbolismos diferentes daqueles que tratamos aqui. Devo acrescentar que os casos nos quais o simbolismo adquire a forma de um fantasma animal são raros e compreendem apenas um pequeno número de repetições da mesma aparição; assim sendo, deveríamos encará-los apenas como episódios rudimentares de simbolismo premonitório.

Eis, como exemplo, dois breves casos:

Caso 69 (Visual)

Este caso encontra-se nos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 156. A senhora E. L. Kearney relata:

“17 de janeiro de 1892.

Meu avô estava doente. Descia, numa noite, pela escada interna de nosso apartamento, quando percebi, no corredor, um gato estranho que vinha em minha direção. Assim que me viu, ele correu para se esconder atrás de uma porta que dividia o corredor em duas partes. Essa porta ficava sempre aberta. Corri imediatamente até ela para espantar o estranho animal, mas fiquei extremamente surpresa ao ver que nada havia ali; foi impossível encontrar alguma coisa no restante do apartamento. Conteï logo o ocorrido à minha mãe (ela me disse, há alguns dias, que se lembrava perfeitamente do incidente). Meu avô faleceu no dia seguinte.

Isso parece ainda mais interessante se o considerarmos em relação à outra circunstância. Minha mãe me contou que, na véspera do dia da morte de seu pai, ela também tinha percebido um gato que andava ao redor da cama do doente. Ela havia, como eu, tentado espantá-lo e, igualmente, nada tinha encontrado.

Caso 70 (Visual)

Retirado dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 302. Eis o relato da senhora Welman:

“Existe no tronco familiar materno de minha família uma tradição segundo a qual, pouco tempo antes da morte de algum de seus membros, um enorme cão negro aparece a um ou outro dos parentes. Num dia de inverno de 1877, por volta da hora do jantar, eu descí ao andar térreo; a casa estava iluminada e, enquanto me dirigia até o corredor que levava à escada, vi de repente um enorme cão preto que andava diante de mim sem fazer barulho. Naquela penumbra, pensei que se tratava de um cão pastor, entre os muitos que possuíamos, e chamei: “Lady!”, mas o cão não se virou e pareceu não ter me ouvido. Eu o segui. Sentia uma leve sensação de mal-estar que, por sua vez, transformou-se em profundo espanto quando, chegando ao fundo da escada, vi desaparecer diante de mim todo e qualquer traço do cão, embora as portas estivessem todas fechadas. Não falei disso a ninguém, mas não podia me impedir de pensar constantemente no que tinha acontecido. Dois ou três dias depois, recebemos da Irlanda a notícia da morte inesperada de uma tia, irmã de minha mãe – fato que aconteceu após um acidente.

Terceiro subgrupo

Pressentimentos de morte em que animais são percipientes

Esta é uma das mais curiosas e misteriosas faculdades da psique animal. Na introdução desta categoria, já tinha dito que ela consistia na possibilidade de os animais domésticos manifestarem às vezes a faculdade de pressentir, a curto termo, a morte de uma pessoa de seu meio, anunciando-a com ganidos e latidos característicos. Acrescentei que esta capacidade de várias espécies animais é bastante conhecida; entre as tradições dos povos, existe também aquela que fala dos “ganidos de morte” dos cães. Tratar-se-ia, portanto, de uma autêntica faculdade “premonitória”.

ria” dos animais, embora ela pareça mais limitada que a faculdade análoga manifestada esporadicamente no homem.

Caso 71

O doutor Gustave Geley, primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris e autor de obras metapsíquicas célebres, hoje clássicas, teve de fazer uma experiência pessoal dessa faculdade paranormal dos animais e a descreve assim em seu livro *De l’Inconscient au Conscient* (pág. 192):

“... Os “uivos de morte” dos cães não devem ser ignorados jamais, especialmente quando são ouvidos em circunstâncias trágicas.

Numa noite eu cuidava, na qualidade de médico, de uma jovem que, em perfeito estado de saúde, naquele momento foi acometida por um mal agudo e agonizava. A família estava comigo no quarto, silenciosa e amedrontada. A doente se queixava. Era uma hora da manhã (a morte aconteceu no mesmo dia).

De repente, no jardim ao redor da casa, ressoaram ganidos de morte vindos de um animal da casa. Eram uivos lamentosos, lúgubres, numa nota só, emitidos primeiramente num tom elevado que em seguida foi decrescendo, até que desapareceu suavemente, bem lentamente.

Houve um silêncio por alguns segundos e o queixume infinitamente triste recomeçou, idêntico e monótono. A doente teve um momento de lucidez e nos olhou ansiosa. Ela tinha compreendido. O marido desceu depressa para calar o cão. Ao se aproximar, o cão se escondeu e foi impossível, na escuridão da noite, encontrá-lo. Assim que seu marido subiu novamente, a queixa recomeçou e continuou, durante uma hora, até que o cão foi pego e levado para longe.”

O que devemos pensar no caso de manifestações como esta? O relator deste caso era um homem de ciência digno; a veracidade do fato é incontestável, os ganidos do cão foram evidentemente bastante característicos; o pressentimento de morte se realizou; não poderíamos então evitar a conclusão de que o cão

tenha tido realmente a premonição do falecimento de uma pessoa de seu meio, exceto se preferirmos explicar os fatos a partir da hipótese das “coincidências fortuitas”. Nesse caso, restaria explicar porque os cães possuem, em certas circunstâncias, uivos absolutamente característicos e que o relator descreveu com tamanha precisão. Aliás, se a hipótese das “coincidências fortuitas” pode ainda ser sustentada num caso isolado, ela não o poderia mais se as manifestações dessa natureza se realizassem com freqüência.

Caso 72

Este fato foi incluído no livro de Robert Dale Owen, *The Debatable Land* (pág. 282), onde o autor informa que há mais de trinta anos é amigo íntimo da família em que se produziu o caso exposto por ele; depois, ele prossegue dizendo:

“A senhorita Hass, então com vinte anos, tinha um irmãozinho de dois anos que, por sua vez, possuía um cãozinho, fiel companheiro de quem gostava muito e que também gostava muito dele; dir-se-ia que o cão cuidava dele com um cuidado paterno... Um dia, o bebê corria de lá para cá na sala quando tropeçou no tapete e caiu. Sua irmã correu até ele e, tendo-o levantado e lhe feito afagos, conseguiu acalmar seu choro. No entanto, no jantar, os pais notaram que o bebê esticava a mão esquerda, ao invés da direita; constataram então que ele sequer conseguia mover esta última. Fizeram fricções com álcool canforado no braço do doente, sem que a criança se queixasse do que quer que fosse, e o colocaram novamente à mesa. De repente, o cãozinho se aproximou da cadeira do bebê e começou a se queixar e a latir de maneira deferente. Trataram de afastá-lo, mas ele continuou a ganhar no cômodo ao lado. Foi então que o fizeram sair para o jardim; ele se colocou sob a janela da criança, retomando seus lamentos, com curtos intervalos de trégua, e continuou assim durante toda a noite, apesar das tentativas para espantá-lo dali.

Na noite do mesmo dia, o garotinho adoeceu gravemente após a queda e morreu a uma hora da manhã. Enquanto ele ainda estava vivo, os ganidos indescritivelmente tristes do cão se repetiram em pequenos intervalos; assim que o bebê faleceu, o cão silenciou, para não mais continuar, nem na hora, nem depois.”

No primeiro caso o pressentimento de morte envolvia alguém que agonizava; seus familiares sequer se iludiam com o desaparecimento iminente da doença. Neste segundo exemplo, pelo contrário, o presságio de morte envolve uma criança que parece saudável e cuja atitude não permite entrever as conseqüências fatais da queda ocorrida algumas horas antes, de modo que a família não tinha nenhuma preocupação sobre isto. Segue daí que a premonição de morte manifestada pelo cão parece, nesta circunstância, ainda mais impressionante que no caso precedente. No primeiro caso, poderíamos talvez objetar que o cão tinha tido, por telepatia, a influência do pensamento dos familiares da pessoa em agonia; no segundo caso tal objeção é completamente excluída.

Casos 73, 74 e 75

A senhora Carita Borderieux, atualmente diretora da revista *Psychica*, publicou na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* (1918, pág. 136) um artigo sobre os pressentimentos de morte nos animais e do qual extraio estes três casos reunidos pela própria autora:

“Primeiro caso:

Uma de minhas amigas morava em Neuilly-sur-Seine, onde morreu de tuberculose. Sua agonia foi perturbada pelos sinistros ganidos de um cão das vizinhanças. Os pais da doente, desesperados por não poderem silenciar o animal, normalmente calmo, deram ordem para que levassem até ele um pedaço de carneiro que tinham acabado de preparar. Tentativa inútil: o cão desprezou o succulento pedaço e continuou a “gritar para a morte”.

Segundo caso:

O senhor Marcel Mangin, famoso pintor e psiquista, morto em 1915, tinha um cão dotado da faculdade de pressentir a morte das pessoas da família. Antes mesmo que o doente pudesse causar preocupações às pessoas que estavam a sua volta, o animal se punha a ganir de maneira estranha, tanto que acabavam notando as previsões e se assustando com elas.

O senhor Marcel Mangin teve morte súbita por embolia. Ora, no dia anterior, enquanto nada fazia prever uma morte tão próxima, o cão se pôs a ganir de maneira significativa.

– Que quer dizer este cão vil? – perguntaram-se o senhor e a senhora Mangin.

No dia seguinte, o pintor estava morto...

Assustada e injusta, é preciso admitir, a senhora Mangin sacrificou o animal.

Terceiro caso:

A senhora Camille, célebre vidente de Nancy, contou-me que tinha tido uma cachorrinha dada a exteriorizar pressentimentos de morte.

O marido da senhora Camille estava doente há muito tempo, mas, embora seu estado não apresentasse nenhum agravamento, o animalzinho se meteu subitamente embaixo da poltrona onde ele se descansava e se pôs a emitir um uivo lamentoso.

– Que tem esse animal? – disse o doente. – Dir-se-ia que ele anuncia minha morte...

Acalmaram o doente e afastaram o animal. No dia seguinte, o marido da senhora Camille faleceu.”

Dos três casos citados pela senhora Borderieux, o que envolve o falecimento do senhor Marcel Mangin, psiquista bastante conhecido, é o mais impressionante; primeiramente, porque envolve uma circunstância análoga àquela do caso precedente, ou seja, o cão começou a “ganir para a morte” quando seu dono ainda gozava de excelente saúde e nada podia fazer prever a iminência de seu fim; em segundo lugar, porque soubemos

através desse relato que o mesmo cão já tinha, noutras ocasiões e da mesma maneira, anunciado acontecimentos iminentes de morte na família.

No primeiro dos três casos citados, não podemos deixar de achar característico o incidente do cão que recusa um pedaço de carne suculento, preferindo não interromper seu misterioso mandato de “uivar para a morte”. Diríamos que nestas ocorrências os animais se encontram em condições de semi-sonambulismo, em que o automatismo subconsciente, ao comandar o campo de consciência deles, torna-os insensíveis a algumas tentações dos sentidos que seriam irresistíveis numa situação normal.

Caso 76

O senhor William Ford, residente em Reading (Inglaterra), escreveu na revista *Light* o seguinte (1921, pág. 569):

“Durante minha juventude, eu possuía um cão pastor de raça cruzada e com rabo curto, adestrado por mim para reunir e guiar carneiros e bois. Passamos juntos muitos dias felizes na fazenda de meu pai; mas chegou o dia em que os negócios me obrigaram a deixar a casa e meu cão foi dado a um velho fazendeiro residente perto de Maidstone. Logo esse velho e o cão tornaram-se companheiros inseparáveis: onde quer que o homem fosse o animal o seguia, e essa amizade afetuosa continuou assim por três anos.

Numa manhã, o velho fazendeiro não se levantou na hora costumeira e seu filho foi ver o que poderia significar esta infração dos hábitos paternos. O genitor, com a maior calma, anunciou que sua hora tinha chegado e pediu que lhe trouxessem o cão, pois ele queria vê-lo mais uma vez antes de morrer.

O filho tentou dissuadir o pai, dizendo que aquelas afirmações eram nada mais que produto de uma lúgubre fantasia; porém, como sua insistência contrariava o velho, ele foi procurar pelo cão e o trouxe até ele. Assim que o animal entrou no quarto, saltou sobre a cama e consolou seu dono; de-

pois se meteu num canto e começou a ganir lastimosamente. Levaram-no dali e o acariciaram; nada podia reconfortá-lo ou fazê-lo calar. Ele acabou se metendo em seu canil, entregue a um abatimento tão profundo e tão desesperado que acabou morrendo às 20:30. Seu velho dono o seguiu ao outro lado às 22 horas.

Dez anos depois, eu estava sentado num círculo experimental particular. Num determinado momento, o médium teve um sobressalto. Perguntaram-lhe o que ele via e ele respondeu: “Parecia-me que via um urso, mas era só um cão. Ele pulou no círculo de repente, apoiou as patas da frente nos joelhos do senhor Ford e o lambeu”. Em seguida, uma descrição minuciosa do cão que tinha lhe aparecido correspondia exatamente àquela de meu cão pastor. O médium concluiu dizendo: “Ele tinha um focinho que parecia sorrir”. Este detalhe também se adaptava bastante a meu cão. Quanto a mim, não duvido em nenhum momento da identidade do animal que apareceu.”

Neste fato, a premonição de morte pelo animal é menos interessante que nos casos precedentes, visto que ela se produziu apenas 12 horas antes do falecimento, no momento em que o velho já sabia que estava morrendo. Estas circunstâncias não impedem, no entanto, que haja, exatamente como nos outros casos, uma percepção de morte iminente do cão; há, além disso, o emocionante episódio do falecimento do animal após uma profunda dor.

O último incidente da aparição do cão ao longo da sessão mediúnica, dez anos depois de sua morte, transforma este relato num caso de transição entre a presente categoria e a seguinte, onde trataremos dos casos de aparições identificadas de fantasmas de animais.

Na minha coletânea dos fatos não encontramos outros exemplos de premonições de morte pelos animais, o que não significa de forma alguma que as manifestações desse tipo sejam raras, mas somente que esquecemos até então de coletá-las. O que contribui para mostrar isto é que, quando fazemos alusões aos

fatos desse tipo nos meios populares, têm-se quase sempre relatos análogos de manifestações. Estes últimos, infelizmente, são contados de maneira tão vaga ou são passados por tantas bocas que não podemos incluí-los numa classificação científica.¹⁵ Segue daí que, embora tudo contribua para provar a realidade das manifestações em questão, seria, todavia, prematuro discuti-las; o exame delas será oportuno somente no momento em que conseguirmos acumular uma quantidade suficiente de materiais brutos dos fatos, de modo que possamos analisá-los, compará-los e classificá-los segundo um método rigorosamente científico.

Sexta categoria

Animais e fenômenos de assombração

Esta categoria é abundante em exemplos interessantes e esclarecedores. De fato, após uma triagem rigorosa feita em minha coleção, encontrei ainda 39 casos exuberantes à minha disposição, casos estes dos quais limitar-me-ei, obviamente, a relatar somente uma parte, ao mesmo tempo em que indicarei ao leitor as publicações onde estão presentes os demais.

Para melhor esclarecer, subdividi os casos em dois subgrupos: no primeiro, examinamos os casos nos quais os animais deram sinais claros de perceber coletivamente com o homem as manifestações de assombração; no segundo, tratamos dos casos de manifestações de fantasmas animais nos lugares assombrados.

Primeiro subgrupo

Animais que percebem coletivamente com o homem as manifestações de assombração

Resumo, inicialmente, alguns casos que, por serem constituídos por pequenos incidentes distribuídos em longos relatos, não podem, de forma alguma, ser transcritos integralmente; começo por três casos históricos que retiro de um artigo de Alfred Russell Wallace, *Étude sur les Apparitions (Annales des Sciences Psychiques*, 1891, págs. 351-352).

Caso 77 (Auditivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

“Em seu relato sobre os fenômenos que aconteceram ao cura de Epworth, o eminente religioso John Wesley (fundador da religião Metodista), após ter descrito barulhos estranhos, parecidos com aqueles que fazem os objetos de ferro e de vidro jogados no chão, acrescentou: “Pouco depois, nosso grande cão buldogue Masheff correu para se proteger entre

mim e a senhora Wesley. Enquanto os sons continuavam, ele ladrava e saltava atacando o ar de um lado para o outro e, freqüentemente, antes que alguém no quarto escutasse o que quer que fosse. Porém, dois ou três dias depois, ele tremia e ia embora se arrastando antes que o barulho recomeçasse. Com esse sinal, a família já sabia o que ia acontecer, e nunca nos enganávamos...”

Caso 78 (Auditivo-coletivo)

“Quando da ocorrência dos fenômenos no cemitério de Arensburg, na ilha de Oesel, onde caixões foram revirados em sepulturas lacradas, alguns fatos foram devidamente constatados por uma comissão oficial: os cavalos das pessoas que vinham visitar o cemitério ficavam freqüentemente tão assustados e tão excitados que suavam e espumavam; às vezes, eles se jogavam no chão e pareciam agonizar; apesar dos socorros que lhes eram trazidos imediatamente, vários deles morriam ao cabo de um ou dois dias. Nestes casos, como em vários outros, embora a comissão fizesse uma investigação bastante rigorosa, não conseguiu descobrir nenhuma causa natural.” (R. Dale Owen, *Footfalls on the Boundary of another World*, pág. 186).

Caso 79 (Auditivo-coletivo)

“No incrível caso da casa assombrada, contado ao senhor R. Dale Owen pela senhora S. C. Hall e do qual ela própria foi testemunha dos fatos principais, vemos que o homem assombrado não pôde segurar o cão por muito tempo: não foi possível fazer com que ele ficasse no quarto nem de dia nem de noite. Era aquele que ele tinha quando a senhora S. C. Hall o conheceu no momento em que os fenômenos começaram e que, logo depois que fugiu, desapareceu.” (*Footfalls*, pág. 326).

A estes casos históricos, o senhor Wallace acrescenta estes três outros de data recente:

Caso 80 (Visual-coletivo)

“No caso relatado pelo senhor Hudgson na revista *Arena*, em setembro de 1889, quando a “dama de branco” apareceu para o irmão do autor, lemos que na terceira noite ele viu um cão rastejar, permanecer com o olhar vidrado e em seguida agir como se fosse perseguido ao redor do quarto. “Meu irmão não viu nada, mas ouviu uma espécie de assobio; o pobre cão latiu e, em seguida, tentou se esconder e nunca mais quis entrar naquele quarto.”

Caso 81 (Auditivo-coletivo)

“No impressionante relato da casa assombrada, contado por um membro bastante conhecido da Igreja Anglicana que morou nela por um ano, é preciso considerar a conduta bastante diferente dos cães na presença dos efeitos insólitos reais ou fantasmagóricos. Quando uma tentativa de roubo aconteceu no presbitério, os cães deram o alarme imediatamente e o religioso se levantou com seus latidos infernais. Ao contrário, durante os barulhos misteriosos, embora estes fossem muito mais fortes e preocupantes, eles não ladraram de maneira alguma. Eles foram encontrados enfiados num canto, num estado de pavor lamentável. Eles estavam mais perturbados que qualquer outra pessoa e, se não tivessem sido fechados no andar de baixo, correriam até a porta do nosso quarto e teriam se enfiado ali, rastejando e gemendo, enquanto tivéssemos permitido.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. II, pág. 151).

Caso 82 (Auditivo-coletivo)

“Numa casa assombrada em Hammersmith, onde se ouviram barulhos de todos os tipos, inclusive o eco de passos e o som de lamúrias e gemidos, onde se viam portas se abrirem sem nenhuma causa aparente e onde, finalmente, aparecia um fantasma de mulher que foi sucessivamente vista por três adultos e por uma garotinha de seis anos, o cão da casa percebia, por sua vez, os fenômenos. “Logo – escreveu a senho-

ra R. – os velhos sons recomeçaram na nossa pequena biblioteca. Eram sons de objetos que caíam, janelas que se agitavam violentamente, solavancos poderosos por toda a casa; enfim, também a janela de meu quarto começou a se agitar ruidosamente. Enquanto isso, o cão latia sem parar, e o barulho dos golpes e das quedas aumentava intensamente... Deixei meu quarto e me refugiei no de Hellen; passei ali o resto da noite. No dia seguinte, o cão mostrava claramente que, ao ver o quarto assombrado, ele ainda se assustava. Eu o chamei para entrar comigo, mas ele se encolheu no chão, metendo o rabo entre as pernas; via-se que ele temia entrar... Estava em casa com Hellen e a empregada.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. III, pág. 115-116).

Caso 83 (Auditivo-telecinésico-coletivo)

A respeito de uma casa mal-assombrada ¹⁶ em Versalhes (*Annales des Sciences Psychiques*, 1895, pág. 85), o senhor H. de W. se expressa dessa forma numa carta ao doutor Dariex:

“Ao fim de aproximadamente dez minutos, enquanto a criada nos contava suas desventuras, uma velha poltrona de rodas, situada no canto esquerdo, pôs-se em movimento e, percorrendo uma linha em ziguezague, veio passar entre mim e o senhor Sherwood; em seguida, rodou em torno de si mesma, a mais ou menos um metro atrás de nós, chocou-se duas ou três vezes contra o armário com seus pés traseiros e tornou em linha reta para o seu canto. Isto se passou em pleno dia e pudemos nos certificar do fato sem conivência nem fraude de nenhuma espécie. A mesma poltrona retomou sua conduta em três ocasiões diferentes, tomando cuidado, estranhamente, para não se chocar contra ninguém. Ao mesmo tempo, golpes violentos se faziam ouvir no outro canto, como se marceneiros trabalhassem no cômodo ao lado, que estava escancarado e completamente deserto. O amigo que tinha nos levado soltou seu cão na direção daquela sala; o animal voltou berrando, obviamente devido a um profundo terror. Ele não queria mais se mover em nenhum sentido;

seu dono foi obrigado a pegá-lo nos braços enquanto ficávamos na casa.”

Caso 84 (Auditivo-coletivo)

Nos documentos publicados pelo doutor G. Morice sobre os casos fantasmagóricos do castelo de T..., na Normandia, temos um dos fatos mais interessantes e mais extraordinários de que se tem notícia (*Annales des Sciences Psychiques*, 1892-1893, págs. 211-223 e 65-90). Ele conta:

“Ele comprou (o senhor de X..., primeiro proprietário do castelo) dois cães de guarda de confiança que eram soltos todas as noites; nada acontecia. Um dia, os animais se puseram a latir na direção de um dos bosques do jardim com tamanha persistência que o senhor de S... achou que malfeitores se escondiam ali. Ele se armou, ordenou que seus empregados se armassem, cercaram o bosque e soltaram os cães. Eles correram com furor, mas, mal tinham penetrado o local, seus latidos se transformaram em ganidos desesperados, como os de um animal que recebe um corretivo; eles fugiram, com os rabos entre as pernas, e não se pôde fazer nada para que eles entrassem. Então, os homens entraram no bosque, vasculharam por todos os lados e não encontraram absolutamente nada.”

Caso 85 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

No relatório muito bem documentado pela senhorita R. C. Morton e fornecido para a *Society for Psychical Research* a respeito da casa assombrada em que ela morava e onde aparecia, entre outras coisas, o fantasma de uma mulher vestida de preto, ela fala assim da atitude de seu cãozinho *fox-terrier*.

“Lembro-me de tê-lo visto, em duas ocasiões diferentes, correr para o fundo da escada do vestíbulo, balançando o rabo e arqueando as costas, como fazem costumeiramente os cães quando querem ser acariciados. Ele corria para lá com um elã e com uma expressão de alegria, exatamente como se

alguém estivesse naquele lugar; mas logo o vimos escapar depressa, com o rabo entre as pernas, indo se refugiar tremendo sob o sofá. Nossa impressão era a de que ele tinha visto um fantasma. Sua maneira de agir era completamente característica; tal impressão era muito mais forte do que possa parecer em uma simples descrição.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. VIII, pág. 323).

A partir dos dois primeiros casos relatados aqui, assim como a partir do caso 80, podemos ver que os animais percebem manifestações metapsíquicas que passam despercebidas pelas pessoas presentes; prerrogativa animal cujo exemplo já vimos no caso 53 e cujos comentários já evocamos no caso 56. Um pouco adiante, relataremos um outro fato extraordinário que aconteceu com a senhora d’Espérance (caso 95). No comentário do caso 56, em que se tratava, se bem me lembro, de manifestações experimentais com início de materialização do fantasma, notávamos que o fato de que os animais parecem perceber a presença do fantasma, inclusive quando ninguém presente percebe, podia se explicar supondo que os olhos de certos animais seriam sensíveis aos raios ultravioleta (como uma chapa fotográfica) e que, conseqüentemente, eles conseguiam discernir com os olhos corporais aquilo que era invisível aos olhos humanos. No entanto, esta hipótese – correta em algumas circunstâncias – não parece aplicável aos casos que examinamos agora, pois estes são fenômenos subjetivos e não objetivos. Nestas condições, é preciso concluir que os animais se mostram efetivamente mais dotados que o homem, no que concerne à sensibilidade subliminal, para perceber as manifestações paranormais. Os casos em que os animais se mostram refratários às produções psíquicas percebidas pelo homem são realmente raros, enquanto que os homens refratários a estas mesmas manifestações constituem a grande maioria. É difícil conhecer a causa da superioridade da suscetibilidade animal em relação às percepções da atividade subconsciente ou espiritual; mas como esta prerrogativa parece existir em condições análogas nas populações selvagens, em que a faculdade *telepática* e *telestésica* são bastante freqüentes, seria preciso deduzir que a causa consiste nas mentalidades ainda virgens

destes povos, livres das prevenções costumeiras de um meio contrário ao exercício das faculdades subconscientes, ou ainda na circunstância de que a atividade psíquica não é continuamente absorvida e dispersada pelos cuidados e pelas preocupações da vida civilizada. A precisão destas observações é comprovada por um fato bastante conhecido, ou seja, nos casos dos sensitivos clarividentes basta uma contrariedade passageira ou uma ligeira condição de ansiedade ou preocupação para que suas faculdades paranormais sejam neutralizadas.

Caso 86 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Eu o extraio do *Journal of the S. P. R.* (vol. XIV, pág. 378). O Rev. H. Northcote envia um relatório sobre um caso de assombração estudado por ele e que se passou na casa da família de um de seus amigos. Tratava-se de um fantasma de homem que aparecia constantemente, no mesmo quarto e na mesma hora da noite, e que foi visto por diversas pessoas que não sabiam a respeito umas das outras. Um dia, a família Clemsford, que morava naquela casa, recebeu a visita da senhorita Denton, que foi instalada no quarto assombrado. A senhorita Denton conta:

“Na mesma noite em que cheguei, fui me deitar bem tarde e dormi muito mal... Não dei muita importância para isso, atribuindo ao fato o cansaço excessivo e a mudança de cama. Mas na segunda noite aconteceu a mesma coisa; e, por volta das 3 horas, fiquei surpresa ao perceber uma massa opaca, ligeiramente luminosa, ao pé da cama. Pensei primeiramente que se tratava de um reflexo da luz que vinha da janela; mas esta massa adquiriu gradualmente uma forma e acabou se transformando num homem grande que permaneceu imóvel durante um certo tempo – tempo este que me pareceu bastante longo, embora não passasse de alguns segundos – para em seguida atravessar o quarto e desaparecer num armário. Na terceira noite, assisti à mesma manifestação, mas desta vez com grande espanto; por isso, no dia seguinte, tive de pedir aos meus amigos para deixar o cão dormir em meu quarto, porque tinha escutado ratos. Meu desejo foi ra-

pidamente atendido; também, na quarta noite, fui me deitar segura e tranqüila. O cão se encolheu sobre a caminha que tinha preparado sobre a poltrona, e não demorei a adormecer profundamente.

Por volta das 2 horas, fui acordada pelos ganidos do cão; vi que ele tinha se levantado e girava ao redor do cômodo, sempre se queixando. Ao mesmo tempo, percebi ao pé da cama o fantasma de minha visita noturna. Invadida mais uma vez por um grande terror, comecei a gritar para ele: “Vá embora! Vá embora!”...

Numa outra noite, depois de aproximadamente 18 horas que estava na casa do senhor Clemsford, o fantasma me apareceu como se fosse de fogo, tal qual uma figura iluminada por transparência, em que os traços do rosto e as principais linhas do corpo transpareciam com um clarão sinistro; meu terror foi tanto que finalmente decidi falar, negando-me absolutamente a dormir naquele quarto. Tive uma conversa sobre aquele assunto na hora do almoço e perguntei se alguém da casa não tinha visto alguma vez um fantasma no quarto onde eu dormia; ao mesmo tempo, descrevi o rosto que tinha percebido. Minha surpresa foi enorme ao ouvir que minha descrição correspondia exatamente à aparência do fantasma visto naquele quarto e na mesma hora pelo senhor e pela senhora Clemsford. Obviamente, eu não dormi mais naquele quarto...”

Neste exemplo, a agitação e o espanto do cão podem parecer pouco conclusivos do ponto de vista que nos interessa especificamente, se o compararmos com a mímica do animal, infinitamente mais demonstrativa, em tantos outros períodos do mesmo gênero. Entretanto, neste caso, existe a circunstância eloqüente do animal que é de repente invadido pelo pavor, às 2 horas da manhã, ou seja, na hora exata em que constantemente acontecia a manifestação de assombração naquele lugar. Logicamente, se levarmos em conta esta circunstância, não me parece possível evitar a conclusão de que o cão tinha certamente percebido o fantasma naquele momento no quarto. A circunstância de que ele se encontrava ali, a despeito da senhorita Denton que estava

adormecida, aumenta o valor comprobatório da manifestação em que o animal foi o primeiro percipiente.

Caso 87 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Este caso saiu no *American Journal of the S. P. R.* (1910, pág. 45). Ele faz parte de uma pequena coletânea de fatos examinados por um ministro da Igreja Episcopal. O professor James Hyslop diz que não pode publicar os nomes dos percipientes, que, em sua grande maioria, são pessoas bastante conhecidas e preferem não se identificar. O pastor, autor do relato, transcreve o fato seguinte:

“A vila do doutor G..., residente em Nova York, 5^a Avenida, rua 43, encontra-se em Fishkill, sobre o rio Hudson. No dia 20 de outubro, a senhorita F. G., sua filha, tinha estado em Nova York; ela tinha chegado à cidade em um horário bastante avançado da noite. O cocheiro tinha ido esperá-la na estação de trem, com uma carruagem e um excelente cavalo. A noite estava bastante escura e o veículo não possuía faróis. A estrada estava bem conservada e o cavalo percorria tranqüilamente o caminho. Colinas costeadas por árvores aumentavam ainda mais a escuridão; de repente, num certo momento, o cavalo começou a dar coices violentamente e o cocheiro não sabia o que fazer. A senhorita F. G. olhou e viu uma longa coluna esbranquiçada igual a um nevoeiro, a qual, após ter se levantado no meio do caminho, diante do cavalo, passou ao lado dele, resvalou o cotovelo da jovem e desapareceu por sobre os ombros dela. No momento em que a aparição encostou em seu cotovelo, ela sentiu um calafrio e foi invadida por um espanto. No entanto, sua mentalidade era bastante positiva para aceitar uma explicação paranormal do acontecimento; dirigindo-se ao cocheiro, ela disse: “Tome cuidado, Michael, talvez tenhamos passado por cima de alguma coisa. Desça e olhe o que aconteceu”. Mas o cocheiro protestava e se mostrava preocupado, declarando que não se tratava de alguma coisa material, mas de um encontro com um fantasma. Ele acrescentou: “A senhorita e eu pode-

mos estar enganados, mas não podemos dizer o mesmo para o cavalo. O pobre animal está dando coices de tanto medo!”. Ele decidiu descer e olhar, mas não encontrou nada na estrada. Em seguida, eles seguiram viagem. A senhorita F. G. ordenou ao cocheiro para não falar a ninguém sobre o que tinha acontecido, temendo assustar os empregados.

Alguns dias depois, ela contou o fato a um senhor que tinha vindo lhe fazer uma visita, e que morava desde muito tempo em Fishkill. O homem escutou com ávido interesse e depois disse: “A senhorita viu o fantasma de Verplanck”. E lhe deu estas explicações:

Na época da geração precedente, a senhorita Verplanck, herdeira de uma grande família dinamarquesa residente aqui, estava encantada por um jovem advogado de Nova York, embora a família preferisse que ela se casasse com seu primo, Samuel Verplanck. No dia 20 de outubro, o jovem advogado ia encontrá-la, mas uma violenta tempestade caiu naquele momento e ele não foi. Na manhã seguinte, a senhorita Verplanck anunciou: “Ele foi assassinado esta noite”. Alguns minutos depois, receberam a notícia de que tinham descoberto o cadáver dele, com uma facada no peito. Naquele mesmo momento, Samuel Verplanck tinha desaparecido; nunca mais foi visto em parte alguma. Pouco tempo depois, as pessoas começaram a dizer que, na noite de 20 de outubro, Samuel Verplanck apareceu no local do crime. O que aconteceu à senhorita F. G., naquela noite, confirmaria esta tradição.”

Ainda neste caso, o animal teria sido o primeiro percipiente, circunstância que mostra quão admiráveis sensitivos são os animais superiores.

O caso é impressionante por si só e não apresenta nada de especial, uma vez que conhecemos centenas de casos análogos ligados a uma tradição de crimes perpetrado no local da assombração – conforme já tinha observado no livro ¹⁷ que consagrei a estas manifestações.

Caso 88 (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

O professor Andrew Lang, sociólogo e mitólogo bastante conhecido, conta o fato que segue e que aconteceu com a família de um de seus amigos. O trecho abaixo foi extraído da revista *Light* (1912, pág. 111):

“Num dos subúrbios de Londres há um palacete espaçoso e bastante antigo, inteiramente construído com tijolos à vista e rodeado por um jardim. Eu o conheço muito bem. Quando meus amigos Rotherhams foram se instalar ali, o local estava completamente assombrado. Entre outras coisas, quando a senhora Rotherhams se aproximava de uma porta, esta se abria espontaneamente diante dela; algumas vezes ela sentia mãos invisíveis puxando seus cabelos; ouviam barulhos noturnos, estranhos e inexplicáveis, tais quais os ruídos de louças e talheres se chocando e de móveis arrastados que perturbavam sem parar o sono dos habitantes da casa.

Numa noite em que o senhor Rotherhams estava ausente, sua mulher foi se deitar com seu pequenino no quarto que ficava em cima da copa; tinha antes disso pedido para fechar seu cão na copa, um *collie*. Ela notou que, quando começava a escutar os barulhos de móveis arrastados e de louças se chocando, o cão se punha a gritar desesperadamente. A senhora não teve coragem de descer ao andar inferior para soltá-lo; mas quando, pela manhã, ela abriu a porta do cômodo assombrado, o cão veio ao seu encontro, com o rabo entre as pernas; ela constatou que os móveis, as cadeiras e a louça estavam em seus devidos lugares.

Num dia, a mesma senhora estava sentada diante da porta, ocupada em tomar as lições de sua filhinha. Num determinado momento, tendo chamado a ama, ela viu se abrir uma porta e entrar “uma dama” vestida estranhamente com um *robe* branco acinzentado e com o rosto da mesma tonalidade.

Numa outra noite, enquanto o senhor Rotherhams tinha se demorado a fumar na mesma sala, ele viu seu cão se levantar, com o pelo todo eriçado e ganindo desesperadamente,

virado para a porta. Ao olhar naquela direção, ele viu a porta se abrir e entrar uma “dama de azul”. Ele se levantou rapidamente para ir ao seu encontro, mas não viu mais nada.

Se o fantasma tivesse um objetivo, era certamente o de obrigar os novos ocupantes da casa a se mudar, mas eles permaneceram ali e as manifestações diminuíram pouco a pouco até pararem completamente. Os membros da família são pessoas lúcidas e vigorosas; são nossos amigos mais íntimos.”

Professor Andrew Lang

No caso exposto, encontramos dois fatos que se referem às percepções animais: no primeiro, de natureza puramente auditiva, o cão trancado na saleta assombrada mostra, de antemão, através dos ganidos desesperados, que ele percebe as manifestações barulhentas que os outros ouvem do lado de fora; no segundo, o animal é o primeiro a perceber o fantasma da “dama de azul”. Não resta nenhuma dúvida sobre a participação do animal nas manifestações de assombração às quais estão sujeitos coletivamente seus donos.

Caso 89 (Auditivo-coletivo)

No livro bastante conhecido do doutor Edward Binns, *Anatomy of Sleep* (pág. 479), encontramos o fato seguinte, comunicado ao autor por Lord Stenhope, amigo bastante íntimo do protagonista do acontecimento, o senhor G. D. Steiguer. Este último relata:

“Na minha juventude, quando ainda era oficial do exército dinamarquês, ocupava desde algum tempo o aposento que tinha sido reservado para mim, sem perceber nada de anormal. Meu quarto estava dividido assim: um espaço servia de salinha e o outro servia de quarto para o meu subalterno; eram três cômodos que se comunicavam entre si.

Numa noite em que estava deitado, porém acordado, ouvi um som de passos que iam e vinham no meu quarto e que

pareciam ser os de um homem de pantufas. O barulho inexplicável se prolongou por muito tempo.

Pela manhã, perguntei ao meu subalterno se ele tinha escutado algo durante a noite. Ele me respondeu: “Não, exceto durante a madrugada, quando o senhor passeava pelo quarto”. Eu lhe jurei que não tinha deixado minha cama; como ele permaneceu incrédulo, disse-lhe que, caso o barulho dos passos se repetisse, eu o chamaria.

De fato, na noite seguinte o chamei sob pretexto de pedir uma vela e o questionei para saber se ele não via nada; ele me respondeu negativamente, acrescentando que, de qualquer forma, ele ouvia um som de passos, como se alguém se aproximasse dele, para em seguida se afastar na direção oposta.

Tinha em meu quarto três animais, um cão, uma gatinha e um canário, os quais, por sua vez, reagiam de maneira característica no momento em que os rumores começavam. O cão pulava imediatamente em minha cama e se encolhia ao meu lado. A gata seguia com o olhar os barulhos dos passos, como se percebesse ou se esforçasse para perceber aquilo que acontecia. O canário, que dormia em seu poleiro, acordava e se punha a voar na gaiola, invadido por uma intensa agitação.

Em outras ocasiões, ouvíamos sons musicais na sala, como se alguém tivesse encostado levemente nas teclas do piano, ou ainda percebíamos um som característico, como se alguém girasse a chave do escritório na fechadura e a abrisse; no entanto, tudo permanecia em seu lugar. Falei sobre aqueles ruídos inexplicáveis aos meus colegas do regimento; eles vieram sucessivamente dormir no sofá de meu quarto e ouviram, uns após os outros, os barulhos que eu próprio tinha constatado.”

Em seguida, o senhor Steiguer conta que pediu para retirar o assoalho e os lambris do quarto, mas não descobriu nenhum traço de ratos. Depois disso, ele adoeceu; como sua doença tendia a piorar, o médico o aconselhou a mudar imediatamente

de quarto, sem dar nenhuma explicação. G. D. Steiguer se mudou de fato. Quanto estava convalescendo, insistiu junto ao doutor para conhecer o motivo que o tinha levado a aconselhá-lo a se mudar; o médico finalmente lhe disse que “o aposento onde ele estava tinha uma reputação horrível; um homem tinha se enforcado no quarto que ele tinha ocupado e um outro tinha sido morto”.

Os leitores terão notado que, nos casos relatados até aqui, os animais percipientes eram sempre cães, gatos ou cavalos; no caso acima, por se tratar de um canário, vê-se que o reino dos pássaros é, por sua vez, susceptível de perceber manifestações paranormais e de se assustar com elas.

No tocante à atitude do canário diante das manifestações auditivas do quarto assombrado, parece-me impossível levantar dúvidas sobre seu valor demonstrativo, visto que o canário percebia bem, assim como os outros animais, as manifestações em curso; de fato, o barulho de um passo leve, tal qual o de um homem de pantufas, não é capaz de assustar um canário habituado a viver com um homem. Conclui-se daí que o canarinho se assustava porque percebia realmente as manifestações de assombração e tinha a intuição da natureza paranormal delas.

Segundo subgrupo

Aparições de animais em locais assombrados

Não é nada fácil determinar o que representam as aparições de fantasmas animais nas manifestações de assombração. Algumas vezes, o acontecimento coincide com o fato de que animais parecidos com aqueles das aparições tinham vivido naquele lugar. Neste caso, os fantasmas animais poderiam ser explicados quer pela hipótese da sobrevivência da psique animal, quer com a suposição de uma projeção telepática do pensamento de um defunto (tanto mais que, freqüentemente, os animais se manifestam junto a fantasmas de falecidos), quer ainda pela hipótese da revivificação psicométrica de acontecimentos que se passam

num determinado lugar anos a fio. Porém, com bastante frequência, não somente não se constata nenhuma coincidência que permita explicar a aparição animal a partir de uma destas suposições, como também é possível inclusive descartar por completo que os fantasmas animais que aparecem num lugar assombrado correspondam de uma maneira qualquer a outros animais que viveram naquele local. Neste caso, a explicação popular dos fatos é a de que as aparições animais representam espíritos de defuntos,¹⁸ os quais, tendo sido acusados de erros graves, adquirem, após a morte, formas animais correspondentes à natureza de seus erros. Em meu livro *Dei fenomeni d'Infestazione* (Capítulo III), citei um caso de aparição de um fantasma de animal; a pessoa que conta esse fato diz que, ao questionar os camponeses sobre o assunto, estes explicaram que “o responsável pelos fatos era Tommy King, um farmacêutico que vivera ali há um século e que tinha se enforcado em uma casa situada nas redondezas; desde então, o Espírito infeliz errava naqueles lugares sob a forma de um animal”. A esse respeito, eu escrevi:

“É o folclore popular das aparições de animais nos locais assombrados; embora esta seja nitidamente tradicional e gratuita, não é fácil substituí-la por outra menos gratuita e mais científica. Assim sendo, limitar-me-ei a lembrar que, no livro do doutor Justinus Kerner, *A Vidente de Prevorst*, lê-se que a vidente, em seu estado de sonambulismo, explicava da mesma maneira as aparições de animais. Assim, no capítulo VI (Caso 4, pág. 177), em relação a um *Espírito inferior* que aparecia para ela, o doutor Kerner transcreveu: “No meu quarto, a aparição se repetiu sob a forma de um urso”. Adormecida, ela disse: “Agora vejo o quanto a alma dele deve ser negra, uma vez que ele vem sob formas muito assustadoras: mas é preciso que eu o veja novamente...”. No Caso 5 (pág. 190), a vidente em estado de sonambulismo se dirige a um Espírito perguntando-lhe se ele poderia se manifestar sob uma forma diferente daquela que ele tinha quando vivo, e o Espírito respondeu: “Se vivi como um animal, teria de aparecer como tal. No entanto, não podemos assumir as formas que queremos e temos que aparecer a vocês tal qual

nós éramos quando vivos”. E no capítulo IV (pág. 120): “O zombeteiro – aquele que foi vicioso e mau – pode aparecer sob a forma de um animal com o qual ele se identifica pelas condições em que viveu...”.

Em contrapartida, lembro que, entre os casos de assombração coletados por mim, existem dois que sugerem uma explicação diferente – o que, aliás, não excluiria a outra. Eles foram publicados no *Journal of the S. P. R.* (vol. XIII, págs. 58-62, e vol. XV, págs. 249-252); trata-se da aparição de um cão e de uma gatinha, com a circunstância impressionante de que no local onde eles apareciam tinham morrido um cão e uma gatinha que eram iguais àqueles que se manifestavam. No que concerne à gatinha, a identificação era mais fácil pelo fato de que o fantasma se mostrava manco, como a gata que, quando viva, tinha sido atacada por um cão e tinha ficado aleijada. Estaríamos, nesse sentido, diante de um caso de identificação autêntica, de modo que é salutar deduzir que se conseguíssemos acumular um número suficiente de casos desse tipo, estes conduziriam à demonstração da sobrevivência da alma animal, possibilidade esta que não deve de forma alguma causar espanto.”

Gostaria de acrescentar àquilo que escrevi no livro *Dei Fenomeni d'Infestazione* que, de fato, consegui reunir certo número de fatos análogos aos que acabo de fazer alusão e os incluirei na oitava categoria. Eles corroboram para provar que conseguiremos um dia demonstrar cientificamente a sobrevivência da psique animal. Por outro lado, isto não impede de forma alguma que as outras hipóteses indicadas há pouco não possam, por sua vez, ser legítimas, e que elas devem, dependendo das circunstâncias, ser levadas em consideração para a explicação de certas modalidades de fantasmas animais. Mais ainda, tudo é propício para demonstrar que as hipóteses expostas acima explicam qualquer um dos casos pertencentes a esta categoria.

Caso 90 (Visual-coletivo)

Hereward Carrington, um dos metapsiquistas mais credenciados dos EUA e autor de livros conhecidos por todos aqueles que estão envolvidos com nossas pesquisas, relata no *American Journal of the S. P. R.* (1908, pág. 188) o seguinte fato que ele mesmo investigou:

“O caso bastante interessante que vou expor foi retirado de uma experiência pessoal; ele aconteceu no verão passado e é, a meu ver, muito sugestivo ou até mesmo conclusivo...

Quando estava em Lilly Dale, tinha feito amizade com três pessoas que foram protagonistas do caso em análise e que se interessavam, assim como eu, pelas pesquisas metapsíquicas. Soube do fato através das três pessoas envolvidas no *hall* do hotel onde elas estavam hospedadas, alguns minutos depois que o acontecimento tinha se realizado... Eis aqui do que se trata:

As três pessoas em questão – duas damas e um cavalheiro – passeavam por um caminho um pouco distante da cidade, conversando sobre diversos assuntos, quando uma das mulheres, que possui faculdades clarividentes, percebeu diante dela um cãozinho correndo pelo caminho. O Sol estava no ocaso, mas a luz do dia ainda era forte; no entanto, os outros não viam nada, porque na realidade o cão não existia. O terreno era aberto, nu e plano; assim sendo, não se poderia dizer que existiam obstáculos naturais para o campo de visão. A dama afirmava que o cãozinho corria na frente, a cerca de dez metros de distância dela, mantendo-se no meio do caminho, completamente perceptível; ela acrescentava que ele parecia ter as dimensões de um *fox-terrier*, de pelo amarelo, com focinho alongado e rabo pequeno e enrolado. Enquanto as três pessoas discutiam entre elas sobre este caso estranho, um gato saiu tranqüilamente de uma casa situada a poucos metros de onde estavam e se pôs na direção do caminho para atravessá-lo; mas assim que conseguiu chegar, ele curvou as costas assoprando e arranhando o ar, exatamente no lugar onde se encontrava o fantasma do cão, como se um animal

de carne e osso tivesse subitamente aparecido diante do gato. Insisto no fato de que este último tinha chegado até a trilha com uma atitude absolutamente tranqüila e indiferente, para, de repente, tomar uma atitude de luta. Logo depois, o gato se virou num ímpeto e voltou, correndo, para a casa de onde ele tinha saído. Durante aquela cena, a mulher vidente continuava a perceber o cão; em seguida, ela desviou por um instante o olhar para acompanhar a fuga do gato; quando ela olhou novamente na direção do cão, este tinha desaparecido. Ela declarou que este animal não tinha dado a mínima importância ao gato; inclusive no momento em que ele parecia querer arranhá-lo, o cão continuou tranqüilamente seu caminho. É evidente que se o gato tinha se comportado daquela maneira é porque ele tinha acreditado perceber diante de si um cão autêntico que aparecia de surpresa. E, no entanto, este cão não existia! Estes são os fatos e, sobre a autenticidade do relato, dou minha garantia; porém, deixo a cargo dos leitores as explicações que melhor lhes aprouverem.”

Neste relato, não é indicado se o local tinha a reputação de ser assombrado e se um cão análogo tinha vivido naquelas redondezas; assim sendo, não é possível chegar a nenhuma conclusão teórica sobre a gênese dos fatos.

Mas não restam dúvidas de que o incidente, por si só claro e indubitável, envolve uma aparição de fantasma de cão que foi vista coletivamente por uma mulher e por um gato.

Caso 91 (Visual-coletivo)

Este caso foi publicado pela revista *Light* (1915, pág. 215); ele é análogo ao precedente. O Rev. Charles L. Tweedale escreve:

“Por volta das 22:30, minha mulher subiu até o quarto e, ao ajeitar os travesseiros, ela espiou o pé da cama. Percebeu ali um grande cão, de pé sobre suas patas, o qual ela pôde descrever em detalhes. Quase no mesmo momento, nosso gato, que tinha seguido sua dona pelas escadas, entrou no quarto e vendo, por sua vez, o cão, deu um pulo, arqueando

as costas, eriçando o rabo, arquejando e arranhando o ar. Ele saltou em seguida em cima da pia, situada num canto do quarto, e se refugiou atrás do espelho do móvel. Um pouco depois, o fantasma do cão se esvaecia; minha mulher, querendo se certificar de que o gato não era, por sua vez, de natureza fantasmagórica, aproximou-se da penteadeira, olhando por detrás do espelho; ela viu exatamente nosso gato autêntico num estado de excitação frenética e com o pelo completamente eriçado. Quando ela se viu obrigada a tirá-lo de seu abrigo, o felino se arqueou e a arranhou, ainda dominado pelo medo do cão.”

Neste caso ainda, como no caso precedente, não vemos nenhuma informação que possa nos orientar na direção das causas do acontecimento, o que não o impede de ser, por sua vez, bastante característico e sugestivo. De fato, nos dois casos, observamos a combinação das duas modalidades de manifestações paranormais em questão, a saber: uma em que os animais percebem coletivamente com os homens as manifestações de assombração e outra em que as manifestações de assombração são constituídas por fantasmas de animais percebidos por homens e animais.

Caso 92 (Visual, com impressões coletivas)

A senhora I. Toye Warner Staples envia à revista *Light* (1921, pág. 553) o relato aqui reproduzido e que fala de um caso pessoal:

“Espero que a minha contribuição sobre a sobrevivência da psique animal esteja em condições de superar as exigências impostas pela *Society for Psychological Research*; todavia, o fato que vou expor é escrupulosamente autêntico e merece confiança, qualquer que seja a explicação.

Minha infância se passou na parte ocidental da Irlanda, e desde os quatro até os seis anos, vivi numa velha e grande casa, às margens do rio Shannon. Minha família era inglesa e por isso não dava importância aos relatos das pessoas do lugar, as quais afirmavam que nossa habitação era assom-

brada. Ora, foi ali que tive a primeira experiência daquilo que podemos chamar de “o fantasma de um animal”. Durante a noite, no verão, em plena luz do dia, às vezes ao longo de vários dias consecutivos, outras vezes com um intervalo de vários meses, era aterrorizada pela aparição bastante nítida e natural de um cãozinho branco da raça *pomerânia* que se manifestava para mim na cabeceira de minha cama. Ele me olhava, com a boca aberta e com a língua para fora, como se estivesse ofegante, e se comportava como se me visse e como se a atitude adotada por ele fosse a de pular em minha cama. Então eu me assustava terrivelmente, certa de que não se tratava de forma alguma de um cão de carne e osso (pois, neste caso, eu o teria acolhido com imenso prazer, pois sempre gostei muito de animais). Às vezes, no momento em que o animal se mostrava ao lado da janela, eu percebia os móveis do quarto através de seu corpo branco e me punha a gritar, chamando minha mãe e dizendo: “Leve-o daqui! Faça-o ir embora!”. Assim que mamãe entrava no quarto, ele a seguia: quando ela saía, ele saía com ela. Então me pegavam, levavam-me para baixo e, após vários afagos, faziam-me esquecer o medo que tinha sentido.

O mais curioso é que, enquanto eu era a única a perceber o fantasma canino, quatro pessoas o *pressentiam*.

Em plena luz das manhãs de verão, dois membros de minha família – mulheres – e uma dama e um senhor que tinham morado na casa antes de nós percebiam freqüentemente algo constituído por um corpo sólido com as dimensões e com o peso de um cão pequeno e que parecia saltar na cama deles, ao lado dos pés, para em seguida passar lentamente sobre seus corpos, chegar aos ombros e descer no chão pelo outro lado. Naquelas ocasiões, os percipientes se sentiam como que paralisados e não eram capazes de se mover; mas, logo em seguida, pulavam da cama e examinavam minuciosamente o quarto, sem nada descobrir...

Por razões fáceis de compreender, abstenho-me de publicar o endereço da casa; mas eu o confiarei ao professor Horace Leaf, caso este relato seja suscetível de lhe interessar.”

É por demais complicado formular uma teoria capaz de explicar de forma satisfatória fatos como este que acabamos de relatar; aliás, talvez melhor seria evitar discuti-los. Se tentássemos nos orientar procedendo por eliminação, deveríamos dizer que, no caso em questão, não poderia se tratar de percepção psicométrica de acontecimentos passados, pois a circunstância do pequeno cão que olhava de frente a percipiente, dispondo-se a pular na cama, a seguir os passos das pessoas presentes e a sair com elas, assim como a outra circunstância das impressões táteis sentidas por quatro pessoas, evocando um animal que passaria sobre seus corpos, indicam *uma ação no presente* e não uma reprodução automática *de ações que aconteceram no passado*, como acontece no caso das percepções psicométricas.¹⁹

Pelo mesmo motivo, deveríamos excluir a hipótese de uma projeção telepática de um defunto, uma vez que uma projeção dessa natureza provocaria a percepção alucinatória de um fantasma animal plasticamente inerte ou que se deslocaria automaticamente, mas nunca de um fantasma animal consciente do meio em que ele se encontra.

Finalmente, inclusive a hipótese alucinatória, considerada segundo a significação psicológica desse termo, não poderia ser sustentada, já que quatro pessoas tinham, inúmeras vezes, experimentado impressões *táteis*, correspondentes às percepções *visuais* da pessoa, o que demonstra certamente que na origem dos fatos deve existir um agente único que devia ser obrigatoriamente inteligente e estranho aos percipientes.

Restaria então, para o pesquisador, duas hipóteses: primeiramente a tradicional e popular, segundo a qual os fantasmas de animais que aparecem nos locais assombrados representam o simulacro simbólico de um espírito humano de ordem baixa e corrupta; em seguida, aquela que supõe que a psique animal sobrevive à morte do corpo, chegando, às vezes, a se manifestar aos vivos.

Depois de expor estas observações a fim de cumprir meu dever de relator, abstenho-me de toda e qualquer conclusão, uma vez que a ausência de dados necessários não permite de forma alguma chegar a um consenso. Limito-me a lembrar que as duas

hipóteses que acabo de citar podem explicar os fatos através da intervenção de Entidades espirituais desencarnadas: para a primeira tratar-se-ia de entidades humanas, enquanto que, para as segundas, tratar-se-ia de entidades animais.

Caso 93 (Visual-coletivo, com diversidade de “impressões” sensoriais)

Extraio este caso do *Journal of the S. P. R.* (vol. XIII, págs. 52-64). Ele faz parte de um extenso relatório sobre uma casa assombrada onde apareciam os fantasmas de uma mulher vestida de preto, de um homem pendurado num galho de árvore e de um cãozinho branco, percebidos geralmente por diversos percipientes. No relatório, encontram-se sublinhadas 14 aparições do cãozinho, mas limitar-me-ei aqui a transcrever somente a primeira.

Eis o que conta a senhora Fletcher, que morava na casa assombrada:

“O pequeno cão branco apareceu pela primeira vez no mês de janeiro de 1900. Numa tarde, meu marido saiu da biblioteca, onde ele se encontrava sozinho, e me disse: “Vi um cão branco na biblioteca”. Respondi sorrindo: “Nada mais natural, nossos dois cães não fazem outra coisa a não ser passar de um cômodo a outro”. Mas meu marido, sério, disse-me: “Não falo de nossos cães. Enquanto escrevia, vi um cãozinho branco girar em volta da escrivaninha e ir até a porta que estava fechada. Pensando que era Nippers, levantei-me para abrir a porta, mas o cãozinho tinha desaparecido”. Depois desse primeiro incidente, as aparições do cãozinho branco tornaram-se freqüentes; nós todos pudemos ver, inclusive nossos empregados, nossos hóspedes, a senhorita Plumtre (de quem os senhores encontrarão o relato em anexo) e seu irmão.”

É preciso chamar a atenção dos leitores sobre o fato de que, no momento em que o cão resvalava em alguma parte do corpo dos percipientes, eles sentiam imediatamente uma sensação de

calor no ponto em que a pressão alucinatório-verídica do corpo do cão fantasma tinha tocado.

Um pouco adiante, a senhora Fletcher observa:

“Num local de minha perna, embaixo do joelho, que o cão tinha resvalado ao passar, percebi, durante várias horas, uma sensação de queimação bastante forte, tal qual a de uma ligeira queimadura. Minha filha Eglantine não estava presente no momento em que falei sobre isto; no entanto, pouco depois ela observou espontaneamente: “Mãe, no lugar da minha perna onde o nariz do cão encostou sinto como que uma sensação de queimadura”.²⁰

Não consigo encontrar nenhum incidente do passado que tenha relação com a aparição do cãozinho branco, exceto que, há treze anos, eu tinha um cão *terrier* de pelo branco que tinha sido meu grande favorito e era absolutamente igual àquele que se manifestava.”

Esta última observação da senhora Fletcher deixaria supor que, neste caso, tratar-se-ia de antemão de um exemplo de identificação de um fantasma animal. Mas esta observação é vaga por demais para ser levada em consideração. Somente quando a relacionarmos com casos análogos que citarei na oitava categoria será possível atribuir-lhe um certo valor comprobatório. De qualquer forma, não saberíamos ligar o fato da aparição verídica de um cão falecido alguns anos antes ao das aparições de fantasmas de homem e de mulher, exceto se quisermos retirar desta coincidência o fato de que as condições de saturação fluídica inerente a um meio assombrado tenham dado condições ao cão para se manifestar.

Caso 94 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Eu o destaco de um artigo já citado da senhora E. d'Espérance, que saiu no número de outubro de 1904 da revista *Light*. Tendo em vista que o fato em questão foi contado por uma dama respeitável e universalmente conhecida na área dos estudos psíquicos, e que por ter sido ela a principal protagonista deste

acontecimento temos a garantia das afirmações, parece-me que este relato merece uma séria consideração.

Eis as passagens que nos importam mais estritamente:

“A localidade onde os fatos aconteceram não é muito distante de minha casa; eu própria fui testemunha ocular. Após a publicação de meu caso, tive a oportunidade de assistir a um fato parecido. Eis a história resumidamente:

Em 1896, estabeleci-me definitivamente em minha casa atual. Conhecia muito bem o local, pois o visitei inúmeras vezes; tinha sido inclusive avisada que ele tinha a reputação de ser assombrado. Todavia, não tinha me informado detalhadamente sobre isto, principalmente porque não conhecia quase ninguém nas redondezas; em seguida, porque não compreendiam minha língua e eu tampouco compreendia a língua do país. Depois disso, é fácil imaginar que as comunicações entre nós eram limitadas, ao menos durante um certo tempo. Aquilo que vi ou que acreditei ter visto não deve, portanto, ser atribuído a um efeito dos rumores que poderia ter escutado.

Em meus passeios diários, tinha o costume de ir até um pequeno bosque que eu gostava muito por causa da sombra fresca com a qual nos refrescávamos no verão e porque ali ficávamos protegidas dos ventos durante o inverno. Um caminho público o cortava de um lado. Ora, tinha, com frequência, observado que os cavalos tinham medo daquele lugar; isto sempre tinha me intrigado, pois não sabia a razão desse medo. Noutras ocasiões, chegando àquele lugar, meu casal de cães se recusava obstinadamente a entrar naquele bosque; eles se jogavam no chão, metiam o focinho entre as patas e ficavam surdos tanto para as insistências quanto para as ameaças. Se me punha em qualquer outra direção eles imediatamente seguiam-me alegremente, mas se persistia em querer entrar naquele bosque eles me abandonavam em debandada até a casa, invadidos por uma espécie de pânico. Esse fato, por ter se repetido inúmeras vezes, levou-me a ir falar com uma amiga, que era a proprietária daquele lugar.

Soube então que incidentes parecidos tinham freqüentemente se reproduzido naquele lugar, desde tempos remotos, não constantemente, mas em intervalos de tempo, tanto com cães quanto com cavalos. Ela me contou também que esse pedaço da estrada que cortava o bosque era tido pelos camponeses do lugar como um local assombrado, por causa de um terrível crime que teria sido cometido no começo do século passado.

Uma comitiva matrimonial tinha sido atacada pelo amante da noiva; esta tinha sido morta ao mesmo tempo que o marido e o pai. O culpado fugiu, mas foi encontrado a dois ou três campos de distância do local pelo irmão do esposo, que o matou. Essa história, bastante conhecida, é autêntica; perto do pequeno bosque (mas não onde os cavalos ficam com medo) encontram-se três cruzeiras de pedra que marcam o local onde os três assassinatos foram realizados; uma outra cruz, situada a uns dois campos de distância, marca o ponto onde o culpado caiu. Tudo isto se passou há um século, mas a presença das cruzeiras serviu para revivificar, no país, a lembrança do drama; no entanto, isto não serviria para explicar a atitude dos cavalos e dos cães.

Num dia de outono de 1896, tinha saído com uma amiga para fazer um passeio... Chegamos ao pequeno bosque pelo lado oeste, seguindo tranqüilamente nosso caminho... Fui a primeira a me virar, e percebi um pequeno bezerro com um tom vermelho-escuro. Surpresa com a aparição inesperada daquele animal ao meu lado, soltei uma exclamação de espanto e o animal se escondeu imediatamente no bosque do outro lado da passarela. No momento em que ele penetrava na moita, um estranho clarão avermelhado se despreendeu dos seus grandes olhos: teríamos dito que eles lançavam chamas. Era a hora do pôr-do-sol, o que fez com que eu pensasse que os raios do Sol que incidiam sobre os olhos do animal bastavam para explicar aquele fato; os olhos brilhavam quase como as frestas de uma janela no momento em que elas são tingidas diretamente pelos raios do sol.

Quando estávamos perto de nossa casa, minha amiga se deu conta de que tinha esquecido a capa de prata de sua sombrinha. Ela se dirigiu a um dos jardineiros, pedindo-lhe que enviasse um homem para procurar o objeto perdido, dando-lhe as informações necessárias e indicando-lhe exatamente qual tinha sido o caminho que tínhamos seguido. O jardineiro respondeu que antes da noite ele mesmo teria ido lá, e explicou que os camponeses do lugar tinham um enorme pavor de ir naquele bosque, sobretudo à noite. “E por que?” perguntou minha amiga. O jardineiro então disse que a superstição daqueles camponeses, já bastante irritante e estúpida, tinha piorado ainda mais nos últimos dias por causa do boato de que o *bezerro com olhos resplandecentes* tinha sido visto no bosque, o que fez com que ninguém mais se atrevesse a aventurar-se ali... Minha amiga e eu trocamos olhares; não ousamos, no entanto, contradizer aquele sensato jardineiro. Ele foi à procura do objeto perdido, e nós voltamos para casa.

Desde então, outras vezes, com longos intervalos de tempo, corria o boato de que o *bezerro com olhos resplandecentes* tinha sido visto por alguém e o bosque era, cada vez mais, evitado pelos camponeses. Apesar disso, desde aquela época, poucos dias se passaram sem que eu atravessasse o bosque a pé ou a cavalo (exceto certos períodos durante os quais tive de me ausentar da casa), e quase sempre com meu casal de cães. Nunca mais, até recentemente, aconteceu-me de encontrar o bezerro misterioso.

Era um dia sufocante e tinha me dirigido até o bosque para encontrar um local protegido do Sol e da reverberação ofuscante da estrada. Estava acompanhada de dois *collies* (cães de pastores) e por um pequeno *fox-terrier*. Ao chegar ao limite do bosque, os dois *collies* se agacharam subitamente no solo, recusando a continuar o caminho; ao mesmo tempo, eles exerciam toda a arte de persuasão que possuíam para que eu fosse alhures. Ao ver que eu insistia em querer avançar, eles acabaram me acompanhando, mas com uma repugnância visível. Todavia, alguns instantes depois, eles pareciam

ter esquecido e recomeçaram a correr de lá para cá, enquanto eu continuava tranqüilamente meu caminho colhendo amoras. Num certo momento, eu os vi chegar em debandada para se esconderem, tremendo e gemendo, aos meus pés. Simultaneamente, o pequeno *fox-terrier* tinha saltado sobre os meus joelhos. Não podia explicar o incidente quando, num piscar de olhos, ouvi atrás de mim um pisotear furioso que se aproximava rapidamente. Antes que eu tivesse tempo de me afastar, vi correr em minha direção uma tropa de corças assustadas; em seus galopes desenfreados, elas faziam tão pouco caso de mim e dos cães que quase me jogaram no chão. Olhei ao redor de mim, assustada, para descobrir a causa daquele pânico e percebi um *bezerro de cor vermelho-escura*, o qual, retomando seus passos, se metia na mata. As corças tinham se dirigido rapidamente até a outra direção do bosque. Meus cães, que, em circunstâncias ordinárias, teriam-nas caçado, mantinham-se encolhidos e trêmulos aos meus pés, enquanto que o pequeno *fox-terrier* se negava a descer dos meus joelhos. Durante vários dias, aquele cãozinho não quis mais atravessar o bosque e os dois *collies* entravam no local contra sua vontade, mostrando-se visivelmente desconfiados e com medo.

O resultado de todas as nossas investigações confirmou ainda mais nossas impressões, ou seja, a de que o *bezerro de cor vermelho-escura*, ou, como se diz por lá, o *bezerro de olhos resplandecentes* não era um animal comum, vivo e terrestre... Mas a relação que podia existir entre o fato em questão e a tragédia que tinha acontecido naquele bosque é um problema cuja resposta eu não poderia encontrar. Não duvido, no entanto, que as faculdades de intuição e de clarividência específicas dos animais deviam ter feito com que eles conhecessem a existência de alguma coisa anormal ou paranormal no bosque, e que a repugnância deles diante dos fenômenos daquela natureza – repugnância esta que, no homem, chama-se superstição – era a causa verdadeira da estranha atitude que tomavam.

Se tivesse sido a única a ver o misterioso animal, é provável que não teria, de forma alguma, falado a respeito, mas a coisa se passou diferentemente, pois ele foi visto inúmeras vezes, em diferentes circunstâncias, por inúmeras pessoas do país.” (Revista *Light*, outubro de 1904, págs. 511-513).

Tal é o caso bastante impressionante contado pela senhora E. d’Espérance, que observa justamente que, naquela circunstância, não podia se tratar de um bezerro vivo. Observarei que esta hipótese não resiste à mais superficial análise dos fatos; isto parecerá evidente se considerarmos três circunstâncias: primeiramente, um bezerro em carne e osso não poderia ter existido e aparecido numa mesma localidade ao longo de um século inteiro; em segundo lugar, os cavalos, os cães e as corças não estão acostumados a se assustar com um bezerro inofensivo; finalmente, com esta suposição, não explicaríamos de forma alguma o pânico que invadia os cavalos e os cães, enquanto que, aparentemente, não existia nada de anormal para o homem.

* * *

Para 22 outros casos pertencentes a uma ou outra das subdivisões desta categoria, remeto o leitor aos livros e jornais seguintes:

- **Caso 95** (Visual-auditivo-coletivo) – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 470;
- **Caso 96** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, vol. IV, pág. 262;
- **Caso 97** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, vol. X, págs. 353-354;
- **Caso 98** (Visual-auditivo-coletivo) – *Journal of the S. P. R.*, vol. II, pág. 149;
- **Caso 99** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, vol. II, págs. 253, 254, 256;
- **Caso 100** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, vol. II, pág. 348;

- **Caso 101** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, vol. II, pág. 351;
- **Caso 102** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, vol. II, pág. 120;
- **Caso 103** (Visual-auditivo-coletivo) – *Idem*, vol. V, pág. 307;
- **Caso 104** (Animal como único percipiente) – *Idem*, vol. VI, pág. 16;
- **Caso 105** (Animal como único percipiente) – *Idem*, vol. IV, pág. 65.
- **Caso 106** (Visual coletivo) – *Idem*, vol. VI, pág. 172;
- **Caso 107** (Animal como único percipiente) – *Idem*, vol. VI-I, pág. 331;
- **Caso 108** (Visual-coletivo) – Robert Dale Owen: *The Debatable Land*, págs. 233-236;
- **Caso 109** (Visual-coletivo) – Senhora De Morgan: *From Matter to Spirit*, págs. 244-246;
- **Caso 110** (Visual-coletivo-sucessivo) – *Journal of the S. P. R.*, vol. XIII, págs. 256-262;
- **Caso 111** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. V, págs. 342-343;
- **Caso 112** (Visual-coletivo) – *Idem*, 1910, pág. 50;
- **Caso 113** (Visual-coletivo) – *Light*, 1901, pág. 46;
- **Caso 114** (Visual-tátil-olfativo) – *Light*, 1903, pág. 473;
- **Caso 115** (Visual-coletivo) – *Light*, 1917, pág. 311;
- **Caso 116** (Visual-coletivo) – *Light*, 1921, pág. 610.

Sétima categoria

Materializações de animais

Declaro, a bem da verdade, que as pesquisas experimentais a respeito das manifestações animais discutidas nesta categoria ainda encontram-se em condições rudimentares; tais fenômenos não podem, portanto, ser considerados sob um ponto de vista científico; por isso, contentar-me-ei em tocar no assunto a fim de que não haja uma lacuna em minha obra.

Entre os relatórios de sessões experimentais com efeitos psíquicos, os casos em que fazemos alusões às materializações de formas animais não são muito raros. Unicamente, como se trata quase sempre de manifestações inesperadas e fugazes, as descrições que nos são fornecidas não são suficientemente detalhadas para que possamos considerá-las como sendo cientificamente comprovadas. Elas poderão, no entanto, adquirir, um dia, uma certa importância do ponto de vista da história desta ramificação específica de fenômenos; isto acontecerá quando estas manifestações forem incorporadas pela ciência ao mesmo tempo que outras ramificações mais evoluídas do mesmo tronco paranormal; podemos esperar isto sem, no entanto, mostrar-nos temerários quanto às previsões.

Tendo em vista a história futura deste novo ramo de pesquisas, disponho-me a transcrever alguns fatos desta espécie, a título anedótico, e, conseqüentemente, sem lhes atribuir uma ordem, já que não podemos incluí-los, por enquanto, numa classificação científica.

* * *

Se remontarmos meio século atrás na cronologia das manifestações mediúnicas, encontraremos uma primeira alusão às materializações de animais numa carta enviada à revista *Light* (1907, pág. 275) por Alfred Vout Peters, médium psicômetra bastante conhecido, carta que, ao falar da visão de um animal falecido que ele tinha acabado de ver, acrescenta:

“Lembro-me de que, nas sessões mediúnicas com a senhora Corner (na época Senhorita Florence Cook), houve a materialização de um macaco, para grande espanto da médium, que não esperava uma materialização daquela.”

Encontramos outra alusão análoga, mas um pouco mais circunstanciada, no livro do doutor Paul Gibier, *Analyse des Choses* (pág. 210), em que, tratando de fenômenos de materialização que aconteciam com o coronel M., da École Polytechnique de Paris, o autor destaca:

“Nas experiências com o coronel M. (no período de 1875 a 1877), observadas por diferentes personalidades científicas do exército, a médium era a filha do próprio coronel. Um fenômeno me surpreendeu bastante ao longo desta sessão de experiências e o transcrevo àqueles que são suficientemente iniciados nestes estudos: trata-se da materialização perfeita de um cãozinho, morto alguns anos antes e que pertenceu ao coronel.”

No livro de Gambier Bolton, *Ghosts in Solid Form*, onde estão resumidas as principais manifestações obtidas ao longo de sete anos de experiências com médiuns particulares, encontramos casos de materializações de animais. Ao longo de uma sessão assistida pelo marechal-de-campo Lord Wolseley, ocorreu a materialização de uma foca; numa outra, a de um animal selvagem da Índia que tinha sido criado preso por uma senhora presente na sessão. O animal, ao reconhecer imediatamente sua antiga dona, pulou do joelho do médium para os dela, manifestando sua alegria com gritos que ele emitia quando vivo em circunstâncias como aquela.

No decorrer destas famosas sessões de materialização que aconteceram em Argel, em 1905, com a médium Marthe (Eva C. da senhora Bisson), na presença do professor Charles Richet e de Gabriel Delanne, uma forma animal se materializou; a Senhora X. fala assim a esse respeito:

“O professor Richet falou somente das manifestações envolvendo a figura central de “Bien-Boa”, mas penso que ele

não se oporá ao relato de um curioso incidente que aconteceu na sessão de 5 de setembro.

A gatinha da casa tinha nos seguido, sem que nos déssemos conta dela, até a sala de sessões e, quando ocupamos nossos lugares, ela saltou em meus joelhos e não se moveu mais. Durante mais ou menos meia hora, vimos somente fenômenos fracos; em seguida, as cortinas do laboratório médico foram puxadas por uma mão – enrolada em uma das cortinas –, permitindo ver o médium acompanhado da forma materializada de Aischa. Imediatamente a gata pulou dos meus joelhos para os do médium; mas assim que chegou até ele, sua atenção pareceu se fixar em alguma coisa que estava no canto A do consultório. Um de nós observou: “O que vê esta gata?”. Uma voz vinda do canto A respondeu: “Ela percebe minha presença”. Simultaneamente, uma forma enrolada na cortina avançou na direção da gata, começou a acariciá-la e a brincar com ela. A gata respondeu alegremente segurando a ponta da cortina; mas ela a abandonou imediatamente para virar seu rosto para o canto B do consultório, com uma atitude de defesa, como se estivesse diante de uma criatura hostil; ela arcou suas costas e pôs-se a miar com um tom ameaçador. Uma voz, no canto B, disse: “Ela percebe um outro gato”. Ao mesmo tempo ouvimos, também no canto B, um forte miado que fazia eco ao da gata. Esta saltou dos joelhos do médium para os da senhora Paulette, e um dos membros do nosso grupo de experimentação viu, enquanto escutávamos chegar do canto B, duas vezes seguidas, os miados do gato materializado, e uma massa negra, do tamanho de um gato, saltou nos joelhos do médium e ali ficou durante dois minutos aproximadamente, para em seguida desaparecer de maneira muito estranha, dissolvendo-se lentamente...” (Revista *Light*, 1921, pág. 594).

Ao longo das sessões – cujo traço característico é constituído por fenômenos de “voz direta”²¹ – com a célebre senhora Wriedt, na Inglaterra, obtivemos, freqüentemente, materializações de animais que se fazem entender pelas vozes. Limito-me a transcrever dois exemplos.

No relatório das sessões de Cambridge – que aconteceram em 1914 na Inglaterra – um magistrado daquela cidade fala assim (Revista *Light*, 1914, pág. 296):

“Ao longo da primeira sessão, que aconteceu em Wimbledon, minha mulher sentiu uma pressão característica em seus pés, mas não soube precisar o que era. Isto se repetiu inúmeras vezes, dando lugar a diversas suposições da parte dos pesquisadores. De repente, fomos pegos de surpresa pelo latido de um cão. Perguntamos ao doutor Sharp (o Espíritoguia) o que poderia dizer sobre esses latidos, e ele nos respondeu: “Há um cão fraldiqueiro aqui que pertencia a sua mulher”. De fato, há muitos anos tínhamos perdido um cãozinho a quem éramos muito apegados e que já tinha sido visto perto de nós em outras sessões com médiuns clarividentes. Nem é preciso dizer que o médium não tinha nenhuma informação sobre o fato.”

Em outra sessão com a mesma médium, cujo relatório saiu na revista *Light* (1921, pág. 490), o senhor A. J. Wood diz:

“Convidei um amigo com sua mulher a uma sessão. A senhora Wriedt descreveu com bastante precisão um cão da raça *collie*, que ela distinguia ao lado de meus amigos. Num determinado momento, dirigindo-se a uma mulher, a médium disse: “Ele pôs a cabeça em seus joelhos”. No mesmo instante, ouvimos partir daquele lugar um latido alegre e vigoroso. Ora, com efeito, meus amigos tinham tido um cão *collie*, grande preferido deles que tinha morrido há vários anos e cujo aspecto correspondia exatamente àquele descrito pela médium.”

Cito, por último, alguns trechos de relatórios das sessões com o médium polonês Franck Kluski, que saíram na *Revue Métapsychique*, onde constatamos que estamos realmente diante de uma primeira contribuição experimental séria a favor das materializações animais.

Já no fascículo de julho-agosto de 1921 (pág. 301), da revista em questão, o doutor Gustave Geley, que tinha assistido às

sessões, anunciava a publicação para breve dos relatórios sobre o fenômeno extraordinário das materializações de animais nos termos seguintes:

“As materializações de entidades animais não são raras com Frank Kluski. Nos relatórios das sessões da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, Polônia, que publicaremos oportunamente, veremos assinalados, em especial, uma grande ave de rapina que apareceu em várias sessões nas quais foi fotografada, e também um ser estranho, espécie intermediária entre o macaco e o homem. Ele é descrito como se tivesse o tamanho de um homem, um rosto simiesco, mas com uma testa desenvolvida e normal, de rosto e corpo cobertos de pelo, com braços bastantes longos, mãos fortes e compridas, etc.. Ele parece sempre comovido, pega nas mãos dos assistentes e as lambe como se fosse um cão.

Ora, esse espécime, que nomeamos “O Pitecantropo”, manifestou-se várias vezes durante nossas sessões. Um de nós, na sessão de 20 de novembro de 1921, sentiu sua grande cabeça aveludada se apoiar fortemente sobre seu ombro direito, contra suas bochechas. Aquela cabeça estava coberta de cabelos duros e rudes. Um odor de fauna, de cão molhado, desprendia-se dele. Um dos assistentes, ao levantar sua mão, foi pego pelo “Pitecantropo”, que, em seguida, lambeu-a três vezes seguidas. Sua língua era larga e macia.

Outras vezes sentimos, sob nossas pernas, contatos que lembravam o toque dos cães.”

O registro das sessões às quais ele faz alusão no parágrafo precedente foi publicado no número de janeiro-fevereiro de 1923 (págs. 27-39) da *Revue Métapsychique*. Recolho do relatório da sessão de 10 de agosto de 1919 o trecho abaixo:

“... Notamos simultaneamente várias aparições. A primeira que se deixou ver foi uma aparição que já era conhecida pelos assistentes durante as sessões anteriores. Era um ser do tamanho de um homem adulto, bastante peludo, com uma crina enorme e uma barba embaraçada. Ele era revestido com uma pele quebradiça; sua aparência era a de um ser que

lembrava um animal ou um homem bastante primitivo. Ele não falava, mas lançava sons roucos com seus lábios, estalava a língua e rangia os dentes, procurando em vão ser compreendido. Quando o chamávamos, ele se aproximava; ele nos deixava acariciar sua pele aveludada, tocava com as mãos os assistentes e esfregava a mão bem devagar com as garras. Ele obedecia à voz do médium e não machucava os assistentes, tocando neles levemente. Era um progresso, pois nas sessões anteriores este ser manifestava muita violência e brutalidade. Ele tinha a tendência visível e uma vontade incontrolável de lambe as mãos e o rosto dos assistentes, os quais, por sua vez, se defendiam de suas carícias indelicadas. Ele obedecia a cada ordem dada pelo médium, não somente quando esta ordem era expressa por palavras, mas também quando era expressa pelo pensamento.”

Escolho esta outra passagem do relatório da sessão de 3 de setembro de 1919. O relator escreve:

“Simultaneamente, o médium e as pessoas sentadas ao redor dele sentiram a presença do animal-homem primitivo, assim como nas sessões anteriores. Essa materialização passou pelos assistentes lambendo suas mãos e seus rostos, sobre as quais ele colocava sua mão ou sua pata aveludada, ou apoiava sua cabeça eriçada. Todos esses gestos foram lentos e não bruscos. Essa entidade mostrava somente uma certa animosidade contra a cadelinha da senhora Kluska (Frúsia), que estava nos joelhos da senhora Grzelak. O ser materializado puxou os pelos e as orelhas da cadelinha, que começou a se aborrecer e a latir. Finalmente, bastante assustada, Frúsia pulou dos joelhos de Grzelak e foi se refugiar no sofá, entre as pessoas que estavam sentadas, não se movendo mais.”

O trabalho foi suspenso durante algum tempo; quando a sessão foi retomada, o “homem primitivo” se materializou de novo. O relatório continua assim:

“Desde o início, vimos várias aparições, inclusive a do “homem primitivo”. Este último ficou o tempo todo sentado

no tapete, entre os assistentes; ele se comportava relativamente com tranqüilidade, mas não permitia acender a tela luminescente e, inclusive, rasgou com grunhidos a tela que a senhora Kluska segurava.”

Os relatórios em questão contêm três outros episódios de materialização do mesmo fantasma do “homem primitivo”; não os reproduzo aqui porque estes são semelhantes aos precedentes.

No que concerne às materializações da grande ave de rapina, encontro no relatório em questão apenas uma única alusão a um destes fatos, ao longo da sessão de 7 de setembro. O relator escreve:

“Às 11:20, vimos um grande pássaro (como a águia ou o abutre da primeira sessão, bem materializado e bastante iluminado por cima da cabeça da senhora Jankowska). Ouvimos também estalos e barulhos de passos.”

Importante lembrar que na *Revue Métapsychique* (janeiro-fevereiro de 1923) foi publicada uma linda fotografia da ave de rapina de que falo; vemos que ela está empoleirada no ombro esquerdo do médium, com suas grandes asas abertas e com olhar penetrante na direção dos experimentadores.

Estas são as manifestações recentes de materialização de animais, materializações estas que revestem uma importância ao mesmo tempo científica e metapsíquica; e a circunstância de que a grande ave de rapina foi fotografada é de um valor teórico decisivo, visto que ela é suficiente para eliminar a hipótese alucinatória. E quanto à esperança de que uma futura ciência paranormal-antropológica possa permitir a aparição materializada de um ser que apresenta todos os traços característicos de um de nossos longínquos ancestrais, elo de junção entre o homem e o macaco antropóide conforme as deduções dos naturalistas sobre a existência do *Pitecanthropus alalus*? O assunto é bastante interessante, sem dúvida, e sugere naturalmente considerações vastas sobre a filogênese humana; porém, não devemos nos aventurar aqui com discussões prematuras.

* * *

Da coleção dos casos mencionados até agora pudemos deduzir, em resumo, que os episódios de materialização de animais adquirem com freqüência o aspecto de provas de identificação espiritual para a raça animal, provas estas que são análogas àquelas de identificação espiritual para a espécie humana. Decorre daí que, se esta nova ramificação de pesquisas puder evoluir, ela contribuirá, junto às demais, para se demonstrar experimentalmente a existência e a sobrevivência da alma animal.

Antecipo a objeção que as pessoas poderiam ter a esse respeito: que os fenômenos de materialização humana, assim como os de materialização animal, podem ser explicados através da hipótese “ideoplástica”,²² sem que para isso seja necessário recorrer à hipótese espírita. Responderei que se a hipótese ideoplástica é suficiente para dar conta de certas modalidades de materializações humanas e animais e se ela é, inclusive, indiscutivelmente a causa destes fenômenos, seria, em contrapartida, absurdo e insustentável aplicar esta explicação a toda classe dos fenômenos considerados. Nesse sentido, não será nunca supérfluo dizer que *Animismo* e *Espiritismo* são dois termos inseparáveis²³ para um mesmo problema e que, conseqüentemente, nas materializações mediúnicas de qualquer tipo, encontramos obrigatoriamente diante de modos de manifestações que são parcialmente *anímicos* e *espíritas*. Não poderia ser diferente, e seria absurdo achar o contrário, uma vez que, nos dois casos, o espírito que opera é o mesmo, mas com a diferença que num caso ele se encontra *encarnado* e no outro *desencarnado*. Assim sendo, nada mais natural que esta combinação inseparável das duas ordens de manifestações se realize também nos casos de fenômenos de materialização, entre os quais é relativamente fácil diferenciar fenômenos *anímicos* e *espíritas*. De fato, assim como já foi observado em meu outro livro – o caso do fantasma de Katie King, que conta ao filho de William Crookes sua existência terrestre, ou o de Estelle Livermore, que escreve ao seu marido longas cartas em francês (língua esta ignorada pela médium), ou ainda a carta de Nepenthès à senhora d’Espérance, na qual a primeira afirma ter vivido nos tempos heróicos da Grécia antiga e escreve uma mensagem de sete linhas em *grego*

arcaico, língua ignorada por todos os presentes – estes caos não poderão jamais ser explicados pela hipótese ideoplástica e deverão ser considerados incontestavelmente espíritas. Podemos dizer o mesmo do caso “Sven Stromberg-d’Espérance”, em que um humilde camponês sueco, emigrado e morto no Canadá, numa pequena região perdida no interior, manifesta-se pela escrita mediúnica 60 horas após seu falecimento; ele se materializa em seguida e é fotografado pelo professor Boutlerof, na presença de Alexandre Aksakof e de outros experimentadores respeitáveis; depois disso, a fotografia é enviada para a Suécia, na pequena região natal de Sven Stromberg, conforme o endereço dado pelo próprio Espírito, e lá é identificada por inúmeros compatriotas do falecido (Revista *Light*, 1905, págs. 43-45, e *Shadow Land*, pela Madame d’Espérance).

É evidente que, nos casos semelhantes a este último, a hipótese ideoplástica está excluída se considerarmos que o poder criativo do pensamento do médium não podia certamente materializar os traços do defunto que nem ele nem seus assistentes sequer conheciam. Assim sendo, a conclusão inevitável é a de que um defunto desconhecido por todos os assistentes conseguiu se materializar porque ele existe e age; esta conclusão não pode ser discutida, e como não há hipóteses racionais que possam contradizer o fato, ela possui um valor de prova decisivo.

Unicamente, como se trata, no nosso caso, de materialização animal, vemos surgir, a este respeito, uma dúvida teórica importante. Podemos notar que, de fato, as materializações autênticas de Espíritos humanos desencarnados podem ser, até certo ponto, compreensíveis pelo fato de que podemos controlar as afirmações das personalidades mediúnicas para as quais as materializações se produziram graças a um ato de vontade da entidade que se manifesta. E podemos controlar estas afirmações comparando os fenômenos de materialização com certas manifestações teratológicas do desenvolvimento orgânico, tais como os “desejos maternos” e os “estigmatas”, que podem ser assimilados a um fenômeno de *ideoplastia subconsciente* e, conseqüentemente, a uma tentativa rudimentar terrestre do poder criador da idéia. Assim sendo, estas manifestações anormais tornam verossímil o

fato de que os processos de materialização acontecem após um ato de vontade da Entidade que se manifesta. Mas não poderíamos dar conta das materializações de animais, para os quais, desprovidos da faculdade de raciocínio evoluída, o necessário ato de vontade não é possível.

O tema é teoricamente interessante; também, antes de discuti-lo de acordo com meu modo de abordar as coisas, transcrevo abaixo a opinião de um homem profundamente envolvido com as pesquisas metapsíquicas, com quem troquei algumas cartas a esse respeito.

Escreve esse pesquisador:

“Não deveríamos nos perguntar se as faculdades subliminais dos animais – principalmente de alguns – não seriam infinitamente superiores àquelas que se manifestam durante a vida encarnada, ao longo da qual um animal é colocado numa situação tão inferior (por causa da estrutura rudimentar de seu organismo cerebral) em relação à alma do homem, reduzida momentaneamente ou definitivamente numa condição psicológica anormal (alienada, idiota, etc.)? Por que um cão morto deveria encontrar mais dificuldades para se materializar do que um cão vivo encontra para ser *agente* de um fenômeno telepático? Ambos os fenômenos podem provavelmente se realizar automaticamente, assim como a ostra constrói automaticamente sua concha, a aranha sua teia, a abelha sua colméia e o mel, etc.. E isto, bem entendido, sem sequer entrar na questão obscura da inteligência, sobretudo matemática, que demonstram os animais no momento em que eles nos dão uma comunicação automática (cavalos de Elberfeld, cães de Manheim, etc.). Prefiro não levantar esta questão, justamente porque ignoro qual é o papel que pode interpretar nisso tudo a colaboração inconsciente do homem. Assim sendo, nossos médiuns sabem, por acaso, como eles produzem seus fenômenos paranormais não-espíritos e, por exemplo, as materializações puramente ideoplásticas?...”

Estas são as argumentações racionais e convincentes sugeridas pelo meu correspondente a respeito da dificuldade teórica em

questão. Todavia, não posso deixar de lembrar que seu ponto de vista depende do fato de admitirmos que a mentalidade subliminal dos animais é muito superior àquela que se manifesta durante a vida encarnada, a tal ponto que a personalidade espiritual deles poderia manifestar o desejo de se materializar, desejo este indispensável numa circunstância como esta.

Para aqueles que não estiverem em condições de atribuir à consciência animal uma vontade e uma inteligência quase humanas, lembro que é possível resolver o enigma de uma outra maneira, ou seja, aceitando as explicações que fornecem as personalidades mediúnicas que se comunicam e que afirmam que uma Entidade desencarnada, tanto humana quanto animal, não pode conseguir sozinha tornar-se tangível ao se materializar, devendo recorrer à ajuda de numerosos *Espíritos auxiliares* já familiarizados com os processos de materialização; conseqüentemente, no momento em que uma forma animal se manifesta, a vontade que comanda os processos de materialização é, na realidade, aquela dos *Espíritos auxiliares*.

Oitava categoria

Aparições de fantasmas de animais identificados

A categoria das percepções de fantasmas animais é repleta de episódios diversos; porém, se nos dispusermos a encará-los sob um ponto de vista rigorosamente científico, seremos levados a concluir que os dois primeiros grupos são os mais abundantes em números de casos. O primeiro compreende visões de fantasmas animais que não foram identificados com os animais que viveram ou que morreram recentemente nas redondezas. Estas visões podem ser facilmente explicadas a partir da hipótese alucinatória, embora haja exemplos em que os fantasmas animais foram percebidos coletivamente e sucessivamente por diferentes pessoas. O outro grupo de fantasmas animais a serem excluídos é o das visualizações subjetivas obtidas pelos sensitivos clarividentes, visualizações estas que, em sua maioria, são atribuídas a um fenômeno de “clarividência telepática”, ou seja, à leitura do pensamento na subconsciência do consultante, e isto como consequência da “relação” que se estabelece entre o subconsciente do sensitivo e o do consultante. É o que se produz, sob outra forma, no caso da psicometria, onde os objetos presentes para o sensitivo servem para estabelecer a “relação” entre o subconsciente deste último e o do dono do objeto; isto faz com que diante da visão subjetiva do sensitivo surjam imagens que representem acontecimentos com traços do proprietário do objeto em questão e que constituam a representação mais ou menos simbólica das informações tiradas pelo sensitivo do subconsciente do consultante. Segue daí que as visões dos animais falecidos, quando acontecem em condições que permitam considerar a “clarividência telepática”, não podem revestir um valor de prova de identificação animal, exceto se houver alguma circunstância secundária capaz de corroborar para esta última interpretação, circunstância que se produz com bastante freqüência nas consultas em questão; assim sendo, podemos descartar a hipótese de “clarividência telepática propriamente dita” e não a de “clarividência espiritual-telepática”. Esse aumento de manifestações análogas

de origens diferentes contribui para mostrar o fundamento e a importância da lei metapsíquica à qual fizemos alusões anteriormente, lei segundo a qual todas as formas de vidência e de mediunidade podem ser alternadamente *anímicas* e *espíritas*, isto é, em consequência do fato essencial de que toda manifestação paranormal que se produz por intermédio de um “Espírito desencarnado” pode também se produzir por meio de um “Espírito encarnado”, quando este se encontra em condições transitórias de desencarnação parcial do Espírito – em condições leves ou profundas de sono fisiológico, em estado de sonambulismo mediúnico ou no momento de uma crise de doença grave, de síncope ou de êxtase. Resulta daí que, em todas as formas de manifestações paranormais, são as circunstâncias pelas quais os fatos se produzem que devem nos indicar as causas que as desencadearam e não as formas diferentes de vidência ou de mediunidade pelas quais elas foram obtidas, pois estas últimas são todas equivalentes, podendo ser “espíriticas” ou “anímicas”.

Agora chegamos à exposição dos casos coletados, começando por um episódio explicável a partir da “clarividência telepática”, passando por casos menos suscetíveis a esta interpretação e, finalmente, concluindo com exemplos em que esta hipótese deve ser absolutamente descartada.

Caso 117 (Mediunidade vidente)

O senhor P. G. Leymarie (pai), diretor de *La Revue Spirite*, publicou em 1900 o fato seguinte, que retiro da *Rivista di Studi Psichici* (pág. 347):

“Em janeiro de 1887, a senhora Bosc, viúva de um conhecido engenheiro, estava sentada próximo da chaminé de nosso apartamento, no nº 7 da Rue de Lille, em Paris, no momento em que o conde De Lvoff, presidente da Alta Corte de Moscou, visitou-nos pela primeira vez. Nós o apresentamos à senhora Bosc e enquanto eu escrevia eles conversavam. Num certo momento, a senhora Bosc disse: “Percebo ao lado de vocês um grande cão terra-nova branco, com as patas e as orelhas pretas e uma estrela preta na testa. Ele carrega ao re-

dor do pescoço uma coleira de prata presa por uma pequena corrente que tem a inscrição “Sergei Lvoff” mais o nome do cão (que a vidente informou, mas que o senhor Leymarie esqueceu). Ele tem uma bela cauda longa e está olhando para você, fazendo-lhe agrados”.

Com estas palavras, os olhos do senhor De Lvoff se encheram de lágrimas e ele disse:

“Na minha meninice eu era esperto e inquieto; meus pais me deram um cão para cuidar, exatamente como você descreveu. Ele salvou minha vida mais de uma vez, tirando-me das águas do rio onde eu estava prestes a me afogar. Quando tinha doze anos perdi meu fiel amigo e lamentei a perda como se fosse um irmão. Então, sinto-me feliz em saber que ele está perto de mim, certo de que esses camaradas da nossa vida têm uma alma inteligente que sobrevive à morte do corpo e um corpo espiritual que pode restituí-lo com a coleira e a inscrição. Posso, além disso, reconhecer em você uma médium de grande sensibilidade que despertou em mim uma lembrança de quarenta anos atrás. Obrigado, senhora, e que Deus a abençoe.”

A senhora Bosc observou o cão expressar grandes manifestações de alegria; depois foi se esvaecendo pouco a pouco. Ora, não esperávamos de forma alguma o conde De Lvoff, o qual a senhora Bosc via pela primeira vez e nenhuma relação existia entre eles. Da minha parte, não sabia que o nome do senhor Lvoff era Sergei.”

É desse modo que se produzem as manifestações da “clarividência telepática” em suas formas mais simples e características; por isso, é necessário concordar que se não conhecêssemos exemplos de leitura dos subconscientes alheios, obtidos através do sonambulismo magnético, não menos circunstancial ou impactante, como também um grande número de exemplos ainda mais impressionantes de psicometria, seríamos levados a atribuir um valor objetivo para casos análogos a este que acabamos de expor. Porém, quem quer que possua espírito científico se deixará enganar pelas aparências e concluirá que, diante da ausência

de circunstâncias colaterais que contribuam para provar a origem extrínseca da visão da senhora Bosc, é preciso encará-lo como um fenômeno de leitura de pensamento subconsciente. Não contesto de forma alguma que possa existir alguma coisa de misterioso no fato de uma clarividente desenterrar no subconsciente do outro um incidente que ocorreu há quarenta anos, ao invés de tantos outros mais recentes que, por isso, deveriam ser mais perceptíveis às faculdades paranormais. Sim, certamente, o fato apresenta alguma coisa de inconcebível e contraditório; no entanto, ele se encaixa incontestavelmente no caso de clarividência telepática; assim sendo, não nos resta nenhuma alternativa a não ser aceitar esta interpretação dos fatos. Por outro lado, uma solução satisfatória do mistério poderia ser alcançada ao supormos que, neste caso, o assunto da conversa tenha trazido até a memória do senhor De Lvoff o adorável episódio de sua infância, transformando-o em algo *atual* para as faculdades penetrantes da clarividência telepática.

Caso 118 (Criança vidente e bastante jovem)

A revista *Light* o publicou em 1906 (pág. 387). O senhor Francis T. Harris recorda acontecimentos envolvendo um menino que faleceu quando tinha apenas sete anos. Quando nasceu, seus pais eram saudáveis e robustos; ele próprio era saudável, sem nenhuma debilidade neuropática e, no entanto, tinha mostrado, desde os primeiros anos de vida, disposições para a clarividência. O senhor Harris conta:

“Nos primeiros anos de vida, seus pais tinham notado que ele via coisas invisíveis para os outros; esta particularidade tinha sido com freqüência discutida pelas pessoas ao seu redor. Antes mesmo que ele tivesse aprendido a falar, parecia freqüentemente assustado por alguma coisa invisível. Noutros casos ele parecia, ao contrário, completamente contente com o que via e estendia seus bracinhos na direção do ser que só existia para ele.

Ele ainda não tinha três anos, e se divertia com um de seus brinquedos em seu quarto, a dois metros de seus pais, quan-

do foi invadido repentinamente por um medo enorme e correu gritando em direção à sua mãe. Quando esta lhe perguntou, soube que ele tinha se assustado com a visão de dois cães, um marrom e outro preto. Seu pai o pegou nos braços, tentando distraí-lo e acalmá-lo, dizendo-lhe que os dois cães só queriam brincar com ele.

Dias depois, o incidente se repetiu no mesmo cômodo e de acordo com as mesmas circunstâncias; a criança correu até seu pai, mais assustada do que nunca com a visão dos dois cães, e se refugiou nos braços paternos. O pai o tranquilizou, lembrando-lhe que os dois cães não lhe faziam mal algum; ao dizer isto, ele os chamou, primeiro assobiando, em seguida estalando os dedos e acariciando o ar perto dele. Este ato levou o menino a fazer o mesmo; e seu espanto foi enorme quando ele viu que não podia apalpá-los. Apesar de tudo isto, ele conseguiu tirar o medo da criança; embora ela tenha visto ainda várias vezes os cães, não se amedrontava mais.

É preciso observar que o pai do menino vidente tinha tido dois cães *setter* - um marrom e um negro – que tinham morrido três anos antes.”

A ligação entre os fantasmas caninos que apareceram para o menino e os cães de cores semelhantes que o pai tinha tido não parece duvidosa. Em contrapartida, não poderíamos excluir por completo a hipótese da leitura do pensamento do pai pela criança; porém, esta hipótese não parecerá verossímil se pensarmos que a criança tinha se mostrado vidente desde o nascimento e que tinha, ao mesmo tempo, visões de uma natureza diferente que não poderíamos considerar como a leitura do pensamento e que os fantasmas dos cães lhe apareciam freqüentemente a ponto de se tornarem familiares. Esta última circunstância é dificilmente conciliável com a hipótese da transmissão do pensamento paterno ou materno, pensamento este que deveria ser orientado para os cães falecidos cada vez que a criança os via. De qualquer forma, a gênese do caso continua duvidosa.

Caso 119 (Visual)

No livro de Arthur Hill, *Man is a Spirit* (pág. 117), lemos este episódio enviado ao autor pela percipiente, senhora Janet Holt:

“Um dia meu marido trouxe para casa um grande cão buldogue. Disse que esse animal faria com que ele ganhasse dinheiro, apresentando-o como campeão nas lutas entre cães buldogues. O cão se chamava Charles; era um animal bom e afetuoso, ao qual não demorei a me apegar. Ele saiu vitorioso de muitos combates, mas uma vez ele foi vencido; meu marido, irritado com a derrota, apanhou-o e o jogou no rio.

Anos depois, no momento em que tinha quase esquecido do pobre Charles, fui acordada numa noite por um sobressalto, como se alguém tivesse me sacudido com essa intenção, e me vi rodeada por uma luminosidade estranha. Sentei-me na cama e, para meu grande espanto, vi Charles sentado ao meu lado. Ele parecia ter proporções normais, absolutamente idênticas àquelas que tinha quando estava vivo. Ele me olhou com insistência durante algum tempo, depois se esvaeceu lentamente. No dia seguinte, meu marido foi preso. É provável que Charles tenha se manifestado a título premonitório. (Meu marido era um grande patife, e tive de me separar dele para sempre. Ele encontra-se nesse momento nos EUA).”

Que estranha e reveladora parece esta história, em que um cão morto cruel e injustamente por um dono malvado se manifesta para a mulher deste último justamente na véspera de sua prisão, isto é, no momento em que ele vai pagar parcialmente a pena por suas crueldades. Todavia, e justamente por causa desta coincidência, se o episódio não pode ser explicado pela clarividência telepática, ele pode ser encarado sob um outro ponto de vista que é o da sobrevivência da alma animal. De fato, parece que podemos reduzi-lo a um episódio de visão simbólico-premonitória; neste caso, a aparição do fantasma do animal sacrificado por aquele que ia ser preso não seria de natureza objetiva, mas constituiria um símbolo transmitido por uma

Entidade espiritual humana ligada por laços afetivos à percipiente Janet Holt.

Uma variante desta mesma explicação consiste na suposição de que a Entidade espiritual em questão tenha, ao contrário, se proposto a ajudar o espírito do cão a se manifestar objetivamente para a percipiente, sempre a título simbólico-premonitório; neste caso, o fantasma do cão conservaria sua identidade espiritual.

Seja qual for a explicação que preferirmos dar ao problema, está claro que o fato acima não apresenta teoricamente nenhuma base suficiente que nos permita concluir com segurança a respeito de sua origem.

Casos 120 e 121 (Visuais-auditivos-coletivos)

O conde de Tromelin, conhecido no ambiente das pesquisas metapsíquicas e autor de dois livros sobre esse assunto, comunica à *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* (1913, pág. 40) os dois casos seguintes, nos quais esteve pessoalmente envolvido:

“Até o mês de março de 1913, eu tinha uma cachorrinha chamada Flore que, por sua vez, tinha um filhote chamado Radium, muito parecido com sua mãe, mas esta tinha, a mais, uma estrela branca na testa. Fora isso, a pelagem dos dois cães era completamente amarela.

No dia 25 de março, um carro atropelou Flore, que me foi trazida agonizante; apesar de nossos cuidados, o pobre animal não demorou a morrer, para nossa grande tristeza. Restou o pequeno Radium. Ora, eis então o incidente curioso ao qual eu tive a oportunidade de assistir.

Existe na frente da nossa residência um grande terraço, no centro do qual há uma mesa de mármore e à direita da entrada a casinha de Radium. No dia 3 de abril, às 11 horas da manhã, estava sentado à mesa em questão, conversando com a senhora Meille. Estava sentado de modo que tinha diante de mim a casinha de Radium, cujas patas amarelas saíam pela abertura. A senhora Meille estava de costas para a casinha, olhando na direção do lado esquerdo do terraço. Con-

versávamos há cinco minutos sobre diversos assuntos, quando a senhora Meille se virou por um instante para olhar a casinha de Radium e em seguida exclamar: “Ah! Eis aí uma coisa extraordinária! Era sem dúvida Flore, visto que Radium está em sua casinha!”.

Pedi explicações para aquelas palavras, dizendo: “Sim, Radium está na sua casinha; mas Flore, onde você a viu?”.

A senhora Meille estendeu o braço indicando o lugar e descrevendo a cena com estas palavras:

“Enquanto conversávamos, vi um cão acomodado ao lado do terraço, ali (e indicou com o dedo o lado esquerdo), que eu supunha que fosse Radium, não imaginando com certeza ter visto a pobre Flore, pois sabia que ela estava morta. No entanto, Radium era tão parecido com Flore que pensei: “Se não soubesse que Flore estava morta, juraria que o cão que me olhava era ela”. Com efeito, a ilusão era perfeita, pois o cão me olhava com a expressão tão boa, doce e melancólica de Flore, e sobre a testa sua estrela branca. Mas sequer pensava imaginar Flore ressuscitada; então supus que a estrela branca que eu via era um efeito da luz. Perguntei-me, além disso, como Radium, que tinha o costume de se deitar sempre ao Sol, estava, daquela vez, sentado na sombra. Mas eis que, enquanto pensava assim, ouvi atrás de mim o rumor característico de um cão se coçando em sua casinha. Foi então que me virei por um instante para olhar, para em seguida perceber o outro cão que estava diante de mim há cinco minutos; porém, ele tinha desaparecido no breve intervalo de tempo em que tinha me virado. Daí minha exclamação de espanto. Tinha a prova de que o cão que me olhava sentado na sombra, diante de mim, e que se parecia tanto com Flore era realmente Flore ressuscitada, voltando por um instante ao nosso meio...”

Este é o relato da senhora Meille; é bem provável que, se não tivesse me virado no momento em que Flore estava visível para ela, eu a teria visto também. Em todo caso, parece-me que as circunstâncias pelas quais os fatos se passaram

permitted, de qualquer forma, considerar autêntica e segura a aparição de Flore...

Este não é um fato isolado... Possuía uma outra cachorra *fox-terrier* chamada Flore como a precedente, morta envenenada após longos sofrimentos, por maldade de um vizinho. Aqueles que me conhecem sabem que, no momento em que me deito, à noite, percebo visões e fantasmas de todo tipo desfilando diante de mim; isto aconteceu enquanto estava perfeitamente acordado e em plena consciência normal.

Ora, no dia seguinte ao da morte daquela outra Flore, ela me apareceu subitamente; era ela, sem sombra de dúvidas. Todavia, nesta primeira visão, ela se esforçou em vão para se levantar sobre suas patas.

No dia seguinte, em outras visões, Flore me apareceu pela segunda vez e conseguiu ficar sobre suas patas, para desaparecer imediatamente em seguida. No terceiro dia, a mesma aparição se repetiu e, desta vez, ela parecia alegre e saudável. Ela deu alguns pulos de alegria e sumiu. Depois disso, nunca mais a reví; porém, algum tempo depois, numa noite, ela se manifestou com bastante barulho, fazendo-se ouvir com uma brincadeira bem especial de que ela gostava muito e que era bastante indicada para reconhecê-la. O traço característico mais evidente de Flore era sua paixão por brincadeiras com as pedras, que lançávamos e que ela trazia para em seguida fazê-las rolar no terraço ou alhures. Pois foi o barulho produzido por esta brincadeira de pedras rolando no terraço que nós percebemos nitidamente uma noite, a tal ponto que, se não soubéssemos que a cadela tinha morrido há seis meses, podíamos jurar que Flore estava ali se divertindo com as pedras...

Deduzo a partir daí que, certamente, os animais domésticos que gostamos sobrevivem à morte do corpo e que nós os reveremos um dia no mundo espiritual, no qual acredito piamente.”

Estas são as conclusões do conde de Tromelin. Nos casos mencionados, as visões subjetivas do relator não revestiriam por

si mesmas nenhum valor de prova, porque elas lembram de perto a classe bastante conhecida das alucinações “hipnagógicas”²⁴ e “hipnopômicas”²⁵; porém, é bem diferente para o outro fenômeno auditivo subjetivo, isto é, o barulho característico semelhante a pedras rolando, como na brincadeira preferida da cachorra falecida. Esta manifestação paranormal corresponde a outros fenômenos análogos de origem humana, nos casos de telepatia entre vivos ou entre vivos e mortos. No momento em que as manifestações se realizam entre vivos e defuntos, elas constituem uma boa prova a favor da identificação pessoal do falecido que elas caracterizam, e isto em virtude da contraprova de que, no momento em que os fenômenos de audição telepática se produzem entre vivos, constatamos que eles são verídicos, no sentido de que correspondem a uma ação real ou a uma ideação autêntica do agente. Se for assim para as manifestações humanas, não poderíamos descartar a mesma conclusão para as manifestações animais quando elas estão em perfeita harmonia com as idiosincrasias que caracterizam o animal vivo. Sem dúvida, sob o ponto de vista rigorosamente científico, uma prova isolada dessa natureza não seria suficiente para legitimar uma conclusão favorável para a identificação pessoal do falecido; no entanto, ela é considerada convergente para esta outra demonstração. Isto já representaria uma concessão de valor sob nosso ponto de vista da identificação animal.

Caso 122 (Visual-auditivo)

A revista *Light* publicou em 1921, pág. 594, a seguinte comunicação do senhor Ernest W. Duxbury:

“A questão da sobrevivência da psique animal só poderá ser cientificamente resolvida se reunirmos um número suficiente de casos devidamente constatados que forneçam a prova dessa sobrevivência. As discussões filosóficas não alteram em nada as questões.

O caso seguinte é recente e decidi publicá-lo porque estou certo de sua autenticidade, quaisquer que sejam as conclusões a que possamos chegar. Aconteceu com uma de minhas

amigas, senhora dotada de faculdades mediúnicas nunca por ela desenvolvidas. Acrescentarei que conheço pessoalmente as circunstâncias que levaram a dama em questão até o ambiente onde o fato se passou. O relato que reproduzo foi escrito e assinado pela própria senhora, dama esta da qual só posso mencionar as iniciais: N. Y. Z.. Eis o que ela escreve:

Tendo regressado recentemente do exterior, tive de alugar um quarto mobiliado numa casa antiga de Londres; não demorei a perceber que ela estava infestada de ratos, que faziam, durante a noite, barulhos de todo tipo, correndo pelo assoalho e soltando guinchos estridentes. Para me proteger desses hóspedes desagradáveis, arrumei uma linda gata, que ficou imediatamente feliz por estar em minha companhia. Gosto muito da raça felina, e a gata correspondia com efusão às minhas manifestações de afeto: ela dormia em minha cama, colocava as patas dianteiras ao redor do meu pescoço, ronronando tão forte que chegava a me impedir de dormir. Infelizmente, a gata adoeceu e, numa noite, ao voltar para casa, às 22 horas, eu a encontrei morta, para minha grande e dolorosa surpresa.

Naquela noite, os roedores recomeçaram suas estripulias; resolvi então acender a luminária a gás e ler, não me arriscando a dormir com aquelas companhias. Mas o recipiente de gás estava quase no fim e, às 3 horas da manhã, a chama se apagou. Acendi então uma lamparina e me escondi sob os lençóis, porque a presença dos pequenos roedores me causava nojo e medo. De repente, ouvi a gata miar alto. Escutei durante um minuto aproximadamente, depois resolvi levantar a cabeça e olhar para tentar desvendar o fato estranho; vi diante do biombo ao lado da cama, na altura da minha cabeça, uma espécie de disco opaco com o diâmetro de uns 30 centímetros, no centro do qual surgia, pouco a pouco, a forma de uma gata branca e preta, absolutamente idêntica àquela que tinha acabado de morrer. Ela me olhou fazendo várias vezes um movimento da cabeça igual ao da gata falecida; em seguida seu corpo ficou transparente durante alguns segundos, mas, imediatamente, adquiriu uma forma opaca mais

consistente que antes; então, vi a gata olhar para o alto, como se ali houvesse alguém. A aparição foi tão real que dirigi a palavra à gata, como quando ela estava viva, mas subitamente ela esvaeceu. No seu conjunto, o fenômeno foi de curta duração, mas durante toda a noite não fui mais incomodada pelos ratos, embora só tenha conseguido adormecer por breves períodos.

Nenhuma possibilidade havia de que outra gata tivesse entrado no quarto, pois a porta e a janela estavam bem fechadas; aliás, pela manhã, não encontrei nenhuma gata viva no quarto. Quando o fenômeno se produziu, ainda não tinha adormecido; tinha plena consciência de estar acordada.”

No acontecimento que acabamos de relatar, a descrição de um disco opaco que adquire, gradativamente, a forma da gata falecida, cujo cadáver ainda descansava no quarto, lembra bem de perto o processo habitual das materializações mediúnicas.²⁶ E como o senhor Duxbury, ao comunicar à *Light* este relato, fez questão de observar que a senhora em questão possuía faculdades mediúnicas, é, portanto, perfeitamente verossímil que ela tenha realmente assistido a um início de materialização animal. A outra circunstância, de que “os ratos não se mexeram mais durante a noite”, testemunha a favor desta interpretação, pois ela mostraria que os roedores tinham percebido, de alguma forma, o fenômeno paranormal e por isso tinham se assustado. Caso se tratasse de um caso de alucinação pura e simples, os ratos não teriam sentido o efeito e teriam continuado a perambular pelo cômodo.

Caso 123 (Mediúnico)

Este é um episódio, aparentemente explicável, a princípio, a partir da hipótese da “clarividência telepática”; encontramos uma circunstância secundária que nos leva a supor racionalmente que se trata, ao contrário, de “clarividência espiritual-telepática”. Eu o extraio do vol. III, pág. 130, dos *Proceedings of the S. P. R.*; este relato faz parte dos relatórios do doutor Hodgson sobre as

experiências com a senhora Piper. J. Rogers Reach escreve a respeito de suas pesquisas:

“... Dei à médium uma coleira de cão. Após tê-la manuseado durante algum tempo, o “doutor Phinuit”, o Espírito guia da senhora Piper, reconheceu que a coleira era de um cão que tinha me pertencido. Perguntei-lhe então se no “espaço espiritual” em que ele se encontrava existiam cães. Ele me respondeu: “Existem milhares deles”. Ele acrescentou que tentaria chamar a atenção de meu cão com a coleira. Enquanto conversávamos, ele se interrompeu para dizer: “Olha só quem está aqui! Acho que ele já sabe que você está aqui comigo, porque o vejo vir de muito longe”. Ele me descreveu então o animal ao qual fazia alusão; a descrição correspondia exatamente à do meu cão da raça *collie*. Ele, então, disse: “Agora chame-o, senhor Reach”. Dei o assobio com o qual tinha o costume de chamá-lo, e “Phinuit” exclamou: “Eis quem chega! Como ele corre! Como voa! Ele está presente; ele pula alegremente ao redor de você. Como ele está contente em revê-lo! Rover! Rover! Não. Grover, Grover! É o seu nome!”. De fato, o cão se chamava Rover, mas em 1884 eu troquei seu nome por Grover, em homenagem à eleição do presidente Grover Cleveland.”

Este incidente por si só não contém nenhuma circunstância que possa diferenciá-lo dos demais casos de “clarividência telepática”. No entanto, há um incidente paralelo que nos leva, ao contrário, a classificá-lo entre os casos “espirituais-telepáticos”. O relator continua dizendo:

“O “doutor Phinuit” me deu uma série de informações entre as quais esta aqui: ele me disse que existia constantemente perto de mim um bebê que exercia uma forte influência sobre mim, que ele estava ligado a mim por um estreito laço familiar: tratava-se de uma irmãzinha. Expliquei que não tinha irmã e que nunca tinha tido. Ele replicou: “Previa sua resposta; imaginei que ninguém jamais tenha lhe falado de sua irmãzinha falecida. Trata-se de um natimorto, e isto aconteceu alguns anos antes de sua vinda a este mundo.

Quando voltar para casa fale sobre isso com sua tia”. Não deixei de fazê-lo e soube, para minha grande surpresa, que “Phinuit” tinha dito a verdade. Minha tia me disse que, no momento em que cheguei ao mundo, o fato do bebê natimorto estava esquecido; nunca houve motivo para que me falassem sobre isso. Ora, o desconhecimento absoluto deste fato mostra claramente que a comunicação em questão não podia ser explicada pela leitura do pensamento.”

O segundo episódio não pode ser explicado a partir da hipótese da leitura do pensamento subconsciente pela simples razão de que o consultante tinha, desde sempre, ignorado o fato revelado por “Phinuit” e que, assim sendo, ele não podia ter, em seu subconsciente “resquícios mnemônicos” do fato em evidência. Se assim o é, então ele tem toda razão para acreditar que o primeiro acontecimento comunicado pela mesma personalidade mediúnica ao mesmo médium, na mesma sessão, também tinha tido uma origem extrínseca ou espiritual.

Caso 124 (Visual-sonambólico)

Passo agora aos casos que não podem ser explicados a partir da clarividência telepática. Começo por um fato curioso que ocorreu no estado de sonambulismo magnético e que extraio do livro de Adolphe d’Assier, *L’Humanité Posthume* (pág. 83). Este autor escreve:

“Por volta do fim do ano de 1869, eu estava em Bordeaux (França) e encontrei, numa noite, um amigo que ia a uma sessão de magnetismo. Ele me convidou a ir com ele. Eu aceitei o convite, feliz por poder ver de perto os fenômenos magnéticos que só conhecia de ouvir falar. A sessão não revelou nada de especial; ela foi uma repetição daquilo que acontece normalmente naquelas circunstâncias. Uma jovem servia de sonâmbula e, a julgar pela maneira como respondia aos consulentes, ela devia ser uma boa clarividente. Contudo, o que mais me surpreendeu ao longo daquela sessão foi um incidente inesperado. Lá pelo meio da noite, uma das pessoas que assistiam às experiências, ao ver uma aranha no

chão, matou-a com os pés. Imediatamente a sonâmbula exclamou: “Olhe, olhe! Percebo o espírito de uma aranha que volita!”. Sabemos que, na linguagem do médium, a palavra “espírito” significa o que chamei de “fantasma póstumo”. O magnetizador perguntou: “Sob que forma você o vê?”. A sonâmbula respondeu: “Com a forma de uma aranha”.

Naquele tempo, não sabia o que pensar daquele fato estranho. Não duvidei da lucidez da sonâmbula, mas como não acreditava em nenhuma manifestação póstuma humana, era natural que eu não acreditasse nas manifestações animais. A explicação do misterioso incidente me pareceu clara muitos anos depois, no momento em que, ao ter certeza do desdobramento humano, acabei descobrindo fenômenos análogos com os animais domésticos. Após minhas pesquisas, convenci-me de que a sonâmbula de Bordeaux não tinha sido vítima de nenhuma alucinação, como acontece algumas vezes nas sessões magnéticas, e que ela tinha observado um fenômeno objetivo e verdadeiro.”

O caso exposto é sem dúvida impressionante e a circunstância que se produziu de maneira inesperada contribui para sustentar a autenticidade paranormal do fato.

Se conseguíssemos reunir um número suficiente de incidentes desse tipo, tendo as precauções necessárias para evitar a possibilidade de uma transmissão telepática do pensamento do experimentador para a sonâmbula, daríamos, dessa forma, um grande passo para a demonstração científica da existência de um “corpo espiritual” animal absolutamente análogo ao do ser humano. É, inclusive, estranho que ninguém tenha até então tentado repetir uma experiência que é relativamente fácil, já que qualquer hipnotizador poderia realizá-la. Ao contrário, o incidente exposto permanece único; lembro-me somente de que algo semelhante aconteceu, uma vez, ao longo das sessões com o médium D. D. Home; porém, o livro²⁷ que contém o relato do incidente é impossível de ser encontrado, e devo me contentar em reproduzir algumas linhas que extraio de um artigo da *Light* (1907, pág. 311):

“Na obra publicada por Lord Dunraven, que não foi comercializada, mas somente enviada a um pequeno número de amigos, encontramos o relatório de uma sessão na qual D. D. Home, então em estado de transe, disse perceber o espírito de um cãozinho bastante conhecido por um de seus assistentes. Ora, naquele momento, o animal morria, e o médium tinha visto o espírito no instante em que ele abandonava seu corpo.”

Caso 125 (Visual)

Ele saiu nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. X, pág. 127). A senhora Gordon Jones conta:

“Sempre experimentei uma grande aversão por gatos, aversão esta que imitei de meu pai, que não podia suportar a presença deles. Assim sendo, nunca os tolerei em minha casa, até o dia em que me vi contrariada por uma invasão de ratos. A solução foi arranjar um gato comum cuja pelagem era listrada de preto e cinza, mas nunca lhe dei atenção nem tampouco permitia que ele subisse ao andar superior da moradia.

Um dia, disseram-me que o gato estava com raiva e pediram-me permissão para sacrificá-lo com afogamento. Não tive coragem de certificar-me se a informação era digna de fé e, sem pensar, dei a autorização. Pouco depois, pela tarde, disseram-me que o cozinheiro tinha afogado o gato num caldeirão. Como o animal nunca tinha sido de estimação nem sequer meu companheiro fiel, sua morte me foi indiferente.

Na noite do mesmo dia em que o animal tinha sido sacrificado, encontrava-me sozinha na sala de estar, mergulhada na leitura – estou absolutamente certa de que não pensava nem em gatos nem em fantasmas –, quando, de repente, senti o impulso de levantar os olhos e olhar na direção da porta. Eu vi, ou me pareceu ter visto, que a porta se entreabria lentamente, deixando entrar o gato morto pela manhã! Era ele, sem sombra de dúvidas, mas parecia mais magro e estava completamente molhado e pingando. Porém, a expressão do

olhar não era mais a mesma, pois ele me olhava com “olhos humanos” tão tristes que eu senti muita pena; aquele olhar ficou por muito tempo na minha memória, como uma obsessão. Estava tão certa do que via que não duvidei estar na presença tangível do gato, salvo de alguma forma do afogamento. Chamei a ama; assim que ela chegou, eu lhe disse: “O gato está aqui; leve-o para lá”. Parecia-me impossível que a doméstica não conseguisse vê-lo, pois eu o via tão nítido e real quanto a mesa e as cadeiras; mas a ama me olhou, assustada, respondendo-me: “Minha senhora, eu estava presente quando William conduziu o gato morto até o jardim para enterrá-lo”. “Mas ele está aqui – eu disse –, não está vendo perto da porta?”. A empregada não via nada; pouco depois, o gato começou a ficar transparente e desapareceu lentamente.”

É óbvio que a hipótese da “clarividência telepática” não poderia se aplicar ao caso que acabamos de relatar. Em contrapartida, entre as hipóteses às quais poderíamos recorrer para explicá-lo, temos a hipótese de telemnésia,²⁸ a qual pareceria muito menos legítima se a ama tivesse compartilhado a visão da senhora Gordon. No entanto, se lembrarmos que ela afirmara ter ficado indiferente à morte do gato e que, ao contrário, tinha por ele um sentimento de aversão – o que descartaria a principal condição de predisposição para as visões alucinatórias, ou seja, o estado emotivo –; se considerarmos, por outro lado, que quando o gato reapareceu, a mulher estava absorvida pela leitura – excluindo o fato de que ela pensava naquele momento no animal morto –; e, sobretudo, se levarmos em consideração que ela sentiu um impulso repentino e imotivado de erguer os olhos e olhar para o canto da porta, onde exatamente a aparição se produzia – circunstância que caracteriza as manifestações telepáticas entre vivos e entre vivos e falecidos –, somos levados a concluir que o fantasma do gato que apareceu para a dama consistia numa manifestação espiritual-telepática, cujo agente foi o animal sacrificado poucas horas antes.

Caso 126 (Animal-vidente)

O senhor James Coates, autor do impressionante livro *Photographing the Invisible*, enviou à revista *Light* (1915, pág. 337) o seguinte episódio de clarividência canina:

“Possuía eu um cão pomerânio chamado Toby, nosso animal preferido, e o tínhamos levado conosco a Rothesay em 1893. Aproximadamente dois anos depois, durante nossa ausência na casa, Toby foi violentamente agredido por um cão da vizinhança e não demorou a morrer por complicações decorrentes. Um mês depois, ou talvez seis semanas, deram-me, de presente, uma cadela *fox-terrier* chamada Katie. E eis o estranho acontecimento ao qual nós assistimos então. Por várias semanas, ela não ousava se aproximar do canto da cozinha onde Toby tinha o costume de se deitar, e sempre quando ela entrava na cozinha, latia descontroladamente para aquela direção, exatamente como se ela visse um outro cão.

Tinha lido e ouvido falar de outros casos de cães que viam fantasmas, que latiam para eles e que se assustavam na presença deles. Em todo caso, minha Katie, ao longo de várias semanas, teve uma atitude como se visse Toby e se assustava com isso. Como explicar de outra forma a circunstância de que ela não ousava se aproximar, e ainda menos se deitar, no canto da cozinha que Toby tinha escolhido como seu cantinho favorito quando era vivo?

Entre as boas provas da sobrevivência da alma humana, aplicamos aquela que é retirada das faculdades clarividentes de que o homem é dotado; observamos que, de fato, estas faculdades vão além de qualquer visão terrena e não dependem do exercício das faculdades sensoriais. Então, se está demonstrado que os cães possuem, por sua vez, faculdades clarividentes, que conclusão podemos tirar disso? Contento-me em responder deste modo: o que se constitui em uma boa demonstração a favor da sobrevivência da alma humana só pode se constituir também, relativamente, em uma boa demonstração da sobrevivência da alma animal.”

Com todo o rigor, este caso pode ser considerado fraco do ponto de vista probatório; de fato, como ninguém compartilhou com o animal as mesmas impressões paranormais, é impossível saber com certeza o que a cachorra em questão via no canto da cozinha. Porém, sem perder este fato de vista, de acordo com os métodos das pesquisas científicas, acrescentarei que existem situações que não permitem uma múltipla interpretação para o mesmo fato e que, conseqüentemente, permitem uma conclusão bastante precisa, inclusive na falta de testemunhas diretas. É o que parece acontecer no caso em análise. De fato, se a cachorrinha latia sem parar descontroladamente na direção do mesmo canto da cozinha onde o animal falecido tinha o costume de ficar, testemunhando tanto medo a ponto de não se aproximar e ainda menos se deitar, significa que ela reagia como qualquer cão que se encontra na presença de um homem estranho ou de um animal desconhecido. Nestas condições, o que poderíamos deduzir a não ser a conclusão lógica de que, no canto em questão, ela percebia o fantasma do cão falecido? Certamente esta conclusão pareceria bastante forçada se não conhecêssemos nenhum exemplo de visões de fantasmas por animais;²⁹ porém, já que estes exemplos são, ao contrário, freqüentes e cientificamente observados, não podemos nos impedir de explicar da mesma maneira, através da lei das analogias, o fato contado pelo senhor James Coates.

Caso 127 (Auditivo-coletivo)

Ele está presente em um artigo publicado na revista *Light* (1915, pág. 215), pelo Rev. Charles L. Tweedale, autor de diferentes livros muito interessantes sobre metapsíquica. Entre outros casos de aparições de animais, ele conta:

“Há aproximadamente dois anos – anotei o acontecimento em minha agenda –, minha mulher e a empregada estavam sentadas, numa noite, e conversavam num pequeno quarto do vicariato. De repente, elas ouviram o ronronar ruidoso de um gato próximo da senhora Tweedale. Ambas localizaram o barulho num lugar preciso, tocando na saia de minha esposa. Ele durou certo tempo; em seguida parou e elas começa-

ram a ouvir nitidamente, nesse momento, o som delicado e característico da língua de um gato quando ele bebe o leite. Sem saber o que pensar, a senhora Tweedale chamou sua gata, que não apareceu; em seguida, com a ajuda da empregada, ela esquadrinhou meticulosamente o cômodo, mas inutilmente. Elas se recompuseram e retomaram a conversa; então, quase que imediatamente, o som ruidoso do gato invisível recomeçou, ao qual se sucedeu ainda o outro som de uma língua de gato que bebe um líquido. Elas vistoriaram pela segunda vez o quarto, mas a atitude foi novamente em vão.

É preciso lembrar que, dias antes, nossa gata tinha desaparecido. Quando a minha esposa e a empregada vieram me contar o que tinha acontecido, eu lhes disse: “Isto significa que não reveremos mais nossa gata viva”. E foi exatamente assim: o pobre animal teve um fim como grande número dos gatos em nosso país, os quais são mortos cruelmente.”

Neste acontecimento, a manifestação paranormal foi totalmente auditiva, o que não invalida o valor teórico do fenômeno, incidente este que é impressionante por causa de seu caráter coletivo. De fato, a circunstância de que duas pessoas perceberam ao mesmo tempo as impressões auditivas, localizando-as exatamente no mesmo ponto, é uma garantia da autenticidade paranormal do fato. Por outro lado, é difícil duvidar da relação entre causa e efeito, ou seja, entre o desaparecimento e a morte da gata da casa e a manifestação paranormal que aconteceu na casa do Rev. Tweedale. Nós podemos nos perguntar se o caso deve ser considerado uma manifestação espiritual-telepática – ou seja, *post-mortem* –, ou então um caso telepático no instante da morte, dúvida esta que é legítima devido à falta de informações sobre o momento em que a gata foi morta. No entanto, como a gata já tinha deixado a casa fazia alguns dias e é provável que tenha sido morta no primeiro dia de seu desaparecimento, isto tornaria mais verossímil a explicação espiritual-telepática do caso.

Caso 128 (Visual-coletivo)

Eu o retiro do *Journal of the S. P. R.* (vol. XV, pág. 249); trata-se de um caso rigorosamente documentado e enviado para a publicação ao longo da semana em que ocorreu. A senhorita B. J. Green conta:

“Minha irmã H. L. Green criava uma gata da qual ela gostava muito, da raça persa puro-sangue, pelagem cinza-azulada característica, pequena, cujo nome era Smoky. Não havia na cidade outra gata da mesma raça ou que ao menos se parecesse com ela. Ao longo da primavera ela adoeceu, morrendo em meados de junho de 1909. O jardineiro a enterrou num canto do jardim, onde foi plantada uma dália. Algum tempo antes de seu falecimento, a gata tinha sido atacada violentamente por um cão, que tinha quebrado algumas de suas costelas. Por causa desse acidente, ela andava mancando, com o corpo curvado de um lado. Seu falecimento foi em consequência das lesões que ela tinha sofrido

Na terça-feira, 6 de julho de 1909, estava à mesa com minha irmã tomando o café da manhã e lendo em voz alta uma carta. Virei de costas para a janela, que estava à direita de minha irmã. De repente, vi que ela olhava do lado de fora com uma expressão de espanto misturada com medo. Eu perguntei: “O que foi?”. Ela respondeu: “Vejo Smoky andando no meio da grama!”. Nós nos precipitamos até a janela e percebemos efetivamente Smoky, aparentemente bastante doente, com o pelo eriçado e os olhos ariscos; ela mancava por cima do canteiro em frente à janela, a três ou quatro metros de nós. Minha irmã a chamou: como a gata parecia não escutar, ela correu em sua direção e continuou a chamá-la. Eu fiquei na janela e vi a gata se enfiar num caminho que dava para os fundos do jardim. Minha irmã a seguiu, sempre a chamando; mas, para sua grande surpresa, Smoky não se virava nunca, como se não escutasse nada; num determinado momento, ela se enfiou numa moita e minha irmã não a viu mais. Após dez minutos, minha irmã e uma amiga, que passava alguns dias em nossa casa, viram novamente Smoky

andando na cerca em frente à janela. Minha irmã saiu para ir ao seu encontro, mas não a viu mais. Após meia hora, ela apareceu no corredor que leva até a cozinha e foi vista pela empregada, que pegou uma tigela de leite e a levou até ela; mas a gata continuou seu caminho, saindo no jardim e desaparecendo diante da mulher.

Perguntamos aos vizinhos se eles não tinham visto uma gata parecida com nossa Smoky: ninguém tinha visto nada.

Perguntaram-nos se não tinha havido um equívoco a respeito da morte da gata, embora nossa amiga, o jardineiro e uma jovem empregada tivessem visto o cadáver. O jardineiro ficou inclusive indignado com a nossa suposição de que ele não tivesse enterrado a gata, e foi até o local desenraizar a dália e exumar o cadáver de Smoky.

Não sabíamos o que pensar daquele acontecimento, que teve quatro testemunhas: Senhorita B. J. Green, senhorita H. L. Green, senhorita Smith e Kathleen B. (a empregada). Minha irmã disse que, quando seguiu a gata pela primeira vez, ela andava rapidamente, manca de um lado, assim como ela fazia antes de morrer.”

B. J. Green

(Numa carta posterior, a senhorita B. J. Green, referindo-se à segunda vez em que sua irmã seguiu a gata, escreveu: “A gata não pulou a cerca, ela desapareceu quando estava perto dela”.)

O caso acima mencionado é bastante interessante e significativo, primeiro por causa da natureza inquestionável do fato; depois, porque o fantasma foi visto por quatro pessoas em momentos diferentes, o que elimina a hipótese de alucinação pura e simples. Tendo em vista este fato, apenas duas hipóteses podem explicar o caso: a primeira consistiria na suposição de que se tratava da visão de uma gata viva que teria sido confundida com a gata falecida; a segunda seria a hipótese espiritual-telepática. Refiro-me à primeira explicação pelo simples dever de relator, pois nossos leitores já terão percebido que esta suposição não se sustenta perante a análise das circunstâncias. Primeiramente

porque, no caso em análise, tratava-se de uma gata exótica única do seu tipo no local onde o acontecimento se passou e caracterizada por uma pelagem típica dos gatos persas, circunstâncias estas que tornariam absurdo pressupor que quatro pessoas, em plena luz do dia, tivessem podido se equivocar na identificação. Em seguida, porque observamos que a gata apareceu mancando, exatamente como o animal morto. Em terceiro lugar, porque a gata-fantasma não apresentou sinais em nenhum momento de que ouvia as pessoas chamarem-na – o que teria sido inverossímil caso se tratasse de uma gata viva, e que, em contrapartida, constitui um traço característico da maior parte dos fantasmas telepáticos e espiritual-telepáticos, que não possuem a consciência do meio em que se encontram. Finalmente, não devemos esquecer que o pequeno fantasma desapareceu inúmeras vezes diante dos percipientes de uma maneira sutil e inexplicável. Sem nada a acrescentar, o que acabo de afirmar é suficiente para demonstrar que a hipótese da visão de uma gata viva, vista por quatro pessoas que a confundiram com a gata falecida, não se sustenta diante do exame dos fatos. Somos obrigados a concluir que o episódio em questão é certamente um exemplo autêntico de aparição do fantasma de um animal defunto.

Caso 129 (Visual-auditivo-coletivo)

Mais um caso publicado na revista *Light* (1911, pág. 101). O Rev. Charles L. Tweedale, de quem já tivemos a ocasião de reproduzir um relato, comunica este outro fato interessante que, assim como o anterior, aconteceu com ele. As manifestações paranormais impressionantes ocorreram durante mais de um ano. Ele conta:

“Nos últimos cinco meses, assistimos a algumas das mais extraordinárias manifestações espontâneas que superam de longe aquelas históricas do presbitério do Rev. Wesley. Temos todos, ultimamente, escutado “uma voz direta” que nos chama pelo nome em pleno dia, e temos assistido várias vezes às aparições de um fantasma feminino, alto, vestido de branco, e que todos os membros da família puderam ver, exceto eu, que pude, nesse meio tempo, ouvir uma voz ressoar

perfeitamente nítida, como se jorrasse do ar, e na presença de toda a família. A aparição foi vista concomitantemente por várias pessoas, quase sempre em boas condições de luminosidade e, às vezes, em plena luz do dia. Por duas vezes a aparição conversou com os assistentes.

Há cerca de quinze dias, essas maravilhosas manifestações atingiram seu clímax com a aparição à luz do dia do fantasma vestido de branco, acompanhado por um cão. Numa tarde, eles foram vistos juntos por duas vezes por pessoas diferentes sucessivamente; e ainda, na mesma tarde, o cão foi visto em três ocasiões sozinho; uma vez, quatro pessoas o viram coletivamente; entre elas, minha garotinha de dois anos, que correu atrás do cão-fantasma embaixo da cama, onde ele tinha desaparecido, gritando: “Bouh! Bouh!”; asseguro que tudo isso aconteceu em plena luz do dia. Desde então, esse cão foi visto várias vezes, até bem pouco tempo.

As pessoas que viram concordam com a descrição de um cão *terrier* branco, alto, com uma mancha preta irregular nas costas, com as orelhas retas e curtas e rabo longo. Observou-se, além disto, que ele parecia sacudido por uma forte tremedeira que tomava todo o seu corpo e que sua pelagem era curta e mais luzente do que de costume. Ora, esta descrição corresponde precisamente à de um cão que me pertenceu e que morreu há aproximadamente doze anos; tinha quase esquecido de sua existência. Nenhuma das testemunhas que o viram tinha conhecido o animal vivo e nem sequer sabiam que ele tinha existido. Minha tia – já que é seu fantasma que se manifesta – morreu há seis anos; ela gostava muito do cão que a acompanha. É preciso lembrar que, como revelei agora há pouco, meu cão possuía uma exuberante vitalidade, a qual se manifestava através de uma intensa agitação que abalava seu corpo sempre que despertávamos sua atenção. Ele apresentava, além disso, uma mancha irregular nas costas, exatamente do lado direito da espinha dorsal. Não nos esqueçamos de que todos esses detalhes reais eram totalmente ignorados por aqueles que viram e descreveram o fantasma do cão.

Lembro ainda que, antes de sua manifestação, tínhamos ouvido latidos e coçadelas característicos, que se produziam ao mesmo tempo em que o fantasma feminino aparecia; porém, como nenhum de nós jamais vira fantasmas animais, esses efeitos auditivos eram inexplicáveis, até o momento em que a aparição do cão esclareceu o mistério.

O significado teórico deste acontecimento inesquecível surge de uma maneira bastante clara: ele tende a demonstrar o que logicamente deveríamos supor, isto é, que a alma do cão, assim como a de sua dona, pode sobreviver à morte do corpo.”

Neste caso é preciso, sobretudo, se ater às circunstâncias seguintes: que o fantasma do cachorro foi visto diversas vezes, quer coletivamente, quer sucessivamente, sempre à luz do dia; que, uma vez, ele foi visto por um bebê de dois anos, que correu atrás dele embaixo da cama, brincando com a ingenuidade própria de sua idade: “Bouh! Bouh!”; que ele foi descrito por pessoas que não o tinham conhecido vivo; e, por fim, que antes da manifestação do fantasma canino, as pessoas tinham escutado latidos e coçadelas característicos. Todas estas circunstâncias contribuem para excluir a hipótese de alucinação pura e simples e, ao contrário, demonstram a natureza paranormal e extrínseca da aparição.

As conclusões do Rev. Tweedale, portanto, são incontestáveis, tanto mais devido ao fato de que a aparição do fantasma do cachorro não pode ser considerada separadamente da aparição do fantasma feminino que o acompanhava durante o período memorável de manifestações espontâneas expostas em um longo relatório pelo Rev. Tweedale. Assim sendo, é razoável concluir que, se a identificação do fantasma feminino com a tia falecida do religioso em questão deve ser considerada uma boa prova a favor da sobrevivência do Espírito daquela mulher, não podemos concluir outra coisa para o fantasma do cachorro que, por sua vez, foi identificado.

Caso 130 (Visual-coletivo)

O senhor James Coates, de quem já mencionamos um relatório, enviou à revista *Light* (1915, pág. 356) a exposição deste episódio, que ocorreu perante sua família:

“Ao longo do verão de 1887, encontrava-me em Rothesay com minha família. Meu cunhado, George Anderson, de Glasgow, enviou-me de presente um belo cão, da raça *collie*. Era um animal bastante esperto e, infelizmente, muito indisciplinado. Não tinha muita paciência para educá-lo e Rover, com suas traquinagens colocava-se e nos colocava em situações embaraçosas.

Costumávamos pescar, durante a tarde, na baía de Glemburn. O cãozinho nos acompanhava e, quando subíamos no barquinho, ele aguardava nossa volta brincando livremente na praia. Tudo ocorreu bem durante aproximadamente um mês, mas um dia, o delegado de polícia me procurou informalmente para dizer que um cão igual ao meu tinha assustado um cavalo atrelado a uma carroça, e que esta tinha capotado com a mulher que estava dentro. Por causa disso, o delegado me pediu para livrarmo-nos imediatamente do cão, se não quisesse sofrer as penalidades. Impossível não acatar seu pedido; dei então o cão a um funcionário, ordenando-lhe que o levasse até a baía e afogasse o pobre animal.

Todos ficamos muito tristes com o destino imposto ao pequeno Rover, e meus filhos ficaram arrasados, porque o animal tinha se apegado a eles de maneira muito especial; porém, tivemos que obedecer à lei.

Ainda continuamos a pescar todas as tardes. Contudo, no terceiro dia após a morte de Rover, assim que voltamos, a uma pequena distância do portão de casa, todos os três ao mesmo tempo exclamamos: “Olha o Rover! É ele!”. Ele estava lá, de fato, e nos esperava na soleira da casa! Logicamente, o homem que tinha se encarregado de sacrificar o pobre animal não tinha feito nada. Foi o que pensei de imediato, e era completamente normal acreditar nisso, já que Rover estava diante de nós perto do poço, balançando o rabo

e nos olhando com um ar alegre. Então abrimos o portão e fomos até ele; mas, de repente, o cão desapareceu! Não podíamos duvidar de que o tínhamos visto efetivamente. Minha mulher afirma que Rover parecia fosforescente, mas para mim e para minha filha, era simplesmente o nosso Rover e ponto final.

Apesar de correremos o risco de ser considerados ingênuos, estamos convencidos de ter visto simultaneamente o fantasma de nosso cão Rover; ele parecia tão natural que cheguei a supor que o funcionário a quem tinha dado o cão tivesse desacatado minha ordem... Não tenho explicações válidas para isso; observo somente que o fato de três pessoas terem visto coletivamente o cão que tinha sido afogado três dias antes constitui uma prova de sobrevivência mais convincente que muitas outras que nós, espíritas, aceitamos como suficientes ao longo de nossas sessões.”

Como podemos verificar, as conclusões dos percipientes que contaram o fato coincidem entre si, afirmando assim a certeza inabalável de que eles estiveram diante de fantasmas objetivos de animais. Não podemos dizer que eles estão enganados, inclusive sob o ponto de vista rigorosamente científico; principalmente no tocante aos quatro últimos casos, que são de natureza “coletiva”, ou seja, os fantasmas animais foram percebidos por diversas pessoas, e a despeito umas das outras. Todas as circunstâncias servem para eliminar de maneira categórica a explicação alucinatória dos fatos – a única hipótese que podemos opor cientificamente àquela transcendental espiritual-telepática.

Conclusões

À espera do veredicto da Ciência

Tendo chegado ao fim desta classificação, resta-nos dirigir um olhar retrospectivo ao caminho percorrido, lembrando-nos das principais considerações que os fatos nos sugeriram e, assim, sintetizá-las.

No tocante às nossas afirmações a favor da existência real de manifestações telepáticas em que os animais fazem o papel de agente ou de percipiente, assim como no tocante aos fenômenos de assombrações ou de aparições de outra natureza, em que os animais são percipientes juntamente com o homem, não me parece nem um pouco científico levantar ressalvas ou dúvidas, pois os casos expostos nesta classificação são suficientes para fundamentar nossas afirmações. De fato, entre os exemplos relatados, temos as principais formas telepáticas de manifestação, tais como elas se realizam nos homens, assim como as formas principais pelas quais os homens percebem as manifestações de assombração, as aparições e os fenômenos paranormais similares.

Ademais, nossas conclusões são controladas de maneira decisiva por alguns dados estatísticos que podemos retirar dos 130 casos analisados neste livro. De fato, resulta da contagem que os fatos em que os animais perceberam manifestações paranormais antes do homem somam um total de 25; aqueles em que os animais pareceram perceber manifestações paranormais não percebidas pelos homens perfazem um total de 17. Portanto, este quadro é suficiente para nos autorizar algumas conclusões acerca das sugestões retiradas dos fatos em questão, e a principal que devemos tirar é a seguinte: os casos em que os animais percebem antes do homem manifestações paranormais, ou as percebem quando estas são imperceptíveis para o homem, apresentam um valor decisivo a favor de nossa tese, já que eles demonstram que não existe nenhuma hipótese racional que possa se opor àquela que considera que os animais também são dotados de faculdades paranormais subconscientes tal como o homem.

Tais conclusões, solidamente fundamentadas a partir de dados estatísticos, são ainda reforçadas pelas manifestações que coletamos na quinta categoria, onde tratamos de casos de cães “uivando para a morte”, ou seja, cães que prenunciavam, através de ganidos característicos e profundamente lúgubres, a morte iminente de uma pessoa de seu meio, e persistiam nisso até o falecimento da pessoa; manifestações estas que demonstram a existência, no subconsciente animal, de faculdades premonitórias e, conseqüentemente, de outra faculdade paranormal aliada àquelas enumeradas acima. Esse dom misterioso já era, aliás, universalmente conhecido no reino animal sob a forma de previsão de perturbações atmosféricas iminentes, ou da proximidade de terremotos e erupções vulcânicas.

Com base nos fatos apresentados, é possível afirmar, sem temer erros, que o veredicto da ciência futura só poderá ser favorável no sentido de que existem no subconsciente animal as mesmas faculdades que encontramos no subconsciente humano; e como o fato da existência latente, no subconsciente humano, de faculdades paranormais, independentes da lei da evolução biológica, constituía a melhor prova a favor da existência no homem de um espírito independente do organismo corporal e, conseqüentemente, que sobrevive à morte desse organismo, era racional e inevitável concluir a partir daí que, já que no subconsciente animal encontramos as mesmas faculdades paranormais, a psique animal está também destinada a sobreviver à morte do corpo.

Mas estas considerações, logicamente incontestáveis, necessitavam ainda de uma confirmação complementar no plano experimental. Se a hipótese da existência nos animais de uma psique que sobrevive à morte do corpo era fundamentada, deviam existir casos de aparições *post-mortem* de fantasmas animais de maneira análoga àquelas que se realizavam nos homens. Esta demonstração complementar é proporcionada ao longo de nossa classificação, onde reunimos um número suficiente de fatos desse tipo e onde deparamos com os mesmos traços característicos que servem como fatores de identificação espiritual nos casos correspondentes de fantasmas humanos.

Conseguimos, assim, demonstrar a existência de dois grupos de fatos que constituem o problema, ou seja, que no subconsciente animal encontramos as mesmas faculdades paranormais que existem no subconsciente humano e que os fantasmas dos animais falecidos se manifestam como os fantasmas humanos. Assim sendo, deveríamos considerar que tínhamos alcançado a demonstração necessária para provar a existência e a sobrevivência da alma animal.

Tal hipótese não podia ser considerada então cientificamente válida, mas somente a título de “hipótese de trabalho”, enquanto aguardamos poder julgá-la como verdade definitivamente adquirida pela Ciência, quando a acumulação dos fatos nos permitirá analisar minuciosamente este tema tão importante.

O tema tem, todavia, um nível de maturidade suficiente para nos permitir elaborar alguns resumos sobre as conseqüências filosóficas e psicológicas que apresentariam o fato da existência e da sobrevivência da alma nos animais. É o que me disponho a fazer resumidamente a fim de completar e de confirmar a tese defendida. Quero dizer que, após ter fornecido a prova experimental da existência e sobrevivência da alma animal, vou demonstrar em seguida a validade e a sua necessidade sob o ponto de vista das leis que regem a evolução biológica e psíquica dos seres vivos, bem como em nome da Justiça Eterna.

* * *

Homens de ciência que declaram convicções materialistas sustentam freqüentemente que o espírito dos animais, como o dos homens, por ser uma simples função do órgão cerebral, deixa de existir quando o órgão em questão deixa de funcionar após a morte. Nada há de incoerente nessa tese, segundo a qual o destino dos animais é igual ao do homem; mas a incoerência se revela, em contrapartida, naqueles que acreditam na existência da alma humana – tanto os adeptos de diferentes confissões religiosas quanto os adeptos das doutrinas espiritualistas – e que pressupõem que o espírito dos animais é tão imperfeitamente estruturado que não sobrevive à morte do corpo e que, por conseqüência, se desfaz nos seus elementos constitutivos, diluindo-

se praticamente no nada, exatamente como postulam aqueles homens de ciência.

Lembrarei inicialmente que professar estas teorias é bastante perigoso para a doutrina da sobrevivência da alma humana, visto que elas nos levam a assumir que uma simples diferença gradativa na evolução do espírito é suficiente para determinar seu destino, por vezes efêmero sem qualquer culpa, outras vezes imortal sem o menor mérito. Assim sendo, o que pensar do destino de uma grande parcela do gênero humano? De fato, se reconstituirmos a história da espécie humana com a ajuda da paleontologia, atingiremos um ponto em que o homem da mais remota antigüidade pré-histórica se confunde com as formas animais mais evoluídas. Se fizermos o mesmo para as raças humanas existentes, com a ajuda da antropologia, chegaremos a algumas tribos selvagens bem pouco evoluídas em relação aos animais com os quais vivem e onde a degradação dos indivíduos atinge um nível em que eles se mostram destituídos de qualquer senso moral, com uma mentalidade somente suficiente para guiá-los em suas carências materiais de sua existência miserável, mais ou menos como acontece com os animais.

Assim sendo, não podemos deixar de nos perguntar: “Qual o grau de elevação espiritual em que a alma de um indivíduo torna-se evoluída o suficiente para suportar a crise da separação do organismo corporal sem se diluir nos seus elementos constitutivos?” Teremos que considerar que nossos primeiros antepassados, tão pouco evoluídos em relação aos macacos antropóides, e certos selvagens de nosso tempo, de quem podemos quase dizer o mesmo, seriam suficientemente evoluídos espiritualmente para merecer o dom da imortalidade da alma, enquanto que um generoso representante do reino animal, que perde a vida para tentar salvar uma criança que se afoga, ou que definha de saudade junto à sepultura de seu dono, terá que desaparecer definitivamente, por não ter alcançado essa suposta barreira dos imortais?

Uma diferença gradativa na evolução espiritual dos seres não implica de forma alguma em uma diferença *qualitativa*, mas unicamente *quantitativa*, e esta não pode representar mais que uma etapa mais ou menos evoluída na escala da evolução aními-

ca. De fato, a vida, tal como ela se manifesta nos animais, é apenas a expressão exterior de um “espírito” que se encarnou *em potência*, e que só pode ser idêntico *em essência* ao espírito que se manifesta nos seres humanos mais baixos, passados ou contemporâneos – como nos povos atuais mais civilizados. Noutros termos, a vida, em todas as suas formas e em todos os casos, é a expressão num meio terrestre de um espírito que se encarnou numa determinada síntese de matéria organizada, indicando o grau de evolução que esse espírito alcançou e ponto final; pois qualquer espírito *por si só* pode ser absolutamente idêntico aos outros espíritos que animam qualquer outra síntese de matéria organizada, exceto em relação ao grau de progresso atingido.

Se tivesse que recorrer a uma imagem para ilustrar essa idéia, falaria de uma chama situada em um vaso de cristal cuja claridade reluz sem obstáculo; em seguida outra, situada num vaso de porcelana, que libera uma luminosidade atenuada; e finalmente uma terceira que, situada num vaso de esmaltada faiança ebânea, não libera nenhuma luz, exceto através das frestas que poderiam existir na tampa (fendas estas que, nos animais, corresponderiam às “saídas” através das quais emergem as faculdades de instinto e algumas vezes através das fissuras que poderiam se produzir no vaso – elas explicariam a emersão das faculdades paranormais subconscientes). Então poderíamos argumentar que o mesmo acontece com os destinos do Espírito, em suas inúmeras fases reencarnatórias, ao longo das quais o que muda são os envoltórios que ele reveste, e não o Espírito, que permanece *em potência* inalterado e inalterável.

Obviamente, para admitir este fato fundamental da evolução da vida no universo é preciso se desfazer das doutrinas pueris aprendidas durante a adolescência, segundo as quais a alma é criada do nada no instante do nascimento. Uma vez que nos desfizemos dessa crença absurda, só nos restará aderir à única doutrina capaz de explicar a evolução espiritual da vida; a da reencarnação progressiva de todos os seres vivos, doutrina esta que era intuitivamente conhecida pelos mais diversos povos, desde a antigüidade mais remota.

É por acaso anticientífico supor que a evolução biológica da espécie, ilustrada pela Ciência, seja governada por uma evolução correspondente e paralela do Espírito, que se individualizaria gradativa e lentamente, adquirindo uma consciência de si mesmo cada vez mais forte, graças à acumulação de uma série de experiências adquiridas na transição através de uma infinidade de existências vegetais, animais e humanas?

De qualquer forma, não é menos verdade que a teoria da sobrevivência da alma animal – sobrevivência esta que, como pudemos ver, se demonstra através dos fatos estudados – careceria de uma base racional se esta não fosse completada pela hipótese da reencarnação, pois não poderíamos admitir uma condição de existência espiritual dos animais em que um quadrúpede, um réptil ou um pássaro tivessem que permanecer como tais eternamente. Logo, conclui-se que as formas animais da existência terrestre, assim como as variações da raça humana, só podem ser consideradas como formas transitórias pelas quais todos os seres vivos terão de passar; sem o que a vida no Universo não se explicaria e seria sem finalidade, assim como não existiria nenhuma justiça no mundo.

Reitero este ponto: a escala infinita dos seres vivos só pode ser a expressão das manifestações da alma nas suas etapas progressivas de evolução espiritual. Aquilo que se tornou *atual* no homem, graças a uma mais longa evolução, permanece em *potencial* nos seres inferiores. A *involução* precede a *evolução*. Não é de forma alguma a matéria que determina a evolução do Espírito, é o Espírito que, para evoluir por si só, necessita de todas as fases de experiências que se pode obter na Terra e, conseqüentemente, precisa revestir, sucessivamente, todas as formas mais refinadas que lhe pode fornecer a matéria organizada. As leis biológicas da “seleção natural”, da “sobrevivência do mais capaz” e da “influência do meio” são apenas os acessórios mais indispensáveis para esta evolução; entretanto, a verdadeira causa da evolução dos seres vivos é interior e chama-se “Espírito”.

Certamente uma das melhores definições inteligíveis a respeito da natureza íntima dos processos evolutivos nas individuali-

dades vivas foi transmitida por via mediúnica a Lady Cathness e incluída em seu livro *Old Truth in a New Light*. Conquanto esta senhora fosse inglesa, a definição lhe foi inspirada em francês; eu a reproduzo fielmente.

O gás se mineraliza,

o mineral se vegetaliza,

o vegetal se animaliza,

o animal se humaniza,

o homem se diviniza.

Se aceitarmos as afirmações acima a favor da existência e da sobrevivência da “psique animal e de sua transição ascendente através da escala dos seres pelas reencarnações sucessivas até o estágio de se humanizar, uma nova luz iluminaria também o eterno problema que todos os filósofos e todos os religiosos se propuseram a solucionar: aquele da “finalidade da vida no universo”. Pobres dos povos que perderam qualquer fé a respeito do grande destino dos seres! Todos, na Itália, lembram-se das palavras desoladas pronunciadas no leito de morte pelo eminente filósofo Roberto Ardigò, que tentou se suicidar duas vezes: “Deixem-me então morrer: para que serve a vida?”. Palavras que ressoam como uma terrível condenação sobre as teorias positivistas-materialistas professadas de boa-fé por esse brilhante pensador. Somos então levados a afirmar: “Eis aí um filósofo, pelo menos coerente com suas convicções!”. Sua lamentável concepção materialista da vida o tinha levado racionalmente e inevitavelmente a concluir que a vida não tinha nenhuma finalidade, pois, se tudo termina com a morte do corpo, a troco de que ter vivido, ter contemplado por um segundo a grandeza do Universo, ter estudado durante toda uma vida, ter sofrido tanto, moralmente e fisicamente? Talvez pelo bem das gerações futuras? Contudo, se estas, por sua vez, devem desaparecer sem deixar o menor traço; se, num determinado número de séculos, em consequência do resfriamento progressivo do planeta, nosso mundo deve também morrer, com todos os seres a quem ele dá a

vida; e se é este o destino extremo de todos os mundos existentes no Universo, para que serve então o progresso da Humanidade? A troca de que cultivar a Arte, o Belo, o Bem? A febre do saber, de se dedicar a um ideal? Para que serve a vida? Para que servem os mundos? Para que serve o Universo? E, especialmente, qual é a finalidade das dores materiais e morais enfrentadas pelos seres, sem que estes as tenham pedido, o dom nefasto da vida?

Que grande frustração para uma alma evoluída como a de Roberto Ardigò! Ele não podia se impedir de contemplar, desolado, o abismo da vaidade infinita do Todo; ele não podia se impedir de se revoltar na presença desta trágica ironia do destino. Seria melhor desafiar com bravura o destino da única maneira permitida para um ser vivo: liberar-se, através do suicídio, do suplício moral de contemplar, indefeso, a tragédia do ser. Roberto Ardigò era fiel às suas convicções; mas os filósofos que compartilhavam suas convicções materialistas, e que, apesar disso, não terminaram como ele através do suicídio, são por felicidade incoerentes; o que devemos atribuir ao fato de que no âmago de seus subconscientes existe uma faísca divina que sabem ser imortal, a qual consegue transmitir para suas consciências uma vaga intuição a respeito da verdade. Assim, sem se darem conta, eles pensam de um modo e agem de outro; já Roberto Ardigò, por ter sido coerente, cometeu o suicídio.

Chegou a grande hora de dispersar, nos meios filosóficos e científicos, os vapores asfixiantes do positivismo materialista, proclamando ao mundo a boa notícia de que no cume mais ensolarado da majestosa árvore do saber humano nasceu um outro galho luxuriante e fecundo de frutos regeneradores, galho este que se chama “Ciência da Alma”, e graças à qual se pode demonstrar a vaidade, a incoerência, o equívoco da concepção materialista do Universo. Esta “Ciência da alma” demonstra também que a germinação da vida nos mundos tem por objetivo a evolução do Espírito que, tendo encarnado *em potência* na matéria, deve se elevar ao estado de uma individualidade perfeita consciente, moral, angelical, graças às experiências incontáveis adquiridas através de todas as sínteses da matéria organizada, experiências estas que se alternam em ciclos de existência espiri-

tual sempre sublimes, até alcançar os cumes supremos da identificação com Deus, finalidade suprema do ser. O que não significa de forma alguma o aniquilamento do *Eu*, mas sim sua integração com o Divino, sem nada perder de sua individualidade, como as células do organismo humano concorrem aos milhões para criá-lo, sem nada perder da individualidade que lhes é inerente. Em outras palavras: ao Microcosmo-Homem, suprema síntese polizóica e polipsíquica no domínio do Relativo, corresponde o Macrocosmo-Deus, síntese transcendental polipsíquica e una, eterna, incorruptível, infinita, no domínio do Absoluto.

* * *

Vejamos como alma, evolução e destino do ser são definidos pelas famosas sentenças filosóficas redigidas mediunicamente por Eugène Nus:

“**Alma:** porção de substância que Deus retira da Força Universal para cada individualidade. Centro de atividade assimiladora incandescente que retoma, um a um, todos os atributos do Criador.

Evolução: as moléculas simples, modificadas por atração direta, unem-se e se combinam para formar organismos diferentes: mínimos nos minerais, sensíveis nos vegetais e instintivos nos animais.

Progredir, para o ser consciente, significa se transformar, empregando racionalmente os elementos internos e externos dos quais ele dispõe.

Em graus sucessivos, o ser consciente realiza seu destino, percorrendo *moralmente* a longa caminhada da vida... vida livremente manifesta, mas subordinada às leis necessariamente determinadas pela Ordem do Universo.

A finalidade suprema das individualidades é a de contribuir para formar o ser coletivo do qual somos as moléculas inteligentes, da mesma forma que a finalidade inconsciente ou o destino das moléculas, das forças puramente instintivas, ou inclusive menos instintivas, que interagem para formar nossos organismos, é a de criar o ser individual.

Para esse *Todo*, assim como para as *partes*, a vida é um vir-a-ser perpétuo e não é igual a ela mesma em nenhum momento de sua travessia pelo tempo.”

* * *

Porém, vejo que as especulações filosóficas sobre o instigante problema do ser me fazem perder o foco da tese bem mais modesta que se constitui no objeto deste livro. Minha tese consiste num ensaio inicial para demonstrar, através de um método científico, a sobrevivência da alma nos animais. Assim sendo, é preciso retomar nosso assunto e concluí-lo, lembrando que a existência de faculdades paranormais no subconsciente animal – existência esta suficientemente demonstrada através dos casos expostos – constitui uma boa prova a favor da psique animal.

Devemos concluir, no tocante ao homem, que as faculdades em análise representam, no subconsciente, os sentidos espirituais pré-formados, aguardando para se manifestarem num meio espiritual (como as faculdades dos sentidos foram pré-formadas no embrião, aguardando para se manifestarem no meio terrestre). Se assim for, já que as mesmas faculdades se encontram no subconsciente animal, devemos logicamente concluir que os animais detêm, por seu lado, um espírito também, o qual sobrevive à morte do corpo.

Além disso, esta demonstração altamente sugestiva foi acompanhada por uma outra que lhe é complementar, e não menos válida: aquela retirada dos casos de aparição *post-mortem* de fantasmas animais identificados.

Eis o porquê da conclusão legítima de que tudo concorre para demonstrar a realidade da existência e da sobrevivência da psique animal; embora, conforme recomendam os métodos de pesquisas científicas, antes de nos pronunciarmos definitivamente a esse respeito, é necessário esperar um acúmulo posterior de fatos, para que tenhamos condições de examinar a sua gênese em relação a uma escala maior, analisando, comparando, classificando extensamente, até afastarmos toda e qualquer dúvida autêntica em relação a essa questão de uma psicologia, filosofia e moral imensamente importantes. Somente desta forma o que é,

por enquanto, apenas uma “hipótese de trabalho”, suficientemente baseada em fatos para ser levada em consideração, poderá se transformar em verdade demonstrada.

As pesquisas atuais sobre esta questão não deixam nenhuma dúvida em relação ao fato de que o veredicto da Ciência futura deverá se pronunciar neste sentido.

Apêndice

Obras de Ernesto Bozzano

- *Lo Spiritismo di fronte alla Scienza – Note polemiche in risposta al prof. Enrico Morselli* – A. Donath Editore, Genova 1901.
- *Ipotesi spiritica e teoriche scientifiche* – A. Donath Editore, Genova 1903.
- *Dei casi d'identificazione spiritica* – A. Donath Editore, Genova 1909.
- *A proposito di “Psicologia e Spiritismo” del prof. Enrico Morselli* – Luce e Ombra, Milano 1909.
- *La pazzia di Roberto Schumann e i commenti del prof. Morselli* – Luce e Ombra, Milano 1909.
- *Estella Livermore (Spigolature dalle relazioni originali di Charles Livermore)* – Filosofia della Scienza 1910 – Estratti dalla rivista “Filosofia della Scienza” 1910.
- *Telepatia e Psicometria in rapporto alla medianità di Mrs. Piper* – L. O. 1911, págs. 449-465, 557-583 – Tipografia Enrico Zerboni, Milano 1911.
- *A proposito di um recente volume di “rivelazioni medianiche”* – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1914.
- *Dei fenomeni premonitori, Presentimenti, Sogni profetici, Chiaroveggenza nel futuro* – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1914.
- *Dei fenomeni d'infestazione* – L. O. 1916, págs. 417-430, 484-504; 1917, págs. 25-58, 92-105, 161-180, 232-244, 290-307, 345-360; 1918, págs. 13-30, 86-101, 169-180, 199-210, 265-272, 309-319, 348-351 – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1919.
- *Dei fenomeni di telestesia* – L. O. 1920, págs. 57-73, 123-141, 177-192 – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1920.
- *Gli enigmi della psicometria* – L. O. 1920.
- *Musica trascendentale* – L. O. 1922.

- *Dei fenomeni di “telekinesia” in rapporto con eventi di morte* – L. O. 1921.
- *Animali e manifestazioni metapsichici* – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1923.
- *Delle comunicazione medianiche tra viventi* – L. O. 1923.
- *Dei fenomeni di ossessione e possessione* – L. O. 1926.
- *Dele manifestazioni supernormali tra i popoli selvaggi* – L. O. 1925.
- *Per la difesa dello spiritismo (A proposito della “Introduction à la Métapsychique Humaine” di René Sudre)* – Società Editrice Partenopea, Napoli 1927.
- *Pensiero e Volontà, forze plasticizzanti e organizzanti* – L. O. 1926.
- *La fotografia del pensiero* – Edoardo Tinto Editore, Roma 1927.
- *Precognizioni, Premonizioni, Profezie – La grande guerra e le profezie. Gli esperimenti di precognizione “a sedie vuota”, Precognizioni e premonizioni diverse. Premonizioni con elementi di variabilità* – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1928.
- *Le prime manifestazioni della “voce diretta” in Italia* – In appendice: T. Castellani e G. Kelley Hack, *Sedute intermedie delle prime manifestazioni della “voce diretta” in Italia* – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1929.
- *Letteratura d’oltretomba* – Tipografia Dante, Città della Pieve s.d.; Bompiani Editore, Milano 1947.
- *La crisi della morte nelle descrizioni dei defunti comunicanti* – Giuseppe Rocco Editore, Napoli 1930; Prefazione di Gastone De Boni, Fratelli Bocca Editori, Milano 1952.
- *Delle apparizioni di defunti al letto di morte* – L. O. 1906.
- *I Libri – Die physicalischen phanomene der grossen medien* – L. O. 1926.
- *Di alcune varietà teoricamente interessanti di casi d’identificazione spiritica* – L. O. 1929.
- *Dei fenomeni di “apporto”* – L. O. 1930.

- *Indagini sulle manifestazioni supernormali* – Tipografia Dante, Città della Pieve, Prima serie 1931.
- *Di un altro caso importante d'identificazione spiritica* – L. O. 1931.
- *Marche ed impronte di mani infocate* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Della "Visione panoramica" o "Memoria sintetica" nell'imminenza della Morte* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *A proposito di "Patience Worth"* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *William Stainton Moses e la critica scientifica* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Di un defunto che tutto ricorda* – M. O. 1928; Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Psicologia della Ragione umana* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Gemme – Amuleti – Talismani* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Risposta a un'obiezione troppo sovente ripetuta* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Bambini veggenti e apparizioni di defunti* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *A proposito di fantasmi materializzati e di rivelazioni trascendentali* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *A proposito di rivelazioni trascendentali* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *I sogni e la follia* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Per la difesa dell'anima* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Cervello e pensiero* – M. O. 1929; Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.
- *Perché la vita?* – M. O. 1925, Tipografia Dante, Città della Pieve 1931.

- *William Cartheuser, il nuovo medium per la “voce diretta”* – Casa Editrice Luce e Ombra, Roma 1931.
- *Materializzazioni di fantasmi in proporzioni minuscole* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Sulla natura dei fantasmi nei fenomeni d’infestazione* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Tornando alle origini. Jonathan Koons e la sua “camera spiritica”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Fenomeni metapsichici curiosi e interessanti* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Di un caso memorabile di premonizione di morte* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Criptestesia e sopravvivenza* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Il significato filosofico del dubbio* – L. O. 1929; Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *L’autobiografia di un’anima attanagliata dal dubbio* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Risposte ad obiezioni infondate* – L. O. 1924; Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *Ipotesi “inconcepibili” e ipotesi “impensabili”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1932.
- *In difesa dei fenomeni medianici ad effetti fisici* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1933.
- *Considerazioni ed ipotesi intorno ai fenomeni telepatici* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1933.
- *Simbolismo e fenomeni metapsichici* – L. O. 1907; Tipografia Dante, Città della Pieve 1933.
- *Medianità poliglotta (Xenoglossia)* – L. O. 1931; Libreria Lombarda, Milano 1933.
- *Dei fenomeni di “bilocazione”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1934.
- *Esperienze medianiche ed eventi di morte nei loro rapporti coi fenomeni d’infestazione* – L. O. 1935; Istituto di Studi Psicici, Milano 1935.

- *Delle manifestazioni olfattive d'ordine patologico, telepatico, supernormale* – L. O. 1936, Istituto de Studi Psicici, Milano 1936.
- *“Misoneismo” e “credulità degli increduli”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *“Rivelazioni trascendentali” ed obiezione “antropomorfica”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *Note polemiche sul tema dell'antropomorfismo* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *A proposito dell'obiezione circa i defunti che mai rivelarono verità scientifiche* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *A proposito di trasmissione telepatica del pensiero* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *Telepatia, Telemnesia e la legge del rapporto psichico* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *Intorno all'enigma metapsichico delle premonizioni insignificanti ed inutili* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *Intorno al noto caso di chiaroveggenza precognitiva “a sedia vuota”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *A proposito delle convinzioni spiritualiste del dottor Gustave Geley* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *Animismo o spiritismo? Quale tra i due spiega il complesso dei fatti?* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1938.
- *“Personalità medianiche” che si dichiarano “Personalità subconscienti”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1940.
- *Romanzieri di genio ed “eroi da romanzo” considerati in rapporto alle indagini psichiche* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1940.
- *Ancora l'ipotesi dell'“Etere-Dio”* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1940.
- *Di un caso interessante di possessione medianica (caso di Catanzaro)* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1940.

- *Di un caso importante d'identificazione spiritica (caso dell'arcivescovo Tommaso Reggio)* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1940.
- *Reminiscenze di una vita anteriore (caso di Ibleto di Challant)* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1940.
- *Anime che si estinguono?* – L. O. 1919.
- *Amichevole discussione con un mio critico* – Tipografia Dante, Città della Pieve 1940.
- *Popoli primitivi e manifestazioni supernormali* – Prefazione di Gastone De Boni – Edizioni L'Albero, Verona 1941.
- *Animali e manifestazioni supernormali*– Tipografia Dante, Città della Pieve 1941.
- *I morti ritornano. Per la soluzione del dibattito sui casi d'identificazione spiritica* – Casa Editrice Europa, Verona 1946.
- *Da mente a mente. Comunicazioni medianiche tra viventi* – Prefazione di Gastone De Boni – Edizione Europa. Verona 1946.
- *Le visioni dei morenti. Delle apparizioni di defunti al letto di morte* – Casa Editrice Europa, Verona 1947.
- *Luci nel futuro. I fenomeni premonitori* – Casa Editrice Europa, Verona 1947.
- *Guerre e profezie* – Casa Editrice Europa, Verona 1948.
- *La psiche domina la materia. Dei fenomeni di telecinesia in rapporto con eventi di morte* – Casa Editrice Europa, Verona 1948.
- *Gli animali hanno un'anima?* – Prefazione di Gastone De Boni – Casa Editrice Europa, Verona 1950.
- *Dei fenomeni di trasfigurazione* – Editrice “Luce e Ombra”, Verona 1967.
- *Apparizioni e telecinesi* – Edizioni del Gattopardo, Roma 1972.
- *Spiritualismo e critica scientifica* – R. S. P. 1899.
- *Animismo e spiritismo (A proposito delle recenti sedute col medium sig.ra Corner a Berlino)* – R. S. P. 1900.
- *Polizoismo e spiritismo* – R. S. P. 1900.

- *Della chiaroveggenza nel futuro considerata nei suoi rapporti col problema determinista* – R. S. P. 1900.
- *Contributo allo studio dei fenomeni d'esteriorizzazione della sensibilità e della motricità* – R. S. P. 1904.
- *Mrs. Piper e il problema della subconscienza (Studio analitico sui fenomeni metapsichici considerati all'infuori dell'ipotesi spiritica e in napporto alla legge di evoluzione)* – L. O. 1906.
- *Cesare Lombroso e la psicologia supernormale* – “L'opera di Cesare Lombroso nella cienza e nelle sue applicazioni) – Fratelli Bocca Editori, Torino 1906.
- *A proposito di evolucionismo e di subconscienza (Al Chiarissimo Prof. Domenico Ruggeri)* – L. O. 1907.
- *Polemichetta evoluzionista (Al Chiarissimo Prof. Domenico Ruggeri)* – L. O. 1908.
- *Per la identificazione personale dei defunti* – L. L 1908.
- *Un'ultima parola al prof. Domenico Ruggeri* – L. O. 1908.
- *Per l'identificazione spiritica* – L. O. 1910, págs. 71-73.
- *Considerazioni ed ipotesi sui fenomeni di bilocazione* – L. O. 1911.
- *Calderoni: “Libero-arbitrio, determinismo, reincarnazione* – L. O. 1911.
- *In tema di reincarnazione* – L. O. 1914.
- *Della subconscienza e delle sue funzioni secondo il prof. James Hyslop* – Filosofia della Scienza 1914.
- *Per fatto personale* – L. O. 1914.
- *Dei fenomeni premonitori* – L. O. 1912.
- *Vincenzo Cavalli: “Parlando coi morti”* – L. O. 1916.
- *Per la dinamica di alcuni fenomeni (iedianici)* – L. O. 1919.
- *Percezioni psichiche e animali* – L. O. 1920.
- *Il movimento spiritualista in Inghilterra e in Francia* – L. O. 1921.
- *Di un caso drammatico de identificazione spirita* – L. O. 1921.
- *Esistono le fate?* – L. O. 1921.
- *A proposito di materializzazioni* - L. O. 1921.

- *Qualche considerazione sul movimento spiritualista in Inghilterra* – L. O. 1922.
- *Considerazioni intorno al “Traité de métapsychique” del prof. Charles Richet* – L. O. 1922.
- *Psicologia delle convinzioni* – L. O. 1922.
- *A proposito delle sedute alla “Sorbonne” con Eva C.* – L. O. 1922.
- *Le modalità della trasmissione telepatica* – L. O. 1922.
- *Intema di metapsichica* – L. O. 1922.
- *R. Pavese: “Il meccanismo della coscienza”* – L. O. 1922.
- *Facoltà supernomali subconscienti ed evoluzione biologica della specie* – L. O. 1923.
- *Le esperienze del prof. Haraldur Nielsson* – L. O. 1923.
- *A proposito di “Cristofania”* – L. O. 1923.
- *La storia di Stasia* – L. O. 1923.
- *Considerazioni sull’opera “Metapsichica moderna” del dott. William Mackenzie* – L. O. 1923.
- *Considerazioni intorno al significato metafisico del “moto”. A proposito del libro del prof. Romano Bianchi: “Sintesi scientifica, o la risonanza universale”* – L. O. 1924.
- *Inchiesta internazionale sulla “Questione Metpsichica”. Corrispondenza del sig. Ernesto Bozzano* – L. O. 1924.
- *Di un libro meritevole di essere largamente conosciuto* – L. O. 1924.
- *Una lettera del prof. Charles Richet a Ernesto Bozzano* – L. O. 1924.
- *Il problema dell’identificazione spiritica e i metodi d’indagine del Rev. F. Edwards* – L. O. 1924.
- *Ciaroveggenza nel futuro, Fatalismo e libero arbitrio* – M. O. 1925.
- *Spiritualità. Conferenze medianiche* – M. O. 1925.
- *A proposito della quarta dimensione* – M. O. 1925.
- *A proposito delle esperienze del prof. De Szmurlo* – L. O. 1925.

- *Di un nuovo libro di esperienze medianiche straordinarie* – L. O. 1925.
- *A proposito della nuova teoria sulla “sopravvivenza temporanea”* – L. O. 1925.
- *A proposito di “sopravvivenza temporanea”* – L. O. 1925.
- *“Medianità chiaroveggente” e “psicometria”* – L. O. 1925.
- *Il ritorno de Oscar Wilde* – L. O. 1925.
- *A proposito delle esperienze di H. Dennis Bradley* – L. O. 1925.
- *Il ritorno de Lord Northcliffe* – L. O. 1925.
- *In difesa dell’Anima* – M. O. 1926, págs. 6.
- *Considerazioni intorno ad una veggente inglese* – M. O. 1926.
- *Polemichetta vana e inutile* – M. O. 1926.
- *Bradley – Verso le stelle* – M. O. 1926.
- *Per la difesa dello spiritismo* – M. O. 1926.
- *“A rivederci, non già addio”* – L. O. 1926.
- *Di un nuovo libro di H. Dennis Bradley* – L. O. 1926.
- *Le indagini degli umili* – L. O. 1926.
- *Archeologia supernormale* – L. O. 1926, págs. 529-537, 1927.
- *Una lettera del senatore Alessandro Chiappelli* - L. O. 1927.
- *Precognizioni, premonizioni, profezie* – L. O. 1927.
- *Jesse Shepard il medium*– L. O. 1927.
- *Le prime manifestazioni della “voce diretta” in Italia* – L. O. 1927.
- *Incidenti frammentari ma importanti d’identificazione spiritica* – L. O. 1928.
- *Precognizioni, premonizioni, profezie. La grande guerra e le profezie* – L. O. 1928.
- *Una “voce diretta” che conversa in lingua cinese* – L. O. 1928.
- *Obiezioni infondate e relativi schiarimenti* – L. O. 1928.
- *Prime manifestazioni della “voce diretta” in Italia (Ripresa delle esperienze)* – L. O. 1928.
- *A proposito di “clichés astrali”* – L. O. 1928.

- *A proposito delle esperienze di Millesimo (Risposta ai miei critici)* – L. O. 1929.
- *Esperienze di “voce diretta” in piena luce* – L. O. 1929.
- *Note polemiche in risposta al prof. Rudolf Lambert* – L. O. 1929.
- *Ragguagli complementari intorno alle esperienze di “voce diretta” in piena luce* – L. O. 1929.
- *A proposito dello spirito picchiatore di Hydesville* - L. O. 1929.
- *Esperienze di “voce diretta” agli Stati Uniti* – L. O. 1929.
- *Rivelazioni trascendentali* – M. O. 1929.
- *Tornando alle origini* – M. O. 1929.
- *A proposito delle “Conversazioni” tra Spiriti intercettate con la “voce diretta”* – L. O. 1930.
- *Risposta a un terzo attacco del Prof. Rudolf Lambert* – L. O. 1930.
- *Schiarimenti e rettifiche* – L. O. 1930.
- *Di un caso interessante di identificazione spiritica* – L. O. 1930.
- *Il ritorno dal capitano Hinchliffe* – L. O. 1931.
- *Sulle possibilità di frode con la “voce diretta”* – L. O. 1931.
- *In morte de Angelo Marzorati* – L. O. 1931.
- *Il medium Valiantine accusato di frode per le “impronte digitali”* – L. O. 1932.
- *Le indagini psichiche di un uomo d'affari* – L. O. 1932.
- *Critiche e rettifiche al libro di Padre Giovanni Battista Alfano* – L. O. 1933.
- *Mrs. Ingeborg Dahl (La nuova medium norvegese)* – L. O. 1933.
- *Le conversazioni di un magistrato con gli amici forensi defunti* – L. O. 1933.
- *Sulle modalità con cui si estrinsecano le comunicazioni medianiche* – L. O. 1933.
- *Le indagini psichiche di un Ministro della Chiesa Anglicana* – L. O. 1933.

- *Breve storia dei picchi medianici* – L. O. 1933.
- *Libero-arbitrio e chiaroveggenza nel futuro nei messaggi medianici di “Lady Nona”* – L. O. 1933.
- *Di un caso di “xenoglossia” nella lingua dei faraonici* – L. O. 1933.
- *W. Stainton Moses e gli Studi psichici* – Estratto da “La Nuova Parola”.
- *Dei fenomeni di transfigurazione* – L. O. 1934.
- *A proposito dei “Fanciulli-controllo” che non crescono mai* – L. O. 1934.
- *Sempre a proposito dei “Fanciulli-controllo”* – L. O. 1934.
- *Nel Tibet misterioso* – L. O. 1934.
- *Perplesità teoriche che non hanno ragione di esistere* – L. O. 1934.
- *Messaggio al Congresso Internazionale Spiritualista di Barcellona* – L. O. 1934.
- *Corpo eterico ed esistenza spirituale* – L. O. 1934.
- *Da “Il libro delle cure” di un celebre ipnotizzatore* – L. O. 1934.
- *Nel circolo sperimentale di un dottore in medicina* – L. O. 1934.
- *Sulle esperienze dei coniugi Taylor con la medium Kate Fox* – L. O. 1935.
- *Vampirismo allo stato normale, anormale, medianico* – L. O. 1935.
- *“Forme del pensiero vitalizzate” ed “Eroi da romanzo”* – L. O. 1935.
- *Notevoli intuizioni filosofiche e scientifiche tra i selvaggi africani* – L. O. 1935.
- *Spigolature dall’autobiografia de una scrittrice inglese* – L. O. 1935, págs. 454-468.
- *Non più lagrime* – L. O. 1935, págs. 513-527.
- *Il sentimento della “immedesimazione in Dio” nei grandi mistici* – L. O. 1935, págs. 569-576, 616-623.

- *Sulla riproduzione medianica delle crisi preagoniche nei defunti comunicanti* – L. O. 1935, págs. 657-667; 1936, págs. 8-14.
- *Breve risposta alle osservazioni di due critici* – L. O. 1936, págs. 168-170.
- *A proposito degli studi del prof. Calligaris* – L. O. 1936, págs. 314-316.
- *I miracoli degli Evangelisti e i fenomeni metapsichici* – L. O. 1936.
- *Le indagini psichiche di un dubitatore irriducibile* – L. O. 1937.
- *Nelle Indie con “fachiri”, “yogis” e “rischees”* – L. O. 1937.
- *A proposito di “libero arbitrio” e di “determinismo”* – L. O. 1937.
- *Di un fantasma infestatore che si pervenne a fotografare* – L. O. 1937.
- *Di un caso interessante di “Apparizioni di defunti al letto di morte”* – L. O. 1937.
- *Le materializzazioni di “Maria da danzatrice” nelle esperienze con la Florence Cook* – L. O. 1937.
- *Spigolature dal diario di una “sensitiva”* – L. O. 1937.
- *La fanciullezza di Gesù secondo un dettato medianico* – L. O. 1938.
- *Di due celebri compositori musicali che si manifestano medianicamente* – L. O. 1938.
- *Di un interessante fenomeno fonico paranormale* – L. O. 1938.
- *Di due recenti episodi supernormali con caratteristiche poco comuni* – L. O. 1938.
- *Di un caso interessante di “personalità alternanti”* – L. O. 1938.
- *Incidenti di estrinsecazione medianica dai quali emergono quesiti da risolvere* – L. O. 1938.
- *Il ritorno di Sir William Barrett* – L. O. 1938.
- *Fenomeni supernormali di ordine spontaneo* – L. O. 1938.
- *A proposito di trucchi* – L. O. 1938, págs. 181-184.

- *Ancora di “Miss Rosemary”* – L. O. 1939, págs. 6-15, 71-76, 134-139.
- *L’auto-psicoanalisi di una veggente* – L. O. 1939, págs. 197-207.
- *Sugli “stati profondi dell’ipnosi” considerati in rapporto al “senso dell’attaccamento alla vita”* – L. O. 1939.
- *Notevoli esperienze medianiche della contessa Nora Wydenbruck* – L. O. 1939.
- *Il curioso fenomeno dell’asporto delle giacche dei medium*– L. O. 1/1947.
- *Di una grande avventura toccata a “un duro a convincere”* – L. O. 2/1947.
- *L’ipotesi spiritica e la criptestesia* – L. O. 4/1953.
- *Intorno alla “criptestesia” e alle modalità per cui si estrinseca* – L. O. 5/1953.
- *Criptestesia, animismo e spiritismo* - L. O. 1/1954.
- *Rapporto psichico e criptestesia (A proposito del “Traité de Métapsychique” del prof. Charles Richet)* – L. O. 2/1954.
- *Sempre a proposito di criptestesia* – L. O. 3/1954.
- *I precursori dello spiritismo* – L. O. 4/1957.
- *Reminiscenze di una vita anteriore* – L. O. 1994.
- *Archeologia paranormale: l’Abbazia di Glastonbury* – L. O. 1998.
- *Un caso interessante* – L. O. 1999.
- *I fatti di Hydesville* – L. O. 2001.

FIM

Notas:

- ¹ Autor do clássico *As Minas do Rei Salomão*, traduzido para o português por Eça de Queiroz, entre outras grandes obras. (Nota da Editora)
- ² Conforme a vivência dramatizada durante o sono do escritor – em que gemia e emitia sons desarticulados *tal qual um animal ferido* –, Ernesto Bozzano sinaliza a hipótese de *prosopopese espontânea*, por meio da qual o paciente representa as sensações percebidas. (N.E.)
- ³ *Metapsíquica* – Segundo seu criador, o professor Charles Richet, esta tem por “objetivo os fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devido a forças que parecem ser inteligentes ou a poderes desconhecidos latentes na inteligência humana” (*Traité de Métapsychique*, pág. 5, ed. 1922). (N.E.)
- ⁴ *Criptestesia* – Faculdade de conhecer fatos ou coisas pela percepção paranormal, sem o concurso dos órgãos sensoriais. Richet faz uma distinção entre *criptestesia* e *metagnomia*; esta é o “conhecimento” do fato, aquela a “sensibilidade” que torna possível esse “conhecimento”. É o mesmo que *função Psi*, *percepção extra-sensorial* e *telestesia*. (N.E.)
- ⁵ *Clarividência* – R. Tischner define: “Entendemos por clarividência o conhecimento extra-sensorial de fatos objetivos dos quais não fomos informados, sendo que a percepção pelos sentidos comuns é excluída. Esses fatos (acontecimentos, objetos) devem pois fugir completamente a ação dos sentidos, quer estejam esses acontecimentos perto do médium (criptoscopia), quer estejam a uma distância que torna inacessíveis aos sentidos (telescopia, clarividência no espaço), quer, enfim, estejam afastados no tempo (clarividência no tempo); no último caso é necessário ainda distinguir a vidência no passado (retroscopia) e a vidência no futuro (profecia)”. (N.E.)
- ⁶ As primeiras pesquisas em torno da telepatia começaram na França, em 1825, quando foram feitas experiências com magnetismo. Entretanto, somente em 1876, por iniciativa de Willi-

am F. Barrett, que ressaltou a “ocorrência da transmissão do pensamento independentemente do magnetismo animal”, a *Society for Psychical Research*, presidida por H. Sidgwick, assumiu as pesquisas oficialmente. Utilizando metodologia científica, estavam à frente dos trabalhos Fredrich W. H. Myers e Edmund Gurney (morrendo Gurney, Frank Podmore o substituiu), que escreveram o livro *Phantasms of the Living*. Em seguida, foi criada uma Comissão para o Estudo da Telepatia.

⁷ A título de informação – sem maiores implicações teóricas –, conforme definição do pesquisador C. Piccone Chiodo, a médium Wera Krijanowsky teria permitido a ocorrência do fenômeno fotofórico, isto é, o aparecimento de uma “luminosidade mais ou menos dilatada”.

⁸ Conhecida como Madame E. d’Espérance, a médium inglesa Elisabeth Hope é autora da obra *Shadow Land – Light from the Other Side*, publicada em 1899. (*)

(*) Essa obra foi publicada no Brasil pela editora FEB, sob o título *No País das Sombras*. (Nota do revisor)

⁹ *Bilocação* – Fenômeno projetivo pelo qual o corpo espiritual da pessoa – em transe ou durante o sono – transporta-se para outro local, distante do corpo físico, com aparência de realidade, ou com tangibilidade real. Vide obra de Bozzano, *Fenômenos de Bilocação*, que trata especificamente desse assunto. (N.E.)

¹⁰ A *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* foi criada por Gabriel Delanne em julho de 1896 e circulou até 1926, quando foi absorvida por *La Revue Spirite*. Madame Carita Borderieux era diretora da revista *Psychica* – 23 Rue Lacroix, Paris, XVII, France –, que tinha como subtítulo *Revue Scientifique du Psychisme*. Seu primeiro número foi lançado em 15 de março de 1921. Deixou de circular em 1940. (N.E.)

¹¹ O estudo em torno das *aparuições* (do latim *apparitionem*) passa necessariamente por uma definição precisa: é o aparecimento de uma Entidade, desencarnada ou encarnada. Se desencarnada, pode ser vista em sonho ou por uma materializa-

ção (ectoplasma); se encarnada, em sonho ou em vigília. A rigor, convém distinguir *aparicção* e *visão*: temos a *aparicção* quando o Espírito se deixa ver materializado e a *visão* quando ele é visto por meio de vidência.

As *aparicções*, portanto, podem ser classificadas em:

- *Vaporosas*: podem apenas ser vistas; não é possível tocá-las;

- *Tangíveis*: podem ser tocadas e apalpadas; são as materializações;

- *Luminosas*: aparecem com uma certa luminosidade; podem ser tangíveis ou vaporosas. (N.E.).

¹² *Desdobramento* – Fenômeno supranormal, também denominado “bilocação”, no qual o Espírito se afasta temporariamente do corpo físico durante a existência terrestre. (N.E.)

¹³ Espécie de “parasitose mental”, o *vampirismo* é uma forma de simbiose, processo pelo qual uma Entidade espiritual suga a vitalidade de uma pessoa. “Entre os vários elementos – explica o professor J. Herculano Pires –, coisas e seres que agem sobre o comportamento humano, o mais perturbador e o que mais profundamente ameaça as estruturas físicas e espirituais do ser humano é o vampirismo, porque é a atuação consciente de um ser sobre o outro, para deformar-lhe os sentimentos e as idéias, conturbar-lhe a mente e levá-lo a práticas e atitudes contrárias ao seu equilíbrio orgânico e psíquico.” (*Vampirismo*, Editora Paidéia, São Paulo, SP). (N.E.)

¹⁴ *Simbolismo e Fenomeni Metapsichici* (1907).

¹⁵ Embora o tema central de sua pesquisa seja “as manifestações psíquicas nos animais”, cuja sobrevivência busca demonstrar com o “princípio de finalidade”, Ernesto Bozzano não prescinde da atitude de isenção, ou seja, a imparcialidade científica no tocante à metodologia de trabalho.

A rigor, o princípio da neutralidade científica é aquele segundo o qual o pesquisador situa-se em uma posição de isenção e imunidade, com base em sua racionalidade objetiva, de modo que não formule qualquer juízo de valor, nem manifeste suas preferências pessoais. (N.E.)

-
- ¹⁶ O fenômeno de “assombramento” ocorre nos mais diversos tipos de imóveis e lugares, onde Espíritos turbulentos atuam, mas sempre com o concurso de um médium – não acontece fenômeno sem médium –, que deve estar no local ou nas imediações. Sem sua presença os Espíritos não teriam como captar fluido mediúnic para efetuarem os efeitos físicos. (N.E.)
- ¹⁷ O autor se refere à obra *Dei Fenomeni d’Infestazione*. (N.E.)
- ¹⁸ Fenômeno denominado *zootropia*, pelo qual a Entidade apresenta-se com seu corpo espiritual em forma de algum animal. (N.E.)
- ¹⁹ *Psicometria* – Capacidade que permite ao sensitivo obter informações a respeito de pessoas, animais e acontecimentos por meio de objetos a eles relacionados. Vide obra de Bozzano, *Os Enigmas da Psicometria*, que trata especificamente desse fenômeno. (N.E.)
- ²⁰ Ernesto Bozzano analisou esta particularidade do fenômeno na obra *Indagini sulle Manifestazioni Supernormali*. (N.E.)
- ²¹ *Voz direta* – Fenômeno mediúnic em que a voz ressoa no ambiente diretamente, sem ser emitida por cordas vocais de nenhum ser encarnado. Também conhecida por *pneumatofonia*. (N.E.)
- ²² O pensamento teria a capacidade de modelar a matéria psíquica. (N.E.)
Vide, a esse respeito, a obra de Bozzano *Pensamento e Vontade*, que aborda, especificamente, a questão da força do pensamento e a capacidade de “materialização plástica” pela vontade do Espírito – tanto encarnado quanto desencarnado. (Nota do revisor).
- ²³ Vide obra de Bozzano, *Animismo ou Espiritismo?*, que trata especificamente da estreita ligação – e, conseqüentemente, a interdependência – entre esses dois fenômenos: *animismo* e *espiritismo*. (Nota do revisor).
- ²⁴ *Alucinações hipnagógicas*: Ilusões e visões experimentadas nos primeiros instantes do sono. (N.E.)

-
- ²⁵ *Alucinações hipnopômicas*: Transe no despertar incompleto após o sono. (N.E.)
- ²⁶ O fenômeno de *ectoplasma* está claramente caracterizado; como foi dito, a Senhora N. Y. Z. possuía mediunidade. (N.E.)
- ²⁷ O Episódio encontra-se na obra *Experiences in Spiritualism with D. D. Home* (pág. 243), de Lord Dunraven. (N.E.)
- ²⁸ *Telemnésia*: Expressão criada por James Hyslop para explicar a suposta faculdade de alguns sensitivos de penetrar o subconsciente de outras pessoas e obter informações. A hipótese telemnésica é similar à hipótese criptestésica-espírita – conforme Léon Corceller –, que explica a transmissão do pensamento entre encarnados. (N.E.)
- ²⁹ Bozzano destaca a ocorrência constante da zoovidência, isto é, a faculdade anímica entre animais de verem Espíritos desencarnados. (N.E.)